

**CLEIDE FÁTIMA CARVALHO**

# **Ilar Garotti:**

**VIDA, FORMAÇÃO E RELIGIOSIDADE**

UBERLÂNDIA, MG

2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**CLEIDE FÁTIMA CARVALHO**

# **Ilar Garotti:**

## **VIDA, FORMAÇÃO E RELIGIOSIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Maria dos Santos.

Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação.

UBERLÂNDIA, MG

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

331i Carvalho, Cleide Fátima, 1966-  
Ilar Garotti : vida, formação e religiosidade / Cleide Fátima Carva-  
lho. - 2007.  
170 f. : il.

Orientadora: Sônia Maria dos Santos.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Pro-  
grama de Pós-Graduação em Educação.  
Inclui bibliografia.

1. Garotti, Ilar, 1960- - Teses. 2. Educadores - Uberlândia (MG) -  
Teses. I. Santos, Sônia Maria dos. II. Universidade Federal de Uberlândia.  
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37.011.31(815.12\*UDI)

---



## **Eu bem sei que ...**

**É preciso continuar, eu não posso continuar,  
é preciso pronunciar palavras enquanto as há,  
é preciso dizê-las até que elas me encontrem,  
até que me digam ... estranho castigo,  
estranha falta, é preciso continuar,  
talvez já tenha acontecido,  
talvez já me tenham dito,  
talvez me tenham levado ao  
limiar de minha história,  
eu me surpreenderia  
se ela se abrisse.**

**(FOUCAULT, 1996, p.6)**



# **BANCA EXAMINADORA**

---

**Dra. Sônia Maria dos Santos – Orientadora  
PPGE – FACED/UFU**

---

**Dr. Geraldo Inácio Filho  
PPGE – FACED/UFU**

---

**Dr. Sérgio Pereira da Silva  
UFG – Campus Catalão**





# **AGRADECIMENTOS**

**Primeiramente a Deus, por ter me proporcionado tamanhas provações, crescimento e amadurecimento neste período. Por abrir e orientar novos caminhos, pela minha história e pelos muitos sonhos a serem realizados.**

**Ao meu companheiro pela motivação, pelo suporte, pela fé e paciência nos momentos difíceis.**

**Aos meus filhos, presentes de Deus, pela grande ajuda, amor e compreensão.**

**À Prof.<sup>a</sup> Sônia por ter me auxiliado na busca do conhecimento científico. E, pelas marcas que deixou na minha vida pessoal e profissional.**

**Aos professores Dr. Geraldo Inácio Filho e Dr. Sérgio Pereira da Silva pela leitura cuidadosa, orientações e sugestões precisas para a conclusão desse estudo.**

**À Ilar Garotti pela concessão das entrevistas pela presteza ao me receber e por compartilhar este projeto que revela de forma singular suas vivências, experiências e sua história de vida.**

**Ao Osmar, pela amizade, pela leitura atenta do texto, pelas dicas importantes e pela contribuição coerente na consecução deste trabalho.**

**Aos Amigos: Carlos Edinei, Waldilena, Manoel, Zilda, Admário, Sandra, Sérgio, Renata, Ana Emília, Tânia Cristina, Flávio, Vanessa, Michele, Kátia, Júlio, Ilsa, Andréia, José, Ângela, Alexandre e Leni, pelo ombro amigo, pelos momentos compartilhados, pelo apoio preciso e pela presença que ficará para sempre guardada em minha memória.**

**Aos técnicos Carlos, James e Geane pela grande ajuda, presteza e paciência.**

**Aos meus Irmãos, Cunhadas e sobrinhos, pelos momentos de compreensão, alegria, lazer, carinho e companheirismo que juntos desfrutamos.**

**À Adelaide minha mãezinha na vida terrestre pelas orações, cuidados, amor e apoio nessa caminhada.**

**Aos Amigos do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia pelo apoio e afeto expressado nos abraços, palavras e ações.**

**Aos amigos internautas, que nos momentos de desespero, solidão e angústia me fortaleceram enviando mensagens e palavras de conforto.**

**À PROREH pela liberação parcial, que foi fundamental para a realização do Mestrado.**

**Às pessoas que sabem que foram verdadeiros Mestres em minha vida, dos quais me apoiaram, me fortaleceram e fizeram com que eu me tornasse um ser humano melhor.**

**Enfim, a TUDO e a TODOS, o meu Muito Obrigada!**



## RESUMO

Este estudo aborda as nuances da vida de Ilar Garotti, bem como as representações de suas vivências. Nesse processo, as histórias da pesquisadora e da narradora conotaram a importância da formação na vida do sujeito e como as escolhas refletem e interferem na vida pessoal e profissional de cada uma. Assim, através da narrativa de Ilar Garotti, foram tecidos fragmentos representativos da história do ser professora, religiosa, a formação de professores e a influência do discurso religioso e da mídia no cotidiano da educação. Neste estudo desvelou-se alguns aspectos da trajetória desta educadora, buscando, pelas condições sócio-históricas, descortinar as suas escolhas e ações no interior do campo educacional. Através da História Oral, buscou-se analisar e escrever sobre a vida de Ilar Garotti. Nesse processo, tentou-se compreender como uma vida se constitui por meio de diferentes e inúmeras experiências que explicitaram historicamente, apontando para as condições nas quais elas se produziram e reproduziram nas redes de sociabilidade nas quais se inscreveram. O objetivo principal deste estudo foi investigar, em meio às interfaces do cotidiano, aspectos simbólicos e singulares que pudessem auxiliar a revelar a história de vida da professora, bem como suas contribuições para o processo educacional de Uberlândia – Minas Gerais. Certamente, aqui, não foi possível e nem era pretensão deste estudo esgotar e revelar todas as questões da trajetória pessoal e profissional de Ilar Garotti, tarefa impossível em qualquer perspectiva que se adote. Mas acredita-se que, através de sua narrativa, pôde-se abordar os aspectos que foram significativos na sua trajetória no campo educacional, na interseção com sua experiência religiosa e feminina, como fio a conduzir e costurar o relato de sua vida. Esses aspectos têm, no sentido interpretativo, uma intrínseca relação dos acontecimentos vividos, do seu compromisso com a educação e com o discurso religioso no cotidiano da educação feminina.

Palavras-chave: vida, profissão docente e religiosidade



## RESUMEN

Este estudio aporta aspectos de la vida de Ilar Garotti, bien como las representaciones de sus vivências. En ese proceso, las histórias de la pesquisadora y de la narradora conllevan la importância de la formación en la vida del sujeto y como las elecciones reflejan e interfieren en la vida personal y profesional de cada uno. Así, a través de la narrativa de Ilar Garotti, fueron tecidos fragmentos representativos de la história del ser profesora, religiosa, la formación de profesores y la influência del discurso religioso y de los medios de comunicación en el cotidiano de la educación. En este estudio se develou algunos aspectos de la trayectoria de esta educadora, buscando, por las condiciones sócio-históricas, por así aclarando sus elecciones y acciones en el interior del campo educacional. A través de la História Oral, se buscou analizar y escribir a respecto de la vida de Ilar Garotti. En ese proceso, hemos intentado comprender como una vida se constitui por medio de diferentes y inúmeras experiências que explicitaron historicamente, apuntando a las condiciones en las cuales ellas se han producido y reprodujeron en las redes de sociabilidad en las cuales se inscribieron. El objetivo principal de este estudio fue investigar, en medio las interfaces del cotidiano, aspectos simbólicos y singulares que pudiera auxiliar a desvelar la história de la vida de la profesora, bien como sus contribuciones para el proceso educacional de Uberlândia – Minas Gerais. Ciertamente, aquí, no fue posible y ni era pretensión de este estudio findar y revelar todas las cuestiones de la trayectoria personal y profesional de Ilar Garotti, tarea imposible en cualquier perspectiva que se adopte. Mas se cree que, a través de su narrativa, se puede aportar los aspectos que fueron significativos en su trayectoria en el campo educacional, en la intersección con su experiência religiosa y femenina, como fio a conducir y coser el relato de su vida. Esos aspectos tienen, en el sentido interpretativo, una intrínseca relación de los acontecimientos vividos, de su compromiso con la educación y con el discurso religioso en el cotidiano de la educación femenina.

Palabras-claves: vida, profesión docente y religiosidad



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Família Garotti – Avós Romano Garotti e Maria Balducci .....	37
Figura 2 - Egidio (pai), Ângela (mãe). Irmãos: Ivoni, Iversen, Ivan, Ivar e Ilar .....	38
Figura 3 - Colégio Sagrado coração de Jesus – 1ª série e Formatura de Normalista .....	39
Figura 4 - Instituto complementar São José – Campinas - SP .....	40
Figura 5 - Diretora da Faculdade de Filosofia.....	41
Figura 6 - Conselho Diretor da UFU .....	45
Figura 7 - Secretária Municipal de Educação.....	49
Figura 8 - A família, seus irmãos: Ivoni, Iversen, Ivan e Ivar.....	51
Figura 9 - Residência em Jardinópolis .....	52
Figura 10 - Formatura da 4ª série .....	57
Figura 11 - Instituto Complementar São José – Campinas – São Paulo .....	58
Figura 12 - Noviciado em Campinas.....	59
Figura 13 - Faculdade de Filosofia.....	70
Figura 14 - Ministro da Educação Ney Braga, Ir. Odélcia Leão Carneiro e Ilar Garotti	71
Figura 15 - Ilar Garotti e Rondon Pacheco.....	72
Figura 16 - Homenagens recebidas no ano 2000 Cidadã Uberlandense e Título de educadora do ano 2000.....	81
Figura 17 - Colégio Sagrado Coração de Jesus – Cruzada Eucarística.....	93
Figura 18 - Lembrança da Profissão religiosa.....	98
Figura 19 - Profissão religiosa - Ângela (mãe), Dom Agnelo, Ilar, Ida, Pe. Tomaz....	101
Figura 20 - Odélcia Leão Carneiro e Ilar Garotti .....	103





# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>	
 <b>CAPÍTULO I</b>		
<b>ILAR POR ILAR.....</b>	<b>37</b>	
1.1 – A construção de uma história de vida.....	37	
 <b>CAPITULO II</b>		
<b>ILAR GAROTTI: A PROFISSÃO DE PROFESSORA.....</b>	<b>55</b>	
2.1 – Caminhos de formação da narradora.....	55	
2.2 – A formação docente: o contexto histórico.....	60	
2.3 – Teias do contexto político geral para tornar-se professora.....	66	
2.4 – Caminhos trilhados pela professora na cidade de Uberlândia.....	69	
 <b>CAPÍTULO III</b>		
<b>A RELIGIOSIDADE DE ILAR .....</b>	<b>89</b>	
3.1 - A vida na história: a história da vida religiosa.....	89	
3.2 – A influência da educação confessional na vida de Ilar.....	92	
3.3 – Ilar na construção da vida religiosa .....	97	
3.4 - O discurso e o poder da Igreja na vida de Ilar.....	109	
 <b>CAPÍTULO IV</b>		
<b>AS DESCOBERTAS .....</b>	<b>115</b>	
4.1 – O dizer e o não dizer: faces de uma mesma moeda.....	115	
4.2 – Histórias de vida que se cruzam .....	124	
4.3 – Tecer considerações finais: não significa terminar uma história de vida.....	129	
 <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>		<b>135</b>
 <b>ANEXO I – Roteiro da Entrevista .....</b>		<b>141</b>

<b>ANEXO II - Carta de Cessão.....</b>	<b>142</b>
<b>ANEXO III - Palestra em agradecimento ao Título de Cidadã uberlandense.....</b>	<b>143</b>
<b>ANEXO IV - Histórico da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (Elaborado a partir do Livro do Tombo) .....</b>	<b>148</b>

# INTRODUÇÃO

O autor é aquele que dá a inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real (FOUCAULT, 1996, p. 28).

Esta pesquisa buscou investigar a trajetória de vida da professora e religiosa Ilar Garotti, que esteve inserida no processo de ensinar, aprender e gerir do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, na Faculdade de Filosofia-FAFI, na Universidade Federal de Uberlândia-UFU e na rede municipal de ensino de Uberlândia.

Ao narrar suas vivências, permeadas pelas significações sociais e pelas experiências de vida, expressou o passado e o presente, proporcionando a compreensão da objetividade e subjetividade de suas escolhas. Desse modo, produziu-se conhecimento do contexto sócio-político, econômico, cultural e educacional que influenciaram a educação, a formação e atuação de Ilar.

Construir esta história foi uma tarefa que revelou como é difícil ser pesquisadora, visto que a estrutura, funcionamento e manutenção dos arquivos estão fragilizados e fragmentados. As informações apresentam-se isoladas, a documentação é escassa e desorganizada. Foi possível constatar que “[...] há falta de preparo e de preocupação com a atividade arquivista e com a própria informação, fundamental não apenas para estudos historiográficos como também para o planejamento educacional” (INÁCIO FILHO, 2002, p.43).

A falta de consciência da importância e preservação do patrimônio educacional para a manutenção da identidade escolar tem dificultado desvelar a história, o que na maioria das vezes obscurece a pesquisa acadêmica. Essa dificuldade gerou na pesquisadora angústia, impotência e inquietação. Assim, “[...] todos os que têm alguma experiência com pesquisa em arquivos conhecem as precárias condições em que eles se encontram. Caixas com documentos importantes misturam-se a restos de cortinas, cadeiras quebradas e muitos ácaros” (BUFFA, 2002, p.26).

Não tendo sucesso nos arquivos, decidiu-se revelar esta história via memória de Ilar Garotti, que desenvolveu toda sua profissão na cidade de Uberlândia. Ela teve um

papel singular e extremamente importante nos rumos da educação destinada à sociedade local. Este processo foi construído pelo contexto vivido e experienciado, a partir dos aspectos que marcaram a construção de seus conhecimentos, idéias e ideais, no qual evidenciaram suas representações acerca de sua vida pessoal e profissional.

Segundo Saviani (2004), a história de vida de cada pessoa é parte do legado cultural universal. Os relatos de experiências vividas por todo e qualquer indivíduo, quando integrados em rede, são transformados em informação e conhecimento.

Essa crença com relação às narrativas tem possibilitado uma outra forma de se pensar e fazer a história o que, conseqüentemente, tem proporcionado novas perspectivas de presente e futuro para as pesquisas nessa área. Para realizar esta dissertação, utilizou-se a pesquisa qualitativa. Por meio dessa abordagem pôde-se construir uma relação dinâmica e interpretativa entre o mundo histórico e o sujeito, o que possibilitou criar um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e o subjetivo, isto é, entre as ações produzidas e toda carga de sentimentos e expectativas existente no modo de ser e fazer de Ilar.

Nesse sentido, os conhecimentos sobre história de vida, construídos pela pesquisadora foram instrumento-chave para o andamento deste estudo, pois foi necessário aprender a ouvir, compreender, valorizar os silêncios, as emoções, as palavras não ditas, ter respeito pelas idéias da narradora, ser reflexiva e utilizar o rigor científico na análise dos dados coletados para uma boa condução da pesquisa.

A vida é multifacetada, um mosaico que, ao juntarmos as partes, se aproxima do todo, pois não há um método único que abarque toda história. Dessa forma, acredita-se que o cotidiano é incerto, pode ser alterado a qualquer hora, pela dinâmica que é a vida. Sendo assim, o ser humano é singular, transforma-se e constrói sua identidade.

Nesse contexto, o êxito da entrevista foi decorrente do processo deste estudo, que começou antes mesmo da realização da pesquisa. Os primeiros contatos foram estabelecidos por uma conversa preliminar, fase importante para deixar claro o propósito do estudo, da relevância do depoimento e, assim, criar um clima de confiança, respeito e compromisso entre a pesquisadora e a narradora.

Dessa forma, foi revelado à narradora os objetivos desta pesquisa e os fins a que se destina, além de esclarecer sobre as implicações contratuais do depoimento, que se

materializou a partir do momento em que a narradora assinou o documento de cessão de direitos sobre a entrevista, concordando em disponibilizá-la para ser consultada.

Após estabelecer uma relação de cordialidade e, conseqüentemente, de confiança entre as partes, o processo vivenciado foi adquirindo transparência, o que contribuiu de forma significativa para que a narradora cedesse documentos e fotos de seu arquivo pessoal à pesquisadora.

Nesse sentido, foi importante compreender que as pessoas são diferentes, e que cada uma tem seus valores, versões, interpretações e suas próprias maneiras de ser, de pensar, agir e de se expressar. Assim, pôde-se compreender que a narradora tem seu próprio tempo de aprendizagem que é completamente diferente ao tempo da pesquisa e da pesquisadora e coube somente a ela revelar o que acredita ser a sua história.

Nessa perspectiva, o material colhido nas narrativas revelou fatos sociais importantes dos contextos vividos, assim como descortinou sua representação do real, expressado nas suas crenças e nos modos como realizou seu trabalho tanto nos campos da religiosidade como no de professora, atribuindo sentido às suas ações.

A representação para Chartier (1991) adquire o status de romper com aspectos tradicionais das pesquisas em educação, utilizando problemas centrados na atividade humana, tais como a subjetividade, as opiniões, experiências, hábitos, costumes, culturas, crenças, valores e vivências nas ações coletivas e individuais, privilegiando, assim, as análises das singularidades locais e regionais, buscando inter-relações com a história, construindo a percepção do contexto.

Encontramos em Chartier (1991) suporte para a compreensão da representação da narradora diante da vida. Para compreender as leituras de mundo que Ilar possui foi importante conhecer a posição que ela ocupa na sociedade. Pois, cada sujeito constrói o seu ponto de vista a partir de suas vivências, a partir do que representa, das suas relações de poder e de como percebe, interpreta e se apropria da realidade. Pode-se construir, assim, várias leituras sobre um determinado contexto, os seus contornos, os significados, as regras, além de compreender a participação e as atitudes dos indivíduos sobre o contexto estudado. Para o autor,

[...] as representações do mundo social, que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, op.cit., p.19).

Nesse aspecto, com auxílio do relato oral, foi possível esclarecer dúvidas e questionamentos da vida de uma religiosa e professora, bem como dar significado à história construída. Assim, compreender o espaço e o tempo, produzir conhecimento, promover o acesso a vários públicos, onde o conhecimento produzido não estará pronto e acabado, ainda haverá um outro olhar para dar continuidade às descobertas, construindo uma pluralidade de apropriações, propondo um intercâmbio do mundo do texto com o mundo do leitor, ressignificando-o.

### **O caminho metodológico escolhido: História Oral**

A História Oral foi escolhida e utilizada como metodologia para realizar este estudo. Ela é tão antiga quanto a própria história, pois foi a primeira espécie de história. Através dela pode-se oferecer meios para a transformação do sentido social da história, porque alarga seu campo de ação, fazendo história dos líderes da sociedade e das pessoas comuns.

A realidade é complexa e é constituída de várias interfaces, por isso é necessário esgotar o nosso objeto de estudo. Se há pouca fonte documental ou lacunas nas fontes existentes, é essencial fazer a fonte falar, trazer à tona aquilo que muitas vezes foi silenciado, acordar documentos adormecidos nos arquivos particulares e, assim, promover estudos mais amplos e profundos num processo dialógico de estudo.

No percurso de pesquisadora, as pedras e os desafios foram companheiros constantes, o tempo, os horários, as pessoas, os compromissos, o local de trabalho, e o mais imprescindível de todos, os arquivos documentais. A precária situação dos acervos documentais dos arquivos tem dificultado muito os processos de investigação. As documentações se encontram dispersas, sem qualquer acondicionamento, deteriorando-se, sendo perdida e/ou extraviada.

A busca de documentos no Arquivo Geral da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, para construir o corpus desta Dissertação, defrontou com a falta de documentação, com caixas quase vazias, contendo documentos vagos. Além do mais, o

Arquivo da UFU se encontrava em 2006, em fase de estruturação e mudança para um outro local mais amplo e no processo de reorganização e mudança para um local maior. Muitas prateleiras estavam inacessíveis, pois foram empilhadas caixas em frente às mesmas impossibilitando o acesso.

Sendo histórica, a memória e oralidade não se desvinculam, pois são expressões da realidade vivida, ela não é só individual, mas é também coletiva, porque tem um aspecto social que se constrói a partir de um momento de vivência e convivência em sociedade. Optou-se pela narrativa da história.

Segundo Alberti (2004), a produção científica pioneira da História Oral em nosso país foi a do Centro de Pesquisas e Documentações – CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, a partir dos meados de 1970, período marcado pela ditadura militar, quando a censura fazia calar, as vozes eram silenciadas em nome da ordem. Assim, a História Oral possibilitou o emergir de vozes silenciadas. Na época, esta era a única fonte de pesquisa acadêmica em que os subjugados, subordinados e excluídos do poder poderiam se expressar.

A História Oral dá visibilidade aos estudos culturais, às estruturas sociais e aos processos históricos, por meio de conversas com pessoas sobre suas experiências e os impactos que estas tiveram em suas vidas. O indivíduo representa a realidade como um mosaico em que há pedaços diferentes, contudo, quando reunidos, busca-se a coerência entre os fatos e a possibilidade de compreender as transformações de uma época, das quais esses indivíduos foram atores ou testemunhas.

Verifica-se que há uma inesgotável riqueza nos depoimentos orais, pois estes não são só informativos, há um encadeamento dos fatos que dão suporte à pesquisa, por meio do qual se reconstrói uma história. A investigação que utiliza a História Oral tem propiciado a compreensão dos conceitos de cultura, porque o pesquisador e o narrador se apropriam, por meio do diálogo, de valores, tradições, regras e hábitos. A cultura permanece viva e com significativa importância no processo de formação do indivíduo e dos comportamentos sociais.

A fonte oral é também uma forma de aproximação do objeto de estudo e de compreensão da realidade. Assim, compreende-se que a educação é formada no contexto das relações vivenciadas pelos sujeitos nela envolvidos. Nesse sentido,



compreender os contextos de uma determinada época ampliou de forma significativa a visão das partes e do todo.

Na trajetória da pesquisa fui surpreendida e instigada a desenvolver um projeto de estudo que tinha como objetivo analisar a história de vida de uma pessoa. Nesse processo descobri um lado fascinante para meu aprendizado pessoal e profissional, mas ao mesmo tempo policiado pelos cânones da academia. Foi um período de briga pessoal e intelectual para construir um texto aceitável cientificamente e não enveredar pelos caminhos da poesia.

Todos nós produzimos histórias, somos moldados pelo passado, trabalhamos esse passado que nos molda. O passado não é a vivência do presente, mas sim sua fonte e, através da narrativa oral, pode-se construir uma história de vida e diminuir a distância do passado e do presente, pois, “[...] ao deixar cair a barreira que separa o presente e o passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol” (BOSI, 1987, p.89).

Dessa forma, recuperar os registros, que compuseram a história de vida de Ilar Garotti, descortinou singularidades que só foram possíveis porque optou-se pela História Oral, pois possibilitou revelar e registrar, aspectos pessoais e profissionais de sua vida. Além do que possibilitou um processo de reflexão da trajetória de vida da pesquisadora que vem trilhando caminhos em busca de histórias e nelas o aprendizado.

Essas histórias começaram com minha própria história. Dessa forma, rever o passado proporcionou a esta pesquisadora uma retomada dos saberes construídos nos caminhos da educação e da religião que refletiram sobre a formação humana, cultural e intelectual. Assim, a história de vida de Ilar Garotti, por ser única, também possibilitou compreender suas escolhas, seu modo de ser, agir e pensar.

A história tem mostrado que os seres humanos produzem conhecimento ao longo de sua historicidade, e que esse conhecimento pode ser repassado na sua dimensão social e nos diferentes processos de socialização. Acredita-se que esses fatores constituem a concepção de mundo, de homem e de mulher, considerando tanto o conjunto das relações sociais, quanto a própria dinamicidade do momento histórico e da educação vivenciada pelo sujeito.

Nesse sentido, analisou-se aqui a constituição de um sujeito histórico que, ao longo de sua vida, fez opções, as quais possibilitaram experimentar e vivenciar uma

série de conhecimentos tanto para a vida religiosa como para a vida de professora. Assim, buscou-se apreender, com a narrativa, como foi sua infância, adolescência, maturidade, os caminhos escolhidos e percorridos, os quais auxiliaram na construção de seus saberes, e como ao longo de sua vida pôde colocar em prática todo conhecimento acumulado nas diferentes instituições confessionais e laicas em que estudou e trabalhou.

O objetivo geral deste estudo foi investigar a História de vida da religiosa e professora Ilar Garotti e, como específicos, analisar como foi sua infância, adolescência e maturidade. Revelar suas escolhas pessoais e profissionais proporcionou compreender quais os aspectos que marcaram a construção de seus conhecimentos, bem como as contribuições e serviços prestados à Educação no Município de Uberlândia-MG.

Este estudo utilizou como alicerce as ferramentas metodológicas da História Oral, as quais foram fundamentais para conhecer uma parte da história educacional de Uberlândia. Acredita-se que a História Oral é uma alternativa metodológica que tem auxiliado diferentes estudiosos e pesquisadores a apreender o ofício de ser professor, baseado nas suas práticas, reflexões e representações.

Neste caso, Santos (2001) afirma que a utilização de fontes orais pelos pesquisadores parte, pelo menos de dois pressupostos: primeiro que o resgate do vivido, do experimentado, é um instrumento efetivo de recriação da realidade social. Em segundo lugar, que constitui uma alternativa mais aberta, possibilitando às pessoas terem não apenas um lugar na história, mas, sobretudo, um papel importante na produção do conhecimento, criando-se, assim, uma política de valorização docente.

O encontro direto entre o sujeito que investiga e o objeto investigado redimensiona o enfoque da pesquisa. Assim,

[...] a história oral é construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. E oferece meios para uma transformação radical do sentido social da história (THOMPSON, 1998, p.44).

Acredita-se que, com a História Oral, pôde-se construir um caminho extremamente rico para se desvendar questões pessoais e históricas, além de possibilitar novas problemáticas e formas de análise e interpretação da história. Por meio da narrativa oral pode-se resgatar o papel do sujeito enquanto agente social no contexto em

que vive. Assim, pôde-se compreender a riqueza que a História Oral de vida nos oferece.

Dessa maneira, Josso (2004) em sua obra mostra um caminho diferente para a descoberta da singularidade do narrador e do pesquisador. Afirma que a formação e a experiência ajudam a constituir a identidade de cada um e que é importante a centralidade do sujeito-aprendente em todo o processo de pesquisa. Ela valoriza a análise do percurso de vida do pesquisador e a maneira como caminha para si mesmo para clarificar o modo como o sujeito aprende. Ela faz a ligação entre os saberes e a vida que levam à busca do conhecimento para que possa privilegiar e melhorar aquele que labutou na construção da pesquisa.

Dessa forma, quando o pesquisador faz uma reflexão sobre o modo como busca o conhecimento, toma consciência das experiências em que cada um vive, tira lições e aprende com a experiência do outro, a partir daí pode ressignificar as próprias experiências, pois é sujeito e objeto da formação. É importante ressaltar que o pesquisador também narra o que marcou significativamente a sua existência.

Assim, cabe a cada sujeito transformar em formação os conhecimentos que adquiriu. Aprender com a experiência do outro é um exercício de auto-reflexão que pode aperfeiçoar os conhecimentos e qualificar as competências do sujeito.

Mesmo se tratando de história de vida em que há sentimentos e emoções e por se tratar de grande parcela de subjetividade, esta pesquisa não perde sua objetividade, visto que no seu processo não se negligenciou do cuidado metodológico e do uso do conhecimento produzido e das normas para sua legitimação.

Nesse processo de construção de si e do outro, compreende-se que esta perspectiva de reflexão sobre o processo de formação, articulada às histórias de vida, faz pensar e rever as experiências e os dispositivos que influenciam o sujeito na formação. Fatores esses que levam à autoformação e à construção de sua identidade.

Esse modo de pensar contribui para que o sujeito tenha uma compreensão “[...] sobre o que é a formação e sobre o lugar que nela ocupam as experiências ao longo das quais se formam e se transformam as nossas identidades e a nossa subjetividade” (JOSSO, op. cit., p.37). Dessa forma, esse processo enriquece a narradora e a pesquisadora, pois neste estudo há uma história singular da narradora e da pesquisadora e que pela pesquisa reproduzem o seu auto-retrato.

Portanto, o sujeito narra as histórias que simbolizaram a sua compreensão dos fatos significativos que foram vivenciados. Para essa mesma autora, “As experiências de que falam as recordações - referências constitutivas das narrativas de formação, constam não o que a vida lhes ensina, mas o que aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida” (JOSSO, 2004, p.43).

Assim, as histórias de vida possibilitaram à narradora e à pesquisadora uma oportunidade de expressar as fases de uma vida. Isso se configura, também, como uma forma de articular as experiências contadas, evidenciando o itinerário escolar, pessoal, profissional e as experiências que deixaram marcas significativas nas suas vivências.

Este estudo baseou-se nas teorias de Thompson (1998); Bosi (1987); Alberti (2004); Josso (2004); Chartier (1991); Foucault (1975/1996); e nos diálogos com diferentes autores, tais como Szymanski (2002); Minayo (1996); Fenelon (2004); Ferreira & Amado (1998); Felgueiras (2005); Inácio Filho (2002); Pinsky (2005); Romanelli (2002); Penteadó (1998); Ribeiro (2003); Chizzotti (2003), tendo como base a fonte oral através da narrativa de Garotti.

Escolheu-se, para a análise do discurso neste estudo, as teorias de Foucault, que afirma que os rituais da palavra, as sociedades do discurso, os grupos doutrinários e as apropriações sociais, “A maior parte do tempo, eles se ligam uns aos outros e constituem espécies de grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discursos e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos” (FOUCAULT, 1996, p.44).

Dessa forma, a interpretação exige o olhar cuidadoso para a fonte que vem da memória, ou de como as pessoas ressignificam e representam suas experiências a partir de suas próprias interpretações. O narrador revela o que lhe foi significativo, assim, entende-se a fonte oral como uma possibilidade de construir história com o auxílio de seres humanos e a oralidade.

Segundo Thompson (1998), a valorização da História Oral se deu após a II Guerra Mundial, quando houve ascensão de grupos ou classes que contribuíram com suas narrativas para o conhecimento de um outro olhar sobre a história. Ocorreu, assim, a conquista de espaços que possibilitaram uma reflexão em relação ao presente e ao passado, complementando os dados dos documentos da história, além de resgatar a vida cotidiana dos indivíduos.

A História Oral, desse modo, torna-se a construção em torno de pessoas que podem ser líderes importantes no contexto histórico, de grupos ou classes sociais e também de pessoas desconhecidas da maioria. Ferreira & Amado (1996) relatam que foi na década de 1970 que a História Oral se tornou mais sistematizada, através da realização de encontros internacionais.

No Brasil, a História Oral foi introduzida nos anos 1970, na Fundação Getúlio Vargas (FGV), que obtinha depoimentos de líderes políticos, os quais atuaram a partir de 1920. Esse processo promoveu uma nova experiência na construção da fonte oral. Mas somente a partir dos anos de 1990 é que a História Oral passou a ter maior credibilidade. Isso foi possível após inúmeros seminários e cursos que discutiram esse tema, intercambiando experiências e crenças com os pesquisadores do exterior, o que consolidou na constituição da Associação Brasileira de História Oral - ABHO.

Portanto, para conseguir desvendar a história, as fontes são fundamentais, senão essenciais. Atualmente temos várias fontes, o que ampliou os campos metodológicos de pesquisa. Os historiadores trabalham com fontes, e cada uma tem uma perspectiva. Há um variado elenco de estratégias a que os pesquisadores recorrem para a consecução dos objetivos de suas pesquisas, sendo que é importante, nesse processo, dialogar com a realidade plural.

Fonte é tudo que possa transmitir informação sobre algo, alguém ou algum tema, é uma ferramenta, um meio. Segundo Moraes, Zaia & Vendramento (2005), dentre as fontes mais conhecidas pelos historiadores, temos as documentações oficiais, relatórios, atas, documentos escolares, jornais, arquivos públicos, museus e literaturas.

Com a constante busca em compreender a realidade, tem-se buscado superar as fontes tradicionais com novas formas de elucidar os contextos estudados. Dentre as várias fontes existentes se destacam as imagens, a iconografia, índice de livros, arquitetura, currículos, fontes audiovisuais, fontes fílmicas, fonográficas, televisuais, imprensa, periódicos e fontes orais, dentre outras, que compõem um manancial no desafio de desvendar a história.

Nessa perspectiva, é imprescindível que os arquivos sejam organizados, preservados e abertos para a pesquisa: “[...] O processo de mapeamento e organização dos arquivos implica o permanente diálogo do pesquisador (e de sua teoria) com as fontes documentais” (MORAES, ZAIA & VENDRAMENTO, 2005, p. 125).

Mas, com a situação precária dos acervos, muitos documentos estão em mau estado de conservação, devido às instalações inadequadas, ao mau acondicionamento, desorganização e dispersos em locais diferentes. Há também a eliminação indiscriminada de documentos por parte das pessoas que deles tomam posse, o que favorece ainda mais o surgimento de lacunas na história. Em muitos arquivos não há um profissional capacitado e envolvido na manutenção e conservação de documentos. Então, para resgatar o passado precisa-se de fontes. Não só dos arquivos, mas também de pessoas que, através de suas recordações, podem auxiliar a interpretar as lacunas da história através da fonte oral.

A História Oral é essencialmente qualitativa, pois trabalha com a subjetividade dos indivíduos, ouvindo o que as pessoas têm a dizer sobre fatos, sentimentos, opiniões, explorando suas idéias e preocupações sobre determinado assunto, numa interação face a face, num intercâmbio de valores, crenças, construindo uma representação daquele momento vivido. Assim, “[...] é um momento de construção de um novo conhecimento nos limites da representatividade da fala e na busca da horizontalidade das relações de poder” (SZYMANSKI, 2002, p. 14).

Dessa forma, vale ressaltar a importância do método, pois este ajuda na definição de instrumentos e procedimentos e como forma de compreender o objeto pesquisado, pesquisar as suas minúcias, questionar, interpretar e cruzar as fontes com o contexto. A linguagem é uma representação do momento vivido, o pesquisador é um mediador que enxerga, através das fontes segundo as suas significações, as transformações e mudanças no passado. Esses aspectos possibilitam uma leitura contextual, pois a realidade é complexa e multifacetada.

Com a ampliação dos campos de pesquisas, é imprescindível que o pesquisador estabeleça um cuidadoso diálogo com as fontes. Pois, as narrativas são representações, que podem ser ideológicas ou estratégicas, do que se quer dizer num dado momento para pessoas específicas, para tornar sensacional um acontecimento, ou para registrar um momento que para o narrador foi significativo. As fontes podem ser usadas também, como um dispositivo, no sentido de reproduzir algo. Assim, compreende-se que “[...] as estruturas do poder modelavam o passado à sua própria imagem” (THOMPSON, 1998, p.23).

Um bom exemplo dessa questão são as alterações ou manipulações de documentos, por meio das quais os fatos são camuflados. É importante indagar quem os produziu. As fontes direcionam e controlam o que se quer divulgar. Nesse aspecto, elas podem omitir ou remontar fatos, fotos e documentos, moldando a história conforme os interesses das pessoas que estão no poder. Detecta-se, assim, a importância do confronto das fontes, averiguando a sua autenticidade. Por isso, torna-se importante indagá-las. Nesse sentido,

Todas as fontes são falíveis e sujeitas ao viés, e cada uma delas possui força variável em situações diferentes. Em alguns contextos, a evidência oral é o que há de melhor; em outros, ela é suplementar, ou complementar, a de outras na reinterpretação de documentos e no preenchimento de suas lacunas e fraquezas (THOMPSON, 1998, p.176).

Na busca de fontes alternativas para compor o momento histórico, a fonte oral possibilitou compreender as nuances da história, via voz de Ilar Garotti. Foi um processo social usado para compreender a realidade, além de dar à autora de sua história o direito à memória. Mas, se a memória falhar é importante confrontar os fatos, mostrar os documentos e ouvir nova versão do narrador sobre os acontecimentos.

Então, fez-se opção pela fonte oral, pois a recuperação dos registros que compõem a memória da educação tem trazido significativo impacto, não só pela necessidade de se resgatar a memória institucional e cotidiana de nossas escolas, mas, fundamentalmente, pela possibilidade de estabelecer elos articuladores que permitem historiar, problematizar e refletir acerca de uma história de vida. Nas bibliotecas da UFU e da UNITRI constam dissertações que abordam a história do Colégio Nossa Senhora, contendo alguns dados importantes para este estudo, visto que o já-dito é um dos modos de compreender o discurso, complementar e questionar informações.

As fontes são socialmente importantes para compor histórias, para a sociedade em geral e para os pesquisadores que necessitam de material documental para embasar suas pesquisas. Ao obter relatos via História Oral, promovem uma reflexão sobre o passado, presente e futuro, que se dialogam continuamente, pois a construção histórica reconstrói o passado, explica o presente e projeta o futuro, através da memória: “[...] a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E, ao lhes dar um

passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (THOMPSON, op.cit., p. 237).

As fontes iconográficas utilizadas neste estudo contextualizam as vivências de Ilar Garotti e ajudam a preservar e trazer à tona os fragmentos do passado, além de ser um suporte para a memória. Sabe-se que as imagens produzem efeitos visuais que promovem uma comunicação e constroem uma dada realidade, pois, a partir delas, pode-se fazer múltiplas leituras do contexto e das representações culturais de determinada época ou região, proporcionando ao pesquisador um diálogo que pode ir além da narrativa.

Vale ressaltar que a imagem possui impacto positivo ou negativo, essa marca depende exclusivamente do lugar e da análise realizada. Dessa forma, é uma fonte como qualquer outra e está sujeita à fabricação e manipulação do pesquisador. Enquanto fonte iconográfica pode legitimar uma narrativa e contextualizar um momento vivido para se compreender e/ou retratar um fato, além de transpor a realidade congelada do tempo e do espaço vivido para legitimar o presente. Dessa forma, foram escolhidas imagens que formaram e que constituíram aspectos importantes da trajetória de vida narrada por Ilar Garotti.

A história se monta, remonta-se e se revela como história antiga e que tem vários sentidos, que ao ser narrada retrata uma multiplicidade nela contida, através do olhar de quem a narrou. Nesse processo, é imprescindível que o historiador saiba ouvir, respeitar, seja observador dos movimentos, dos silêncios, tenha sensibilidade em perceber o não dito, as emoções, as nuances de essência que é transmitida pelo narrador. Este é um desafio que leva a busca de fatos não revelados.

A Tradição Oral se constitui, desde os tempos mais remotos, na maior fonte humana de conservação e difusão do saber. Foi usada para transmissão do conhecimento de geração a geração, visto que é um meio pelo qual se armazena e transmite as tradições, em que o saber e o fazer eram perpetuados através da escuta, da observação, da imitação e da repetição.

A História Oral hoje pode ser usada como fonte, na qualidade de método ou de técnica de pesquisa, dependendo das crenças do pesquisador. Como fonte, a História Oral é compreendida como uma possibilidade de construir um documento, através da narrativa, que poderá auxiliar pesquisadores nas mais diversas investigações.



Como metodologia, a História Oral é uma fonte principal que estabelece e ordena os procedimentos de trabalho na busca de compreender o passado, para construir uma história do tempo presente com o auxílio da memória. A História Oral constitui-se também como espaço vivificador da relação entre a história, memória e identidade.

Por meio do estímulo às lembranças ocorre a construção das representações sobre o passado, o que contribui para evitar o esquecimento e para registrar as múltiplas visões do vivido, possibilitando construir e reconstruir a identidade histórica, descortinando uma pluralidade de visões do cotidiano que podem fundamentar as investigações.

Nesse sentido, a narrativa não pode ser apenas um documento, pois “[...] se as fontes orais podem de fato transmitir uma informação ‘fidedigna’, tratá-las simplesmente ‘como um documento a mais’ é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado” (THOMPSON, 1998, p. 137-138). Assim, nesse sentido, “[...] a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras” (THOMPSON, op. cit., p. 337).

A História Oral como técnica de pesquisa tem a entrevista como fonte complementar de coleta de dados. O depoimento é usado como recurso para subsidiar outras fontes. É um meio utilizado na tentativa de preencher as lacunas da história para se chegar mais perto do real, mas isso depende quase que exclusivamente, de quem está sendo entrevistado, do objetivo da pesquisa e do olhar do pesquisador-orientador. Como qualquer outra técnica ou método, deve ser submetido aos cânones do método científico.

Se há diferença entre a utilização, crença e significado, existem também diferentes modalidades de História Oral, tais como a história de vida e a história oral temática. Elas se fundamentam na narrativa oral.

A História Oral de vida é uma forma de coletar narrativas de experiência de vida, de testemunho do passado, estabelecendo estratégias de análise do vivido, constituindo-se como um método de coleta de dados para recuperação do passado. A história de vida

[...] é um instrumento de pesquisa que valoriza a obtenção de informações contidas na vida de uma ou várias pessoas e pode ter forma literária tradicional como memórias, crônicas ou relatos de homens ilustres que, por si mesmos ou por encomenda própria de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa (CHIZZOTTI, 1995, p.95).

Na História Oral temática, o pesquisador escolhe um tema específico, um acontecimento ou um fato, que, através da entrevista, busca elucidar suas questões sobre o tema proposto. A vida do entrevistado não é o mais importante nessa modalidade. Busca-se, através da narrativa, uma versão sobre um acontecimento preestabelecido.

A História Oral de vida é uma modalidade de investigação que valoriza a narrativa pessoal, registra a memória viva, as emoções, os silêncios e os sentimentos de pessoas das mais diversas origens sócio-culturais. Dessa forma, auxilia a construir uma imagem do passado, mais abrangente e dinâmica. É também um meio de registrar a transmissão do conhecimento por meio da oralidade, pois a narrativa é portadora de informações legítimas do sujeito.

Para obter a narrativa, o pesquisador utiliza a entrevista, pois é o momento em que se faz a história e é também um processo de interação social entre duas pessoas, com o objetivo de dar e obter informações, de observar comportamentos, gestos e silêncios.

Numa entrevista, há um esforço do pesquisador em propiciar que o entrevistado fale o máximo que puder. Antes de iniciar a entrevista propriamente dita, é importante consultar a pessoa entrevistada sobre o interesse e a sua disponibilidade em participar da pesquisa. Deve-se esclarecer os objetivos da pesquisa e como será utilizada a narrativa, isto é, a que finalidade se destina. Outra questão relevante é o local em que se realiza a entrevista, bem como o estabelecimento do horário, pois é importante para que o narrador tenha disponibilidade e desejo, e que queira falar.

Para que este projeto de pesquisa se consolidasse e fosse possível construir a história de vida de Ilar Garotti, compreendendo sua trajetória de vida, sua origem, sua criação, o período escolar, seu cotidiano, sua juventude, sua educação, sua formação intelectual, suas produções científicas, sua carreira, a mulher, a religiosa e a diretora, foi necessário recorrer à memória desta professora, através do saber escutar.

E, para conseguir desvelar essas questões foi fundamental a construção de um roteiro, pois para se realizar uma entrevista

[...] as perguntas devem ser simples, diretas e em linguagem comum. Perguntas complexas e de duplo sentido conduzem a meias respostas, ou a respostas inadequadas; evitar perguntas diretivas que expressam as próprias opiniões do pesquisador/entrevistador assim, o narrador/entrevistado dará as respostas que o seu interlocutor deseja

ouvir. As perguntas devem ser elaboradas com o cuidado que evite sugestão de respostas; devem também ser evitadas perguntas que levem o narrador/entrevistado a pensar do mesmo modo que o pesquisador/entrevistador pensa (THOMPSON, 1998, p.260-261).

A questão do interesse pela vida do entrevistado é relevante para o sucesso de uma entrevista. Quanto mais o pesquisador demonstrar interesse pela forma como o narrador conta a sua história, mais irá saber sobre ele. Há situações em que é preciso compreender como o narrador está se sentindo, vale ressaltar que o pesquisador precisa saber quando avançar ou recuar. Após a sessão de gravação, é importante demonstrar apreço em retribuição à história que lhe foi concedida.

Dessa forma, a primeira entrevista com Garotti para coleta de dados sobre sua história de vida ocorreu em sua residência, utilizando o recurso da gravação. Em todos os momentos a entrevista foi conduzida com o auxílio de um roteiro pré-elaborado, o qual abordava as fases importantes de sua vida. As entrevistas foram marcadas com antecedência, realizadas com horário pré-estabelecido, com duração de duas horas.

A narradora colocou-se pronta e aberta, os encontros ocorreram em um ambiente tranquilo, de modo que as entrevistas fluíram sem interrupções. As entrevistas iniciaram pontualmente no horário marcado, primeiramente de forma tímida, mas no decorrer do processo se transformou em conversa solta e amistosa. Os encontros sempre terminavam com o questionamento por parte da entrevistada se teria ficado bom. Foram tecidos vários agradecimentos de ambas as partes.

Durante a entrevista Garotti manteve a voz firme, olho no olho, fala clara e quase sem emoção. Teve o cuidado de fazer um roteiro pré-elaborado dos principais fatos de sua vida que queria relatar. Mas com o processo vivenciado na entrevista, a narradora esqueceu do roteiro e do gravador, falou sobre várias fases de sua vida, principalmente sobre o tempo que dedicou seu trabalhando na FAFI e no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, na UnU e na UFU, no período em que exerceu vários cargos importantes na academia.

A fita foi transcrita na íntegra. Ao receber a cópia da entrevista, a narradora corrigiu os vícios de linguagem e reelaborou sua fala. Foi consenso que a professora tinha total autonomia de revelar o que quisesse, uma vez que é autora de sua história. Na História Oral, o narrador tem todo direito de alterar a sua narrativa, até que assinie a

carta de cessão cedendo todos os direitos para o pesquisador, bem como a outros estudiosos que poderão ter acesso à entrevista.

A análise e interpretação da história de vida se constituem essencialmente numa situação dialógica, pois o pesquisador, ao trabalhar meticulosamente sobre esse material comunicativo, também se torna mais um interlocutor, integrando o circuito dos diálogos e da possível produção de conhecimento. A concepção de memória utilizada neste estudo foi baseada no trabalho de Bosi: “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje às experiências do passado” (1987, p.17).

A recuperação de registros, via memória, da educação poderá trazer significativo impacto, não só pela necessidade de se resgatar a memória das pessoas, mas, fundamentalmente, pela possibilidade de estabelecer elos articuladores que permitam historiar e problematizar o modo como são organizadas e conduzidas as propostas e projetos voltados para a educação nos dias atuais.

Nesta pesquisa, desvela-se a história de vida de uma professora. Nessa perspectiva, a possibilidade de refletir sobre as relações entre memória e história contribuiu de forma significativa para somar a outros estudos que valorizam experiências humanas acumuladas ao longo da vida e da profissão de Ilar Garotti. Essas experiências podem auxiliar e vir a ser fonte para criar e desenvolver programas e projetos educacionais, culturais, técnicos e científicos que visam à melhoria das condições de trabalho e da qualidade do ensino.

As siglas utilizadas neste estudo estão assim especificadas: UnU – Universidade de Uberlândia; FAFI – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras; UFU – Universidade Federal de Uberlândia; PMU - Prefeitura Municipal de Uberlândia; PUC – Pontifícia Universidade Católica, UNITRI – Centro Universitário do Triângulo; C.F.E – Conselho Federal de Educação e MEC – Ministério da Educação e Cultura.. Para compreender a estrutura desta dissertação, dividiu-se o estudo em sete partes. Na primeira parte está a Introdução.

Na segunda parte consta o primeiro capítulo, que revela a história narrada por Ilar, descrita pela pesquisadora. Desvela as representações de suas vivências, bem como o contexto social, político e educacional de sua trajetória de vida. Após esse capítulo a narradora Ilar passa a ser citada como autora: (GAROTTI, 2006).

Na terceira parte está o segundo capítulo. Nele foram apresentados a profissão da professora e o processo histórico do sistema educacional do período em que estudou. Destacou-se como se deu a formação docente básica e continuada e a construção da base para a sua atuação em várias instituições no município de Uberlândia. Trata também da influência da mídia no processo educacional e alguns aspectos do contexto histórico e político do período militar.

A quarta parte contém o terceiro capítulo, no qual analisou-se o papel e a influência da religiosidade nos caminhos percorridos pela narradora. Traz reflexões sobre o espaço da mulher no contexto histórico que levou a conhecer e compreender a representação na história da educação brasileira e nos discursos que moldaram a educação feminina.

Na quinta parte, está o quarto capítulo. Nele revelou-se as descobertas do estudo realizado, no qual descortinou a capacidade do sujeito de se posicionar diante da história e fazer história, desvelou também as escolhas no caminho percorrido e as condições que o determinaram, tanto para a narradora como para a pesquisadora.

Na sexta parte, disponibilizou-se as Referências Bibliográficas que contribuíram para a consolidação deste estudo. Na sétima e última parte estão os anexos, os quais enriqueceram as descobertas e o conhecimento produzido. Assim, este estudo proporciona uma porta aberta para novas investigações e um novo olhar sobre a pesquisa.

De acordo com este plano de estudo, a seguir, no primeiro capítulo, desvela-se, pela pesquisadora, a apresentação de Ilar Garotti e a sua história de vida.

# CAPÍTULO I

## ILAR POR ILAR

### 1.1 – A construção de uma história de vida

O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma identidade que tem a forma da individualidade e do eu (FOUCAULT, 1996, p.29).

Este capítulo revela a história de vida de Ilar Garotti, traça-se aqui, um panorama de seus percursos vivenciados na história, sua origem, a construção da sua formação escolar inicial e continuada, bem como as suas opções de vida.

Para desvelar a fonte oral narrada por Ilar Garotti, optou-se nesse texto por denominá-la Ilar. A fonte iconográfica utilizada a partir do primeiro capítulo tem como objetivo dar visibilidade e contextualizar a história narrada.

Ilar nasceu no dia 15 de março de 1933, em Jardinópolis, cidade do interior do Estado de São Paulo. O município tinha aproximadamente 20 a 25 mil habitantes. Seu pai, Egídio Garotti, veio da Itália em 1898.



**Figura 1** - Família Garotti – Avós Romano Garotti e Maria Balducci  
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti

Egídio, pai de Ilar, tinha como objetivo melhorar as condições de vida da família. Por essa razão vieram para o Brasil. Casou-se em Jardinópolis com uma descendente de Italianos, seu nome era Ângela. Com pais Italianos Ilar ganhou o direito de ter dupla cidadania: italiana e brasileira.

Sua mãe, Ângela, foi professora leiga. Seus pais tiveram cinco filhos, e uma história marcada por uma vida construída com sacrifício e muito trabalho. Ilar teve uma infância tranqüila e repleta de cuidados.



**Figura 2** - Egídio (pai), Ângela (mãe). Irmãos: Ivoni, Iversen, Ivan, Ivar e Ilar  
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti

E, como ela mesmo relatou:

Protegida no sentido de cuidados, mas não no sentido de me poupar do trabalho, isso não. Minha mãe nunca me poupou. Desde criança fui habituada a trabalhar, estudar, ser correta em todas as coisas, minha mãe era exigente, foi uma mão muito firme na minha vida, ela sempre me orientava muito bem em tudo que eu tinha que fazer (GAROTTI, 2006).

Sua mãe foi uma pessoa que marcou sua vida, por ter pulso firme e determinação. Cabia a ela a orientação dos filhos para todas as tarefas que tinham que fazer, além do mais importante, incentivá-los nos estudos. Caçula de cinco irmãos, Ilar

estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus, mantido pelas Irmãs Franciscanas, em Jardinópolis, concluindo o primário, o ginásio e o Curso Normal.



**Figura 3** - Colégio Sagrado coração de Jesus – 1ª série e Formatura de Normalista  
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti – 1940 e 1951

Ilar tinha no seu imaginário as falas firmes da mãe que insistia cotidianamente que todos os filhos deveriam estudar, ter cultura e vencer na vida. O apoio e o incentivo recebidos pela mãe foram importantes, senão fundamentais, para alcançar seus objetivos com relação aos estudos.

Na mocidade, com 18 anos, em 1952, mudou-se para Campinas para fazer o Curso de Pedagogia, que era uma continuação do Curso Normal, nele fez opção pela Orientação Educacional.

Morou num pensionato chamado Instituto Complementar São José, dirigido por Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Nesse espaço, pôde aprofundar sua religiosidade, como também adquirir mais cultura e novos conhecimentos. Construiu sua vida voltada para a intelectualidade e foi aperfeiçoando sua formação humana e cristã.

No convívio com as irmãs que dirigiam o pensionato, Ilar revelou que descobriu sua verdadeira vocação. Narrou que lá ela descobriu um outro mundo, um mundo novo e se aprofundou na religião, na cultura e na vida da Faculdade. A partir daí pôde ampliar e aperfeiçoar e aplicar os seus conhecimentos





**Figura 4** - Instituto complementar São José – Campinas - SP  
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti – 1952

No ano de 1954, com 20 anos, Ilar, certa da sua decisão, entrou para a Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Inicialmente, sua mãe foi contra essa decisão. Narrou que foi um período difícil, longe da família, mas a vocação foi mais forte. Esse fator fez com que a família aceitasse sua opção.

Ao narrar sobre sua vida na Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado revelou que teve orientação espiritual, essa era uma das formas de trabalho dessa instituição para garantir e aprimorar os valores cristãos das noviças. Segundo Ilar, essas orientações e os seus estudos, asseguravam e aumentavam sua fé, além de ampliar seu modo de ver o homem, a mulher e o mundo. Assim, optou com segurança pela vida religiosa.

Durante os anos de estudos na Pontifícia Universidade Católica – PUC de Campinas, Ilar relatou que reconheceu nos seus professores uma vontade de realizarem investigações, mas esse desejo de fazer pesquisas não necessariamente estavam voltados para a religião, e sim para a área que eles atuavam profissionalmente, o que demonstrava que alguns não eram ligados à Igreja Católica.

Sua vinda para Uberlândia se deu e foi justificada em função do reconhecido trabalho que realizou sobre orientação educacional com as moças que moravam no Instituto Complementar São José em Campinas.

Dessa forma, por determinação da Madre Maria Villac, fundadora da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado da cidade de Campinas, Ilar é

conduzida para a cidade de Uberlândia, a fim de substituir a Irmã Lázara Fioroni, primeira diretora da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras que funcionava no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas nos anos de 1960 e 1961.



**Figura 5** - Diretora da Faculdade de Filosofia  
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti – 1962

Na Congregação, as ordens eram obedecidas. Dessa forma, sem questioná-las, pois eram ordens superiores, Ilar veio em missão para Uberlândia, dirigir a Faculdade de Filosofia que era sediada no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas. No início, Ilar teve receio, com o desafio proposto, uma vez que considerava muita responsabilidade para sua idade, pois só tinha 27 anos, mas como teve uma criação extremamente rígida, somada a motivação e a confiança da Madre, com o passar do tempo, o desafio foi enfrentado sem grandes problemas.

Ilar acredita que o mundo é um horizonte de possibilidades, dessa forma algumas pessoas sabem aproveitá-las, outras não sabem. Muitos acabam jogando fora as oportunidades que aparecem em suas vidas. Ela afirma que teve a chance que precisava para desenvolver o que aprendeu na Congregação, confiou na sua fé, atribuiu sua vinda a Uberlândia como sendo uma missão a ser desenvolvida aqui na terra.

Descobriu que precisava colocar seus conhecimentos em prática, assim como outras questões ligadas diretamente à sua personalidade, o significado de solidariedade e desenvolver sua capacidade de liderança a fim de possibilitar sua realização pessoal e profissional.

A cidade de Uberlândia - MG, no ano de 1962, tinha aproximadamente 82 mil habitantes, Ilar narrou que o prédio do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas era o mais alto da cidade, de onde podia se avistar grande parte de Uberlândia.

Ilar acredita que os uberlandenses eram um povo empreendedor, pois queriam trazer o progresso para a cidade. Dessa forma, contou com a ajuda de famílias que pertenciam à elite uberlandense, bem como com a contribuição de padrinhos políticos que fizeram altas doações para construir a tão desejada Faculdade. Nesse contexto, muitas pessoas da sociedade local contribuíram com dinheiro em troca do direito a uma bolsa de estudo para os alunos carentes.

Na sua percepção sobre o contexto social, Uberlândia sempre foi uma cidade idealista, voltada para as necessidades do povo, o que precisava fazer, fazia. Para Ilar, politicamente, Uberlândia sempre teve políticos certos na hora certa, tais como: Rondon Pacheco, Homero Santos, Odelmo Leão Carneiro, como Deputado Federal, e agora Gilmar Machado, deputado Federal do PT.

Para Ilar, economicamente, Uberlândia se abriu para as indústrias e o comércio. Ela considera que se a cidade não tem indústria o comércio não tem um suporte. Uberlândia construiu uma cidade industrial e, nesse ponto, o ex-prefeito Virgílio Galassi contribuiu para que nossa cidade se desenvolvesse, e Odelmo Leão Carneiro, atual prefeito, continua na mesma linha de trabalho, pois pertence ao mesmo grupo político.

No ano de 1962, Ilar criou e determinou que a FAFI, funcionasse também no período noturno, pois pensou nos alunos que trabalhavam durante o dia e que mereciam oportunidade de continuar os estudos.

Revelou também que, sempre que precisava resolver pendências da FAFI viajava para o Rio de Janeiro. Em 1963, viajou para o Rio com o objetivo de reunir com o Conselho Federal de Educação, para viabilizar o Reconhecimento dos cursos oferecidos pela FAFI. A primeira formatura da Faculdade foi dos alunos dos Cursos de Pedagogia e Letras, já reconhecidos. Em 10 anos conseguiu fazer com que todos os

Cursos da FAFI recebessem o reconhecimento do MEC, essa conquista foi realizada anterior à primeira turma de formandos.

Nos primeiros anos de funcionamento da FAFI, para cada curso, Ilar tinha a preocupação de contratar dois ou três professores da área e de renome. Esses eram trazidos de fora, pois Uberlândia não dispunha de tais profissionais. E, assim, criou oito cursos em dez anos, sendo que foi o seu contato na PUC–Campinas que fez abrir um canal de comunicação para convidar professores de Campinas, São Paulo e de Ribeirão Preto para ministrar aulas e cursos na FAFI.

Em Uberlândia, Ilar contou com a influência de políticos para apoiar suas iniciativas, e dessa forma se fortalecia no grupo. O fato de pertencer a uma ordem religiosa facilitou o seu acesso ao Conselho Federal de Educação, no Rio de Janeiro, para tratar dos interesses da Faculdade. Nas idas e vindas ela tinha hospedagem garantida nas casas da Congregação, e no Conselho Federal de Educação tinha acesso livre para tratar do reconhecimento dos cursos, falava pessoalmente com o relator do processo e cumpria as diligências do mesmo sem maiores cerimônias.

Segundo Ilar os cursos foram criados e implantados de acordo com o mercado de trabalho de Uberlândia. Primeiramente solicitava ao Diretório Acadêmico, que se chamava Brasília, que realizasse uma pesquisa nas escolas sobre as preferências dos alunos para os Cursos Superiores. Essa pesquisa que era realizada no segundo grau dava subsídio para criar novos cursos. Nessa perspectiva, ela conseguiu aumentar a credibilidade da FAFI porque atendia às necessidades da juventude uberlandense.

Os cursos criados e reconhecidos pelo MEC motivavam a procura, pois os alunos ao se formarem começavam a trabalhar. Concomitante a esse processo, deixava claro a seriedade e a transparência do trabalho que estava sendo desenvolvido. Contudo, sempre buscava assessoria. A sua vida política foi toda orientada e influenciada por políticos de renome nacional tais como: Rondon Pacheco, Virgílio Galassi e, posteriormente, por Odelmo Leão Carneiro.

No ano de 1963, Ilar passou a contar com o trabalho da Ir. Odélcia Leão Carneiro (*in memoriam*). Segundo Ilar, ela apoiou suas iniciativas e ajudou nas tomadas de decisões administrativas, pois era dotada do dom da sabedoria e inteligência. Para Ilar, a Ir. Odélcia foi uma das melhores professoras da UFU, pois sabia se doar na profissão. Narrou que elas conviveram na Congregação por 44 anos e na vida pessoal,

foi amiga e boa conselheira, sabia utilizar uma palavra fundamentada na prudência e na sabedoria, dentro do que considerava verdade inserida na sua própria maneira de pensar, ser e agir. Odélcia escrevia poemas que mostravam sua mística e seu pensamento mergulhados nos mistérios de Deus.

Para Ilar elas tinham um relacionamento sadio, harmonioso e idealista, inclusive dividiam sonhos como o de construir a FAFI com base sólida, criar cursos e uma Universidade para Uberlândia.

Ilar afirmou várias vezes em sua narrativa que envolvia todos seus companheiros de equipe com autoridade para alcançar seus objetivos. Ilar revelou que formou uma equipe sólida, e por sua capacidade de liderança e organização, no período de 1962 a 1972, foi Diretora da FAFI, sendo reeleita por seus colegas para dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos no período de 1972 a 1975.

Nos anos de 1967 a 1972, Ilar acumulou vários cargos como o de Diretora do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas e Diretora da FAFI; o de Vice-Reitora e assessora de ensino da UnU no período de 1972 a 1975 e o de diretora pró-tempore da Faculdade de Medicina Veterinária no ano de 1973. No período de 1976 a 1980 foi Pró-reitora estudantil e de Extensão da Universidade de Uberlândia - UnU e posteriormente com a federalização, na Universidade Federal de Uberlândia- UFU.

Mesmo acumulando vários cargos de liderança, em 1975 fez Especialização em Planejamento e Administração de Sistemas Educacionais na Fundação Carlos Chagas, no Rio de Janeiro. Segundo ela, este curso foi escolhido, pois acreditava que ele poderia dar suporte para as suas ações na reitoria da UnU.

Ilar narrou que em 1975, criou um projeto de extensão da Faculdade de Filosofia na cidade de Monte Carmelo, que fica a 100 km de Uberlândia. Nesse mesmo período acumulava 2 cargos, era Vice-Reitora e Diretora da FAFI. O prefeito, Camilo Machado de Miranda, de Monte Carmelo, queria legalizar a situação dos professores leigos. No Colégio Polivalente, que pertencia ao Estado, passou a funcionar a Faculdade com os Cursos de Pedagogia, Letras e Estudos Sociais. Estes três cursos funcionaram por três anos e foram dirigidos pela Irmã Maria do Rosário Curado. A experiência terminou depois que a Faculdade legalizou a vida profissional dos professores leigos.

Para manter a estrutura administrativa, Ilar contava com o apoio de uma equipe em que confiava: Ir. Odélcia Leão Carneiro, na Vice-Direção; Aparecida Portilho

Salazar, conhecida como Doca, na secretaria; e Nilza, na tesouraria. Esta era a equipe administrativa que ajudava a desenvolver ações e elaborar um trabalho funcional, além do que, considerava o conjunto de professores a sua família.

Ela reunia mensalmente os professores por Departamentos: Pedagogia, Letras, História, Matemática, Ciências, Geografia, Biologia, Química e Psicologia. Cada Departamento tinha seus assuntos específicos e ali resolvia os assuntos de cada um. O chefe do Departamento de Filosofia orientava seus professores na parte pedagógica, de acordo com a especificidade de cada curso. Em reunião geral, Ilar tinha uma visão global de todos os cursos da Universidade.

Tudo o que precisava ser feito, segundo Ilar, sempre era discutido em equipe. Na Universidade, Ilar trabalhou com o Dr. Genésio de Melo Pereira, Dr. Domingos Pimentel de Ulhoa, Dr. Gladstone Rodrigues da Cunha, Dr. Juarez Altafin e Dr. Antonino Martins, construindo uma amizade profunda, consistente, um relacionamento harmonioso e respeitoso com homens da elite mineira que estavam na linha de frente das decisões políticas da Universidade.



**Figura 6** - Conselho Diretor da UFU  
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti - 1970

Com a redução do número de alunos no ano de 1969, a FAFI passou por sérias dificuldades financeiras, o Colégio não tinha como manter o funcionamento da Faculdade. Nesse período, Ilar relata que chegou a entregar a FAFI para o MEC, mas, com a ajuda e a vontade política de Rondon Pacheco e Renato de Freitas, Uberlândia recebeu recursos financeiros federais necessários para equilibrar as dívidas da Faculdade naquele momento.

Nesse período, segundo Ilar, as Irmãs que dirigiam a Sociedade Feminina de Instrução e Caridade, com sede em Campinas-SP, mantenedora da FAFI, entendiam que a Faculdade, que já pertencia à UnU, deveria funcionar em outro prédio e não mais no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas. Assim, o Dr. Juarez Altafin, Reitor da época, foi o responsável quanto às negociações sobre a transferência definitiva da FAFI para o espaço físico da UnU, no bairro Santa Mônica.

Ilar rememorou com certo saudosismo que havia um clima de aceitação e respeito mútuo entre os professores. Contou que as Irmãs e os professores contratados pela FAFI continuaram a lecionar na UnU, no Campus Santa Mônica.

Acumulando cargos de Pró-Reitora Estudantil e de Extensão da UnU e Diretora da FAFI, Ilar reconheceu que a equipe administrativa que trabalhou com ela era unida, tinha ideais nobres e garra para o trabalho em grupo. Os professores eram cordiais, dedicados, havia uma relação de respeito e de aceitação das ordens de uma forma muito tranqüila. Eram professores horistas, que lecionavam também em algumas escolas de 2º grau, e à noite davam aula na Faculdade.

Ilar lembrou que as comemorações na Universidade eram determinadas pelos Departamentos. Cada Departamento era livre para fazer suas programações. Comemoravam o que quisessem, eles se reuniam, festejavam, organizavam as festas dos alunos, as reuniões, as datas comemorativas. O Diretório Acadêmico, já naquele período, fazia um calendário de suas atividades e as realizava.

Existia também um trabalho de Igreja na Universidade, dirigido pelo Professor Pe. João Biagioni, conhecido carinhosamente como “João Bolão”, juntamente com uma equipe que orientava a missa universitária. Esta era realizada aos domingos sendo freqüentada por universitários e docentes da cidade.

Os alunos da Faculdade, segundo Ilar, estavam sempre interessados nas questões voltadas para o processo de ensino-aprendizagem. Para ela, os conteúdos que

privilegiavam a vida real, os valores, interesses e necessidades naturais e intelectuais eram mais interessantes. Ilar acreditava que muitos alunos da faculdade buscavam o conhecimento e eram pessoas sérias nos estudos porque precisavam trabalhar ou para se manterem no trabalho.

Quanto às relações de poder, Ilar considerou que são e continuam sendo muito conflitantes, pois quando há interesses particulares, as relações de poder aparecem causando desconforto, perdendo, assim, o objetivo maior que é o bem comum da Instituição. Por isso, quando tinha clareza de seus objetivos, buscava engajar todos os componentes da equipe de forma a acreditarem nos seus ideais. Hoje, Ilar considera difícil conviver com o poder, pois o egoísmo e o individualismo são maiores, não há espírito de união e as pessoas se tornaram individualistas.

Relatou que a UnU foi criada como um centro de excelência para desenvolver o ensino de graduação. A exigência para contratar professor era simples, não se tinham as normas que se têm atualmente, as equiparações salariais se davam pelo tempo de trabalho e pelas produções científicas realizadas pelo professor.

Com o passar dos anos os recursos financeiros destinados ao ensino superior cresceram e, com isso, houve várias mudanças, umas delas foi com relação ao regime de trabalho do professor, que era horista e passou para tempo integral, permitindo-lhe o aprofundamento da pesquisa e atuar em projetos de extensão. Esses aspectos mudaram após 1978 com a Federalização da Universidade. Nesse processo, Ilar foi membro ativo da Comissão de estruturação, transformação, organização da UnU para a UFU.

Ilar foi Madre por 23 anos. A partir de 1978 passou a pertencer ao grupo do Instituto Secular, onde a essência dos votos é a mesma: pobreza, castidade e obediência. No Instituto Secular a pessoa vive os votos de acordo com o Evangelho e as normas da Igreja Católica. Como leiga e consagrada, mora, trabalha e aplica o seu dinheiro onde quiser. As freiras desse Instituto se reúnem mensalmente e uma vez por ano, para fazerem retiro espiritual.

No ano de 1982, Ilar concluiu o mestrado na Universidade de Campinas, UNICAMP. Na sua Dissertação, analisou o processo de interação entre professor e aluno. Em 1983, Ilar criou e foi Diretora até 1993 da Creche Comunitária Santa Rita, organizou esse espaço para que suas alunas da UFU pudessem ter um lugar para



realizarem seus estágios e aprimorarem as práticas educativas ensinadas em sala de aula.

Em 1984 voltou para a UFU e atuou oito anos como docente no Departamento de Educação, ministrando a disciplina Currículos e Programas. Em 1987, também foi co-fundadora e vice-presidente da Creche Comunitária Santino, fundada por Santo Puglisi, conhecido como Frei Antonino (*in memoriam*). No ano de 1989, tornou-se presidente da Sociedade Beneficente Ágape, que é mantenedora da Creche Santino.

Nesse período, realizou estágios no exterior, na busca de conhecimento para desenvolver seus projetos, como também para aperfeiçoar seu trabalho com a docência, melhorar os materiais de apoio para as aulas, enfim, toda aprendizagem adquirida constituía para ela um núcleo de aprofundamento do trabalho pedagógico. Atualmente Ilar é aposentada pela UFU.

Ilar relatou que foi valorizada como professora. Afirmou que tinha um bom relacionamento com os alunos, professores e técnicos da UFU, pois era uma pessoa aberta e cordial. Considerou que a Universidade sempre a valorizou em todas as suas ações.

Quanto à docência Ilar afirmou que ao ministrar uma disciplina, o professor coloca sua personalidade, sua posição política, sua filosofia de vida, enfim suas crenças e valores, pois existe o chamado currículo oculto que aparece na conduta, na ética, no desenvolvimento do profissionalismo. Assim, considera que seus valores como religiosa estavam sempre presentes no exercício da docência, pois acredita que esses aspectos nortearam e ainda estão presentes direcionando sua vida.

No período de docência, Ilar se assustou com a burocracia da Universidade. Essa foi uma de suas maiores dificuldades, tanto que alunos e professores se queixavam bastante do excesso de burocracia, pois era difícil conseguir uma simples informação. Os professores encontravam várias dificuldades dentre elas: cópia de xérox, publicação de artigos ou livros, material para ministrar as aulas. Já para a administração tudo era fácil. Esse excesso gerou impacto negativo uma vez que, alunos e professores sentiam-se marginalizados dos processos decisórios, isso dificultava o entrosamento e o diálogo na sala de aula.

Outro fator que a incomodava bastante era a quantidade de reuniões que segundo ela, não resolviam nada, mas mesmo assim, os gestores buscavam alternativas para

resolver os problemas. Dentre as listadas a mais utilizada eram as comissões, que, mesmo depois de realizarem seus trabalhos, a essência que precisava ser modificada continuava a mesma.

De 1994 a 1995, Ilar fez outro Mestrado em Ciências da Religião, cujo objetivo era aprofundar seus estudos sobre a espiritualidade e dedicar mais à vida religiosa, visto que, sempre se ocupou de assuntos políticos e administrativos.

No período de 1997 a 2000, o Dr. Gladstone Rodrigues da Cunha indicou para o Sr. Virgílio Galassi, Prefeito da época, Ilar Garotti para ser nomeada Secretária Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Uberlândia - PMU. O prefeito aceitou a indicação e a nomeou.

Ilar afirmou em sua narrativa que enquanto esteve na Secretaria Municipal de Educação procurou desenvolver seu trabalho em equipe e seguindo seus princípios.



Revelou que não convidou nenhum professor que atuava na Faculdade de Educação da UFU. Escolheu seu grupo de trabalho entre os amigos pessoais de sua confiança, como também profissionais que estavam atuando na Prefeitura e que conheciam os problemas da rede municipal. Narrou que durante sua administração contou com o apoio político do Prefeito Virgílio Galassi e do Deputado Federal Odelmo Leão Carneiro.

**Figura 7** - Secretária Municipal de Educação  
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti – 2000

O trabalho desenvolvido na PMU teve como diretrizes a solidariedade, a construção de valores, a humanização, a integração da família na escola, a participação na Gestão Escolar, a melhoria da qualidade da Educação e a formação de professores. Para ela, essas metas deram bons frutos, o número de alunos matriculados nas escolas públicas municipais aumentou consideravelmente.

Pelos trabalhos realizados na cidade de Uberlândia, no ano de 2002 Ilar recebeu o Prêmio Darcy Ribeiro de Educação. Esse prêmio o MEC o oferece, concedendo

diploma de menção honrosa, às pessoas que contribuíram com o processo educacional seja nacional, regional ou local.

No decorrer de sua vida, Ilar relatou que nunca sentiu preconceito por parte de outros por ser mulher e ocupar cargos de chefia, havia muita segurança e respeito pelo seu trabalho. E se sente realizada porque deu uma resposta aos grandes desafios que Uberlândia lhe pediu.

Hoje, Ilar, com 73 anos de idade, afirmou que, se precisasse começar tudo outra vez, começaria do mesmo jeito, só que com uma experiência maior, tanto na Universidade, como também nos diferentes lugares pelos quais passou e trabalhou, sendo Diretora do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, Diretora da FAFI, Vice-Reitora, Pró-Reitora na UFU e Secretária Municipal de Educação de Uberlândia. Ela sente-se plenamente realizada pelos trabalhos prestados à cidade de Uberlândia.

A Universidade deixou marcas indeléveis em sua vida em relação aos espaços de gestão, foi um complemento positivo, pois sempre gostou de administrar. Dessa forma, a Universidade foi o lugar que possibilitou a ela desenvolver seu potencial como gestora, uma vez que acredita ser inata essa capacidade de administrar e ainda pôde aperfeiçoá-la desde sua infância, tendo como exemplo sua mãe e os lugares em que foi educada.

Como gestora da Universidade relatou que tinha liberdade administrativa, realizava o que queria e precisava, era sempre apoiada sem restrições. Dessa forma, sentia-se recompensada, era prazeroso, pois acredita que fez algo para o bem comum. Ilar mostrou-se imensamente agradecida à UFU pela oportunidade que teve ao gerenciar a Instituição, afirmou com emoção, que era o que sabia e amava fazer.

Como uma pessoa de fé, Ilar não se esqueceu de agradecer a Deus pelas inspirações e às pessoas que a ajudaram na vida como a sua família, a Madre Maria Villac (*in memorian*), na Congregação, a FAFI, a UFU, a Irmã Odécia (*in memorian*), a Doca, a Nilza e todos os professores. Ela considerou que todos os amigos foram grandes incentivadores e que ajudaram a construir o que pôde realizar por Uberlândia. Ela considera que o povo uberlandense reconhece o esforço que a sua equipe fez pela cidade.

E, finalmente, Ilar deixou uma mensagem de espiritualidade, porque percebeu a importância da vivência na religiosidade. Segundo Ilar, a vivência na fraternidade,

desenvolvendo as virtudes como: a humildade, o amor, a verdade, a justiça e os valores do Reino de Deus, é que dá sentido à vida. Considerou também que essa fraternidade, nós a encontramos em qualquer religião, pois, só os valores intelectuais não dão sentido à vida.

Para os professores ressaltou as mesmas palavras. O professor, segundo ela, só se distingue de um outro leigo, no desenvolvimento da profissão. Se ele for um ótimo leigo, que cuida dos valores espirituais, se prepara para a especificidade de sua disciplina, se tem um objetivo, se utiliza novos instrumentos para implementar sua prática e se tem garra para o trabalho, ele será um ótimo profissional. Mas salienta que, nesse processo, é importante também ter vocação, gostar da profissão e gostar do que faz para ter eficácia no trabalho.

Para Ilar é importante, senão fundamental, crescer sem abandonar os sonhos, ter fé e humildade para compartilhar com o próximo o conhecimento, isto é, melhorar a si mesmo e o outro através de ações solidárias.

Por opção, Ilar retornou à sua família. Para ela o que tinha que ser feito já o fez, e o que tinha que produzir já produziu.



**Figura 8** - A família, seus irmãos: Ivoni, Iversen, Ivan e Ivar  
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti

Em Jardinópolis não parou de estudar, ocupava seu tempo estudando a compreensão, o funcionamento e o desenvolvimento da mente humana. Em 2007 concluiu o curso de Parapsicologia em Campinas. Ilar passou uma temporada com sua família de origem e seus amigos de infância em Jardinópolis.



**Figura 9** - Residência em Jardinópolis  
Fonte: Acervo particular de Ilar Garotti - 2007

Atualmente, Ilar voltou a residir em Uberlândia. Como sempre gostou de administrar, a convite do Pe. Sérgio Siqueira Camargo, assumiu o cargo de diretora do Ensino Superior de Educação, na Faculdade Católica de Uberlândia, administrando as licenciaturas. Também faz assessoria na pastoral universitária. Ilar afirmou que a vida tem fases e as fases vão mudando de acordo com as circunstâncias.

Dessa forma, dois pontos ficaram evidentes na história de vida de Ilar: a vocação para servir a Deus e a capacidade de liderança e gestão. Esses fatores contribuíram significativamente para a construção de sua identidade. Assim, compreende-se que a história não é dada é construída. Assim, neste estudo o passado foi reconstruído com o olhar do presente, em que houve uma ressignificação, uma dinamização da história e uma seleção da memória da narradora.

Portanto, um caminho que auxiliou a entender as representações de Ilar, do ser religiosa e professora, foram seus modos de vida, seus grupos de referência, a família, a fé, a vocação, o processo educacional e a formação religiosa. Cada pessoa tem seu modo singular de ser e pensar, cada um constrói de forma diferente sua personalidade e sua identidade. Nesse sentido, conhecer a formação de Ilar para a vida e para o mundo levou a compreender alguns aspectos que nortearam sua vida pessoal e profissional.

No próximo texto, o segundo capítulo trata da profissão da professora, bem como alguns aspectos que constituíram o processo educacional na sua formação docente.



## CAPITULO II

### ILAR GAROTTI: A PROFISSÃO DE PROFESSORA

#### 2.1 – Caminhos de formação da narradora

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Este capítulo tem como propósito revelar caminhos vivenciados pela narradora, que, ao ser construído, descortinou o modo como a formação influenciou nas opções de vida de Ilar Garotti. Aqui desvela a professora, sua profissão e os caminhos percorridos na história, na vida e na educação.

Enveredar neste mundo da pesquisa foi um novo desafio na busca do caminhar para si mesma, pois, segundo Josso (2004), analisar a formação é uma das melhores formas de conhecer a si próprio. Nesse sentido, compreender o processo de criação do outro, do seu pensamento, de suas significações, possibilitou uma ampliação da experiência vivida que pode conscientizar de como as histórias singulares estão interconectadas com tempos, espaços, mediações e ressignificações e que podem levar a um processo de conhecimento de si próprio.

Neste estudo, a partir daqui, Ilar assume o papel de autora, no qual decidiu-se por chamá-la de Garotti. Assim, recordar, recuperar e conhecer a história de pessoas tem sido alavanca importante para a construção do conhecimento histórico.

Dessa forma, a vinda de Garotti para Uberlândia fortaleceu a educação local, pois pôde contribuir ao criar novos cursos na FAFI, formando várias gerações de homens e mulheres que posteriormente ocuparam lugares de destaque na educação do município de Uberlândia e região.

Nesse sentido, as interações e as experiências vivenciadas por Garotti, construíram seus saberes, pois, compreende-se que a memória não é somente individual,



é também coletiva e social. O indivíduo é exposto a diversas formas de influências ao longo de sua vida, e, nesse sentido, a narrativa pode promover a reelaboração do vivido, reconfigurando e ressignificando uma perspectiva de compreensão do mundo que se quer comunicar.

Portanto, ao mesmo tempo em que Garotti narrou sua história, estabeleceu um diálogo com os vários contextos vividos. Assim, por meio de um processo reflexivo, do que é de si mesmo e do outro, pôde-se tornar o relato um ato narrativo que proporcionou a Garotti uma oportunidade singular e talvez única de contar e se posicionar diante da vida, tecendo e re-tecendo a sua vivência sob os limites da discordância do destino, do tempo, da memória e do desconhecimento de si mesmo (JOSSO, 2004).

A condição da narradora ao revelar sua vida, tornou a autocompreensão de si e do outro, numa tarefa de interpretação das vivências que transformou a pesquisadora e a narradora em autoras-intérpretes de si mesmas e da realidade vivida e experienciada.

Tecer a história da vida da professora Garotti foi um grande desafio. Compreender, desvendar e interpretar a história de vida de uma mulher, freira e que sempre esteve vinculada ao poder, possibilitou analisar as representações da sua história vivida e o contexto social e educacional da época.

Nessa perspectiva, buscou-se aspectos que marcaram a sua trajetória desde sua infância para a construção do conhecimento histórico. Diferentes fatores constituem a concepção de mundo do ser humano, assim, considerou-se tanto o conjunto das relações sociais quanto a própria dinamicidade do momento histórico e da educação vivenciada por Garotti.

Dessa forma, foi preciso considerar a liberdade, o olhar, a individualidade e o contexto da narradora. Este por ser dinâmico e possuir várias interfaces específicas do momento, coube a Garotti revelar o que lhe foi mais significativo.

Desse modo, recorreu-se à memória da narradora como forma de possibilitar a compreensão do palco da história, suas nuances, suas diversidades, que foram moldadas pelo meio social, dinâmico e complexo. Assim, buscou-se compreender o espaço da mulher no contexto histórico o que implicou conhecer e compreender a representação feminina na história da educação.

A história revela que a mulher tinha um espaço delimitado, a ela cabia o papel de ser dona de casa, mãe, esposa e professora. Pois era simpática, dócil, carinhosa e meiga, nela havia todas as virtudes para ser uma boa educadora (PEREIRA, 1996).

No espaço educacional, a mulher foi educada para tal função, sendo ao homem reservado as funções intelectuais. Essa idéia foi reforçada, também, no interior dos colégios religiosos femininos, onde era desenvolvido um processo educativo com normas rígidas. Com a demanda crescente por educação no Brasil, deu-se início à presença maciça de mulheres na educação das primeiras letras (PEREIRA, 1996).

Aos sete anos Garotti entrou para o Colégio Sagrado Coração de Jesus, das Irmãs Franciscanas em Jardinópolis, estudou lá de 1940 a 1951, concluiu o primeiro, o segundo grau e o curso de normalista. A formação que as Irmãs lhe deram desde criança foi uma formação cristã. Segundo Garotti: “[...] essa formação construiu a minha personalidade. Ao lado disso, uma mãe muito firme nos princípios da religião, da honestidade, do trabalho, então isso foi construindo a minha personalidade” (GAROTTI, 2006).



**Figura 10** - Formatura da 4ª série  
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti - 1948

Relatou que sua mãe sempre dizia: “Você pode! Você consegue! Você tem força de vontade! Você vai para Campinas, porque você vai fazer Faculdade!” (GAROTTI, 2006). Assim, Garotti foi morar em um pensionato das Irmãs Missionárias chamado Instituto São José, em Campinas, para estudar.



**Figura 11** - Instituto Complementar São José – Campinas – São Paulo  
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti – 1955

De 1952 a 1956, fez graduação em Pedagogia e Orientação Educacional na Pontifícia Universidade Católica - PUC de Campinas. Construiu uma vida toda voltada para a intelectualidade, assim, nas suas palavras, “[...] foi se aperfeiçoando, continuando minha formação intelectual, cristã e humana” (GAROTTI, 2006).

No discurso religioso, ser professora fez com que muitas jovens se sentissem motivadas a fazer opção pela vida religiosa. Elas eram incentivadas nos colégios em que estudavam e também na família, para dar continuidade aos estudos, ter o aprendizado de várias línguas e uma profissão.

Assim, ao conhecer a experiência da vida religiosa de Garotti no interior de um Colégio de freiras, na sua infância e juventude pôde-se constatar que a influência da religiosidade nas suas opções e decisões.

Dessa forma, a vida religiosa apareceu em sua vida quando tinha 20 anos. Relatou que sentiu então sua vocação, e através da orientação espiritual, descobriu que sua vida poderia ser diferente. Narrou que “[...] realmente minha vida foi mudando:

meus valores, meus princípios e a minha fé me ajudaram muito o modo de ver as coisas” (GAROTTI, 2006). E, em 1954, Garotti entrou para a Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado.



**Figura 12** - Noviciado em Campinas  
Fonte: Acervo particular de Ilar Garotti - 1955

Na narrativa de Garotti, foi possível verificar algumas expressões carregadas de simbolismo religioso. Este aspecto foi demonstrado nos seus gestos, valores e atitudes do fazer na educação, imprimindo uma ordem interna no sujeito. Esses fatores revelaram a identidade da Irmã e da professora.

Como mulher, cumpriu o seu papel social na representação de ser dedicada, a filha obediente, a dócil, a meiga e professora. Essas qualidades foram exigidas à mulher e que eram reforçadas pelas Instituições, pela sociedade e pela família. Esses aspectos foram também cultivados nas novas gerações através do catecismo, dos grupos de jovens e nos cursos de formação.

Esses moldes implícitos ou explícitos utilizados com ou sem discurso, por meio de ações disciplinizadoras, enquadram-se na ordem cultural e emoldura o sujeito na sua forma de compreender e reproduzir o contexto, o que deu sentido e significado nas diversas práticas sociais. O desvelamento desta trajetória de vida direciona o olhar aos gestos e às falas, vasculhando suas entranhas em busca de histórias silenciadas e

esquecidas pelo tempo e/ou emoldurada pela doutrina da Igreja, procurando identificar as dimensões internalizadas nas atitudes e nos comportamentos que acompanharam o fazer nas experiências vividas (PEREIRA, 1996).

É uma tecitura tênue que se desvelou, umas vezes silenciou, outras expressou a dimensão religiosa de seu fazer, outras vezes reforçou a forma tradicional de educar a mulher, anulou parte da subjetividade, outras, fechou o cenário e não forneceu dados para elucidá-lo. Garotti guardou para si histórias que só pertencem a sua memória.

Esta experiência colhida se transformou em um palco permanente de experiências, onde pesquisadora e narradora se tornaram protagonistas de uma história cheia de conquistas, de reconhecimento e de aprendizado. Esse processo se deu na compreensão do ato de fazer, de ser e de saber fazer de cada uma.

Falar de Garotti, uma religiosa que fez do educar sua missão de vida, é extremamente complexo e desafiante. Nesse sentido, abre-se o canal para fazer história, ser sujeito da sua própria história. Assim, conhecer os percursos trilhados por esta educadora, leva-se a percorrer os caminhos da história da educação.

## **2.2 – A formação docente: o contexto histórico**

As intrínsecas relações do processo educacional e a formação da identidade de Garotti auxiliaram a compreensão do contexto em que foi educada desde sua infância, bem como, a dinâmica dessa realidade fez compreender como se deu a construção do seu papel de educadora.

A educação formal brasileira teve suas origens sob forte influência dos Jesuítas. Para Romanelli (1989), o ensino jesuítico interessava e era acessível a uma minoria que não precisava produzir as coisas materiais para a sobrevivência. Os jesuítas especializaram-se no ensino secundário e superior, com currículos em educação literária, filosofia e teologia. O modelo jesuítico foi base na educação das gerações futuras.

Os jesuítas não se dedicaram à educação das camadas populares, o que caracterizou o sistema de ensino como aristocrático. No ritual das aulas de religião existia uma preparação para fazer a primeira comunhão. Nessa preparação era obrigatório ir ao confessionário e pedir perdão. Cada um se considerava culpado pelo

próprio comportamento, de acordo com os parâmetros dos pecados estabelecidos na doutrina da Igreja Católica, nos livrinhos e catecismos obrigatórios para primeira comunhão, crisma, consagração e batizados. O catolicismo determinava para as instituições o modelo de educação (ROMANELLI, 1989). Esse foi um dos legados que influenciou a educação brasileira por um longo período.

Para compreender o contexto em que Garotti foi educada, foi necessário situá-la no espaço e no tempo histórico, assim, conhecer a história geral e local. Dessa forma, ao cruzar o estudo da singularidade de sua narrativa com a história, pôde-se ampliar as possibilidades de compreender suas experiências vividas, o contexto e o processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, compreende-se que os princípios impostos pela Igreja Católica, influenciaram significativamente a educação de Garotti. Ela ressaltou que “Essa formação construiu a minha personalidade[...]

Desde criança fui habituada a trabalhar, estudar, ser correta em todas as coisas, minha mãe era exigente, foi uma mão muito firme na minha vida, ela sempre me orientava muito bem em tudo que eu tinha que fazer (GAROTTI, 2006).

Dessa forma, as ações da Igreja, do Estado e, particularmente, da família, foram convergentes e decisivas para disciplinar o sujeito. Durante o seu percurso histórico, a mulher lutou para exercer o seu direito de cidadã, bem como o de exercer atividades na esfera pública, objetivando um patamar de reconhecimento.

Pereira (1996) afirmou que no final do século XIX, quando o positivismo domina o campo da história, a mulher era excluída do conhecimento histórico, uma vez que a ela cabia somente como objeto o que dizia respeito ao domínio do conhecimento elaborado pelos homens. Nesse sentido, a educação feminina era feita dentro da vida familiar, visando a preparar adequadamente para cumprir as funções do lar.

Assim, na história geral com a industrialização e a urbanização, aumentou ainda mais a demanda por educação. Viu-se a necessidade de agregar pessoas formadas para atuarem no mercado de trabalho e, assim, houve a necessidade de criar as escolas formadoras. Nos fins do século XIX surgiu a Escola Normal. Ela passou a ser vista pela mulher como uma oportunidade de continuar os estudos, atraindo moças de famílias abastadas que procuravam apenas elevar o grau de educação escolarizada, que representava prestígio social, por isso, era freqüentada por filhas da elite.

A Escola Normal se incumbiu de desenvolver o modelo de professora adequada para o atendimento às crianças e, posteriormente, foram destinadas à profissionalização da mulher. Assim, a Escola Normal foi importante na educação de Garotti, segundo ela, poderia ter um trabalho e ajudar sua família, afirmou: “[...]com um Curso Superior, logicamente ganhando mais, e com mais possibilidade de sustentá-la [...]” (GAROTTI, 2006).

No processo histórico, as escolas criadas passaram por críticas e reformulações devido à aplicação das reformas educacionais no sistema educativo, copiando o modelo europeu. Estas tinham como meta a renovação dos métodos e dos processos pedagógicos e o aprimoramento na formação de professores. Assim,

[...] as escolas normais deveriam formar professoras para um desempenho pedagógico calcado no humanismo, na competência e nos valores sociais. Essa educação, [...] deveria bastar, e as jovens brasileiras cresceriam com o destino profetizado de serem esposas, mães e, em caso de necessidade, professoras (ALMEIDA, 2004, p.75).

Com a idéia republicana de que a educação poderia resolver os problemas sociais e atender à expectativa da população, da família e da sociedade, surgiram as reformas educacionais. As reformas tinham o intuito de renovar o modelo de ensino tradicional e conservador da época. Seguiam o modelo educativo europeu, sem a preocupação com as diferenças da realidade brasileira. Esses aspectos tiveram peso na história da educação brasileira.

As Escolas Normais foram regidas por normas, ordem e valores religiosos. Vale ressaltar que “[...] houve grande preocupação em estabelecer normas que disciplinassem o corpo e fosse estabelecendo a interiorização de regras morais que regulassem o comportamento individual e social dos indivíduos na sociedade” (MENDONÇA, 2005, p. 39).

Fruto da ala tradicional e conservadora, as Escolas Normais veicularam a ideologia da elite. Com o decorrer do tempo essas instituições foram construindo sua identidade, evoluíram, formaram e qualificaram professores. Mas também ficou marcada como meio de propagar a ideologia dominante, manter a ordem, aumentar a diferenciação entre as classes sociais, ficando a formação intelectual para segundo plano:

A escola enquanto instituição do Estado, seria capaz de manter a unidade nacional através dos conteúdos, valores morais e culturais de maneira generalizada. Foi ainda, o recurso utilizado para dividir os indivíduos em classes sociais, estabelecendo a hierarquia entre elas a partir da ideologia de conformismo com a realidade social pregada pela classe detentora do poder governamental (MENDONÇA, 2005, p. 45).

A Escola Normal registrou a sua história como um mecanismo de exclusão, de disseminação dos padrões morais, religiosos e um instrumento para manipulação e disciplinamento da sociedade segundo os interesses da elite governante, excluindo a grande maioria da população da escola. Assim, “[...] a formação de professores (as) pela Escola Normal manteve-se sujeita às oscilações sociais, econômicas e políticas, de acordo com a ideologia do momento” (ALMEIDA, 2004, p. 89).

Nessa história houve um ponto positivo na educação da mulher: “[...] as Escolas Normais, silenciosamente [...] arrancaram as mulheres de seus enclausuramentos, elevando-as, instruindo-as e delas fazendo as primeiras professoras do Brasil” (ALMEIDA, op. cit., p.69).

Na PUC de Campinas Ilar optou, no curso de pedagogia, por orientação educacional. Assim, começou a exercer sua profissão trabalhando com orientação das pensionistas que moravam no Instituto Complementar São José.

Portanto, exercer a função de professor não é uma tarefa fácil, visto que a profissão,

[...] em todo o mundo, sempre foi mal remunerada e socialmente desprestigiada para quem exercia o magistério primário. Social e politicamente necessários, os professores poderiam ser mal formados, mas seriam vigiados e, por isso, instrumentos seguros para o controle social sem ‘violência’ ou força por parte das elites no poder (MENDONÇA, op. cit., p.65).

Dessa forma, ainda há muito para aprimorar a formação do professor, pois “[...] o sistema escolar continua sendo um importante meio de socialização, mas, regido por princípios da racionalidade do mercado: eficiência, eficácia, produtividade e êxito” (ALMEIDA, 2004, p.128). A autora ressalta ainda que, essa “[...] é uma lógica de



socialização amplamente difundida por meio de mecanismos que envolvem as sociedades em âmbito global” (ALMEIDA, op. cit., p.129).

Garotti na sua educação foi influenciada por todo esse processo, pois os métodos e modelos educacionais, perpetuam nas gerações futuras. Assim, na profissionalização feminina no magistério: “[...] as mulheres são herdeiras da tradição milenar da exploração e da violência, têm em si o potencial de formadoras de consciências e transmissoras das razões humanitárias para a não-violência enquanto praticam seu ato cotidiano de educar” (ALMEIDA, op. cit., p.105).

Dessa forma, compreende-se que há uma série de problemas na educação que interferem no trabalho dos professores, tais como: a multiplicidade de papéis, a indisciplina, o excesso de informações, a violência nas escolas, a jornada tripla de trabalho, os baixos salários e a burocracia.

Garotti relatou sobre a excessiva burocracia que havia na época em que atuou como professora na UFU. Havia dificuldade em exercer a função de ser professora, Narrou que na sua época de docência tinha como apoio “[...] o giz e o cuspe [...]” (GAROTTI, 2006).

Mesmo com a desvalorização da profissão docente, há de se reconhecer que o professor é uma presença importante na vida do ser humano no processo ensino-aprendizagem e na construção de valores. Freire (1996) afirma que o ato de ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética, estética, autonomia, humildade, tolerância, alegria, esperança, bom senso, apreensão da realidade, curiosidade, liberdade, autoridade, comprometimento, disponibilidade para o diálogo e a convicção de que mudar é possível.

Nessa perspectiva, para que o professor seja um bom educador e goste do ato de ensinar, é necessário que seja consciente do seu papel, de seu saber-fazer, da diversidade do contexto sócio-cultural do aluno e do meio escolar em que está inserido. Garotti, no seu percurso de educadora, relatou que estabeleceu uma relação de respeito e a inculcação de valores nos alunos, pois não dissociou educação e religião, como ela mesma relatou: “[...] todo professor tem um currículo oculto que é aquilo que você não fala, mas que aparece na sua conduta, na sua ética, no seu profissionalismo” (GAROTTI, 2006).

Dessa forma, o ser-professor é um processo de construção permanente em que nunca está pronto e acabado. Há que se aprimorar e articular os saberes da profissão à sua experiência com coerência entre o que fala e o que faz na prática educativa. Pois, no mundo globalizado, a sociedade assume novas formas, cria novos valores, novas culturas e novas linguagens. Assim, é importante aprimorar seu fazer através de uma formação permanente, uma postura ética e de respeito.

Segundo Garotti, para ser professor é importante ter vocação: “[...] eu distingo o professor que é vocacionado do que é mercenário. Mercenário é aquele que trabalha somente para ganhar dinheiro, mas não gosta da profissão. O professor tem que ser vocacionado, gostar do que faz, gostar da profissão” (GAROTTI, 2006). Porém, existem fatores que interferem no ser e no fazer da profissão, tais como: a rebeldia dos alunos, os baixos salários que levam à sobrecarga de trabalho e a tripla jornada em várias instituições. Assim, o professor é exposto a constantes situações estressantes.

Dessa forma, constata-se que esta profissão é cheia de complexidade. Nesse meio de tensões, estresse, desgaste físico e mental, para não adoecer, é necessário se adaptar às situações e buscar o equilíbrio “[...] o trabalho de educar tem tudo para ser o melhor e ao mesmo tempo é um tipo de trabalho dos mais delicados” (CODO, 1999, p.49). Ainda segundo essa mesma autora, “[...] todo trabalho envolve algum investimento afetivo por parte do trabalhador, quer seja na relação estabelecida com outros, quer mesmo na relação estabelecida com o produto do trabalho” (CODO, op. cit., p.50). Portanto, ter equilíbrio nas ações e gostar da profissão contribui de forma efetiva para que o trabalho seja sem prejuízo ao corpo e à mente.

Assim, com as rápidas transformações do mundo globalizado e as tensões geradas na profissão, levou a compreender as influências do contexto no processo de formação. A interação de Garotti com o meio social e político, possibilitou dar visibilidade às múltiplas redes de relações que foram construindo a sua identidade. Garotti colocou em relevo o enredo de uma história que se teceu através das experiências vividas e dos saberes construídos pela e na religião, permeada pelo poder.

Portanto, é importante conhecer alguns aspectos políticos da história geral, bem como compreender o dinamismo que regulou a vida social de Garotti, bem como, os princípios que nortearam as suas escolhas e suas ações, ancoradas politicamente.

### **2.3 – Teias do contexto político geral para tornar-se professora**

Ao conhecermos alguns aspectos da vida de Garotti, focamos o estudo num período em que foi estudante e que houve determinações da Igreja no processo educacional. Nesse texto, analisar-se-á o período militar e as relações de força e poder estabelecidos e mantidos pela Igreja. Período esse em que Garotti foi diretora do Colégio Nossa Senhora e da FAFI.

O período militar durou 20 anos, foi considerado um período de trevas: “[...] esse regime de trevas contou com a participação ativa da cúpula da Igreja Católica, tanto quanto o desencadear do golpe foi realizado com o apoio de boa parte dessa mesma Igreja” (INÁCIO FILHO, 2002, p.39).

O ano de 1960 foi marcado pelo início da industrialização, o aumento da tecnologia e uma nova sociedade urbana. Nesse processo, a educação foi base essencial para o aprimoramento profissional. Com o significativo aumento da população houve grande procura pela escola, o que fez com que se ampliasse a rede oficial de ensino, além do que a educação profissionalizante era base para formação de mão-de-obra, requerida pelo processo de industrialização.

Durante o governo militar deu-se início também a lógica mercantilista da educação superior, isto é, estudava quem podia pagar. A Igreja controlava o processo educacional, normatizando o ensino religioso nas escolas como meio de divulgar os seus preceitos. Dessa maneira, a sociedade capitalista buscou utilizar-se da instituição escolar para transmitir ao sujeito o conhecimento necessário para a continuação do processo de produção em benefício da classe dominante.

Conforme Germano (2000) O princípio norteador do período era a segurança e o desenvolvimento. A segurança, no sentido de manter a ordem, era considerada pelo governo da época como condição necessária para o progresso nacional. Esses fatores foram importantes para manter a exploração dos trabalhadores e discipliná-los para que não houvesse contestações.

Assim, a educação passou a desempenhar um importante papel na função de gerir, promover e formar mão-de-obra barata. O Estado passou também a exercer um grande controle político-ideológico na educação em todos os níveis de ensino, pois vinculou o ensino superior ao mercado e ao projeto de modernização, de acordo com o capitalismo internacional.

Assim, a educação teve como atribuição formar o capital humano para o trabalho, pois estava vinculada ao mercado e moldada pela ideologia desenvolvimentista e de segurança nacional. O sujeito foi moldado à lógica capitalista para dar lucro. Germano (2000) ressalta que, com o avanço do capitalismo, houve a necessidade de mão-de-obra qualificada e concomitante a esse processo a expansão escolar.

O ensino superior se expandiu, principalmente no caráter privado, pois recebia do governo verbas públicas. Tornou-se uma estratégia para a reprodução e ampliação da classe média, pois eram consumidores e movimentavam o mercado. Dessa forma, era necessário controlar o campo acadêmico, neutralizar as ações de contestação do movimento estudantil, ligado a organizações populares e mantê-lo sob rígido controle. O regime militar produzia “[...] um discurso de valorização da educação e transforma a política educacional numa estratégia de hegemonia, num veículo para a obtenção de consenso” (GERMANO, 2000, p. 104).

A luta do movimento estudantil era na defesa do ensino público e gratuito em oposição às escolas isoladas particulares. Pleiteavam a eliminação do setor privado por absorção pública, além de criticar o modelo universitário. As instituições do ensino superior sofreram profundas fragmentações em sua organização interna, as universidades passaram a ser problema.

Dessa forma, nesse período, o governo passou a escolher os Reitores e Diretores das Universidades e Faculdades Federais. Esses gestores deveriam se responsabilizar pela ordem e pela contenção da mobilização estudantil. Qualquer movimento era arrebatado pelas forças armadas com o uso da violência.

Esses fatores derrubaram o movimento estudantil e mantiveram sob vigilância as universidades públicas, tidas como foco de subversão. Foram expulsas várias lideranças do ensino superior, “Assim em abril de 1969 vem à tona mais um ciclo repressivo, aposentando compulsoriamente vários professores da USP e de outras universidades, quase todos portadores de grande projeção intelectual no país e no exterior” (GERMANO, 2000, p. 111).

Nesse período, foram decretados Atos Institucionais e Decretos que reprimiam qualquer tipo de críticas ao governo, os quais também deixavam claro a força do regime militar:

O Ato Complementar nº. 75 de 21/10/1969, decretava o fim da carreira científica dos pesquisadores atingidos pelos Atos Institucionais ao impedi-los de não somente trabalhar nas universidades, mas também de realizar pesquisas em instituições direta ou indiretamente subvencionadas ao Estado, violando, desse modo, um dos princípios fundamentais da Declaração Universal dos Direitos do Homem, o direito e a liberdade ao trabalho (GERMANO, 2000, p.111).

Esses fatores levaram à expansão do setor privado, pois muitos professores fundaram centros de estudos fora da universidade. No período militar, o ensino superior também teve influência do modelo norte-americano de universidade. Foram distribuídas bolsas de estudo nos Estados Unidos para professores bolsistas, estabelecendo vários acordos entre a USAID e o Ministério da Educação e Cultura – MEC.

O convênio MEC-USAID visava organizar e controlar uma equipe de assessoria ao planejamento do ensino superior, reunindo técnicos brasileiros e norte-americanos para moldar ao processo de formação como meio de aumentar a produção industrial e agrícola do Brasil. No ano de 1968, desse processo foi escolhido um Grupo de Trabalho – GT, no MEC, através de um decreto presidencial, a designação de 11 componentes para apresentar um projeto de reforma Universitária. Esta foi baseada nos estudos produzidos pelo convênio MEC-USAID:

O Relatório partia do pressuposto de que a educação era essencial ao desenvolvimento econômico da sociedade e sugeria a adoção de medidas [...] como: sistema de créditos, organização departamental, ciclo básico e ciclo profissional etc. Ao lado disso, concedia também grande ênfase à privatização do ensino (GERMANO, op. cit., p.123 - 124).

A reforma universitária foi um meio que o governo militar utilizou para assegurar o controle e a ordem, para modernizar o ensino superior, sem romper com os interesses da elite conservadora, mantendo as decisões nas mãos de poucos e idealizando a privatização. De acordo com os projetos ideológicos do regime militar, evidenciava-se o domínio e a unificação da força moral da Igreja com a força física dos militares. Assim, “[...] a ‘Educação Moral e Cívica’, o combate à chamada subversão comunista, a difusão da idéia de ‘Brasil-potência’ e a necessidade da existência de um Estado forte e poderoso, para combater os seus inimigos internos e externos e promover o ‘desenvolvimento’” (GERMANO, 2000, p.135).

A partir de 1970, a política governamental para a área foi estimular a pós-graduação e a capacitação docente, visto que foram criadas “[...] empresas estatais que empregavam alta tecnologia e demandavam o desenvolvimento de pesquisa científica e tecnológica” (GERMANO, op. cit., p.147), a maioria dessas empresas estavam vinculada às Forças Armadas. Este investimento buscava também reduzir a dependência científica e tecnológica do país. Com a pós-graduação deu-se início à pesquisa universitária mesmo com pouco investimento público.

Nesse sentido, faz-se necessário conhecer alguns aspectos políticos de Uberlândia no período militar, para compreender as interfaces do contexto vivido e experienciado por Garotti.

## **2.4 – Caminhos trilhados pela professora na cidade de Uberlândia**

Em 1950, Uberlândia iniciou a idealização de escolas superiores, atrelada à política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek de Oliveira. Havia na região uma grande carência de mão-de-obra especializada. O espaço escolhido para receber uma escola de ensino superior foi o colégio Nossa Senhora das Lágrimas, que tinha uma edificação arquitetônica imponente frente a outras edificações da cidade. Era uma escola mantida pela Igreja Católica e, nesse período, cuidava da educação da elite uberlandense do sexo feminino.

Em 1957, foi fundada a primeira escola de ensino superior, o Conservatório Musical de Uberlândia. Em 1969, através de decreto, foi nomeada a Faculdade de Artes, onde funcionavam os cursos de música e de artes plásticas. Abriam-se, assim, as portas para a criação de novas escolas superiores. Então, foram criadas escolas isoladas, como a Faculdade de Direito (1960), construída pelo povo uberlandense, através de contribuição de 50 contos de Réis.

Segundo Caetano (1988), a FAFI foi tida como a primeira instituição de ensino superior a oferecer formação na área de humanas, com os cursos: Pedagogia, Letras Anglo-Germânicas e Letras Neo-Latinas. Usou o espaço do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas onde a base de orientação era católica, além do que, o curso de Pedagogia era composto apenas por mulheres.

Ir. Maria Lázara Fioroni, no ano de 1960, fundou a FAFI, conforme os princípios da Igreja e do Estado, para manter a ordem e o progresso e a fim de que o comunismo e a maçonaria não dominassem o saber.



**Figura 13** - Faculdade de Filosofia  
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti – 1962

A base educacional do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas era confessional, mantido pela Igreja Católica, era freqüentado pelas filhas da elite uberlandense. Tinha como objetivo evangelizar e catequizar. Eram oferecidos inúmeros cursos: “[...] cursos noturnos para empregadas domésticas e cursos de ‘doutrina social’, além dos encontros de formação religiosa” (INÁCIO FILHO, 2002, p. 62).

Segundo Ramos (2003) o Colégio das freiras, tinha a função de vigiar e zelar pelo bom comportamento das meninas, além de cuidar da disciplina, moral, paz, harmonia e espírito casto entre as alunas. As alunas internas seriam cuidadas quanto à alimentação, higiene, saúde, disciplina, educação e instrução. Eram também oferecidas atividades de retiros espirituais, aulas de etiqueta e doutrina social.

Em 1962, Garotti assumiu a direção do colégio Nossa Senhora das Lágrimas e da FAFI. Relatou que o seu maior suporte administrativo foi a confiança que sempre depositaram nela, somando à sua experiência de vida, a sua formação de personalidade, a sua fé, a motivação da Madre e o apoio de uma equipe de trabalho sólida e de confiança.

Quando chegou a Uberlândia e viu aquele enorme colégio, relatou: “[...] me assustei! No início senti medo. Depois fui me adaptando com a nova realidade. O prédio

do Colégio Nossa Senhora era o mais alto da cidade, de onde se avistava Uberlândia inteira” (GAROTTI, 2006).

Garotti considerava que Uberlândia era uma cidade muito idealista e voltada para os interesses de seus cidadãos, tudo que tinha que ser feito, o corpo político se unia no empenho de fazer, narrou que percebia o contexto da seguinte forma:

Social: é uma sociedade voltada para o desenvolvimento e as necessidades do Uberlandense. Político: sempre teve políticos certos na hora certa. Rondon Pacheco, Homero Santos, Odelmo Leão, como Deputado Federal e agora o Gilmar Machado. Econômico: Uberlândia se abriu para as indústrias e o comércio. Se a cidade não tem indústria o comércio não tem uma base. E toda cidade que tem muita indústria, tem um bom comércio. Uberlândia se abriu para a cidade industrial e nesse ponto Sr. Virgílio Galassi, contribuiu para que a cidade se desenvolvesse, o Odelmo continua nessa linha de trabalho. Isso é uma característica do uberlandense (GAROTTI, 2006).

Uma de suas primeiras ações como diretora foi passar alguns cursos para o noturno, a fim de possibilitar que os jovens que trabalhavam durante o dia pudessem estudar à noite. Nesse processo de novas conquistas, viajava para o Rio de Janeiro, ia ao C.F.E., na busca do reconhecimento dos cursos que, segundo ela: “[...] nós nunca demos uma formatura sem o curso estar reconhecido pelo MEC” (GAROTTI, 2006).

Relatou que os fatores facilitadores de contato no C.F.E., foi o fato de ser religiosa e pelo aval dos políticos de Minas Gerais: “[...] conversava com o relator sobre as diligências exigidas, contava sempre com o apoio do Rondon Pacheco que era um nome de muita influência no Conselho Federal de Educação” (GAROTTI, 2006).



**Figura 14** - Ministro da Educação Ney Braga, Ir. Odélcia Leão Carneiro e Ilar Garotti  
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti – 1971



Numa outra ação, junto com o Diretório Acadêmico Brasília, promoveu uma grande pesquisa nas escolas de segundo grau para saber as preferências dos alunos para os cursos superiores. Segundo ela, “[...] a pesquisa dava o subsídio para ver qual era o curso que eu tinha que fundar e aí nós íamos ao encontro das necessidades da juventude uberlandense” (GAROTTI, 2006). Esse processo fez com que gerasse credibilidade e seriedade nos trabalhos desenvolvidos.

Foi possível constatar nas fontes iconográficas, como também nos seus relatos, que sempre esteve envolvida no meio político. No início da Faculdade contou com apoio de pessoas e de políticos influentes, o que mostra a força de uma religiosa no contexto social: “[...] minha vida política foi toda orientada por Rondon Pacheco e Virgílio Galassi e posteriormente por Odelmo Leão Carneiro” (GAROTTI, 2006).



**Figura 15** - Ilar Garotti e Rondon Pacheco  
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti - 1972

Garotti rememorou:

Administrativamente falando, eu funcionava com Odécia na vice, a Doca na secretaria e a Nilza na tesouraria, essa era a minha equipe administrativa. A parte pedagógica era feita pelos chefes de Departamento. Eu reunia os chefes, eles administravam cada curso, e aí, eu pude ser Vice-Reitora com uma visão de todos os cursos da Universidade (GAROTTI, 2006).

No ano de 1969, existiam Faculdades isoladas em Uberlândia: Direito, Pedagogia, Ciências Econômicas, Letras, História, Matemática, Música, Artes plásticas e Medicina. Essas Faculdades foram incorporadas à Universidade de Uberlândia. Nessa época também o Colégio passou por dificuldades financeiras:

Foi a crise de 1968, uma crise mundial. A França estava em guerra, os estudantes do mundo inteiro estavam em crise, e uma crise muito difícil, eu cheguei até entregar a faculdade para o MEC, por que eu não tinha condições financeiras de continuar. O Rondon Pacheco ajudou. Tive também, ajuda do Renato de Freitas que era Prefeito que pagou as dívidas da Faculdade e o Rondon conseguiu as verbas federais necessárias para equilibrar a Faculdade (GAROTTI, 2006).

A FAFI, orientada pela filosofia cristã, foi transferida para a Universidade de Uberlândia – UnU, por um contato verbal estabelecido entre os seus dirigentes. Dessa forma, faz-se necessário conhecer a amplitude das relações de poder estabelecidas. Conforme relatou: “Não tem documento de transferência, foi tudo feito verbalmente, foi conversado entre os dirigentes e foi decidido que iríamos para o Campus Santa Mônica” (GAROTTI, 2006).

Esse período marcado pelo regime militar foi época de mudança, de repressão, estabelecendo uma nova conjuntura política no país. Garotti relatou:

Sofremos muito. O que acontecia no mundo, acontecia aqui, então muitos alunos foram incriminados de que eram comunistas que eram subversivos, tudo aquilo existiu. Professores, alunos, passamos por um pedaço muito desagradável em que nossos alunos tiveram que ser detidos e questionados. Foi uma fase difícil que nós passamos como todas as Faculdades do Brasil passou por esse processo. Uberlândia segue o ritmo mundial, o que acontece no mundo, acontece aqui e agora com a globalização, muito mais rapidamente. Esse período foi realmente muito conturbado com conseqüências desastrosas para muitas famílias que perderam seus filhos O filme “Zuzu Angel”, narra a história de uma estilista que perdeu um filho durante essa repressão militar. A luta dos militares contra a influência comunista foi cruel para a sociedade e para o mundo (GAROTTI, 2006).

Porém, no trabalho desenvolvido na FAFI não foi observado por Garotti nenhum espião e/ou repressão política. Segundo ela: “Nunca houve espiões nas salas de aula. Decisão por repressão política, não! Pois a Faculdade se pautava por princípios de honestidade e firmeza de orientação” (GAROTTI, 2006).

No ano de 1987, Garotti concedeu uma entrevista, sobre o período militar, relatou:

Com o Golpe de 64, tínhamos achado que a interferência política iria impedir o processo de criação da Universidade, mas Uberlândia teve muita sorte nessa época, porque possuía, em Brasília, fazendo parte do governo, o ministro Rondon Pacheco, então chefe da Casa Civil. E, naquela época, o Ministro da Educação e Cultura era Tarso Dutra, amigo de Rondon, que pretendia uma universidade para a cidade do Rio Grande, uma cidade do porte de Uberlândia e Rondon também defendia uma universidade aqui. Um precisava do outro: o Chefe da Casa Civil politicamente precisava do Ministro da Educação e Cultura, e vice-versa (CAETANO, 1988, p.107).

Dessa forma, compreende-se o poder e o modo como ele se instaura e o processo estabelecido nas decisões das gestões. Segundo Foucault (1979), o poder é distribuído entre quem o detém, ele circula e funciona em cadeia e se exerce em rede. Nas suas ramificações o sujeito exerce o poder e também sofre a sua ação.

No período militar, foi incluída no currículo a disciplina de Estudos de Problemas Brasileiros – EPB. Nessa disciplina o professor ministra sua aula conforme o programa, as suas vivências e suas representações. Conserva-se assim, a força do poder do discurso ao qual foi formado e moldado. Segundo Garotti: “[...] cada professor, colocava no conteúdo de sua disciplina a visão que ele tem de mundo, de política e de sociedade, todo professor tem um currículo oculto que é aquilo que você não fala, mas que aparece na sua conduta, na sua ética, no seu profissionalismo” (GAROTTI, 2006).

Portanto, aqui, revelou-se a força política de Garotti. Todos os preceitos que lhe moldaram transpareceram nas suas ações em meio a um contexto de tribulações, transferiu por meio de acordo verbal uma Faculdade de Filosofia particular para a Faculdade de Engenharia da Universidade de Uberlândia - UnU.

Inicialmente, na transferência, o período de adaptação foi meio tumultuado, depois o relacionamento foi melhorando aos poucos. Ela ressaltou que

[...] com a ajuda do Dr. Genésio as coisas foram mudando. Ele dizia: “Eu quero ver isso aqui (porque Engenharia tem mais homens, moços), forrado de moças e de moços, aí eles vão poder namorar, vão poder se encontrar. Eu quero essa Engenharia mais humana”. Genésio teve a visão do Campus Santa Mônica repleto de estudantes dos vários cursos da UFU. A tranqüilidade foi acontecendo e o entrosamento cada vez foi ficando melhor (GAROTTI, 2006).

Garotti afirmou que foi um período em que houve a união e o empenho dos diretores e professores das duas Faculdades. Então os alunos da Faculdade de Engenharia, paulatinamente aceitaram os alunos da Faculdade de Filosofia. Assim, segundo ela:

[...] os professores da Engenharia eram nossos conhecidos. O que havia de diferente é que a Engenharia já recebia salário como Federal e nós ganhávamos como Faculdade particular. O salário era bem diferente. A diferença salarial trazia um desconforto relacional. A Engenharia era a prima rica e nos éramos os pobres. Então, eles tiveram que nos aceitar, mas, quando houve a equiparação salarial, aí houve uma aceitação muito maior do que a inicial (GAROTTI, 2006).

Garotti ressaltou que quando a FAFI mudou para a Faculdade de Engenharia, ela levou toda a sua família junto: “[...] minha família eram 72 professores e que nós convivíamos lá do mesmo jeito, só que com mais amplitude e espaço, gerido pelo Campus” (GAROTTI, 2006). Nota-se o carinho e respeito que tinha pelos professores e a força do trabalho em equipe que, mesmo com a mudança de local e transtornos, juntou as forças políticas e manteve o equilíbrio necessário para a continuação da FAFI no campus Santa Mônica.

Em 1974, quando era diretora do Colégio e Vice-Reitora da UnU, Garotti contribuiu para a fundação de uma extensão da Faculdade em Monte Carmelo. O prefeito Camilo necessitava legalizar a situação dos professores leigos locais e, no Colégio Polivalente, ela colocou em funcionamento a Faculdade com os Cursos de Pedagogia, Letras e Estudos Sociais. Esses cursos funcionaram lá por 3 anos e foram dirigidos pela Irmã Maria do Rosário Curado. A experiência terminou depois que a Faculdade legalizou a vida profissional dos professores.

Garotti, com o intuito de implementar suas ações, fez um curso de Especialização em Planejamento e Administração de Sistemas Educacionais na Fundação Carlos Chagas no Rio de Janeiro, em 1975. No fim de 1977 e início de 1978, com a Federalização, a FAFI se integrou à UFU, no Campus Santa Mônica. Nesse período, continuou como diretora e Pró-Reitora Estudantil e Extensão até 1980. Nessa época, os professores não tinham dedicação exclusiva para a UFU, eram horistas e, se caso faltassem ao trabalho, seriam penalizados: “[...] cortava o ponto! O professor recebia por aula dada, se faltasse, a aula era cortada de seu salário” (GAROTTI, 2006).

Ela relembrou também que tudo era conversado, os professores eram muito mais unidos e dedicados ao trabalho: “[...] todo mundo tinha muito mais garra para trabalhar, todo mundo precisava trabalhar, hoje também precisa, mas as coisas eram um pouco mais diferentes”. Na sua fala destacou: “[...] antigamente o corpo administrativo da UFU era muito unido, com ideais nobres e com muita garra para o trabalho em equipe” (GAROTTI, 2006).

Afirmou também que, naquele período, as relações de poder são como hoje, “[...] muito conflitantes. Quando há interesses particulares as relações de poder aparecem causando desconforto, perdendo-se o objetivo maior que é o bem comum da Instituição” (GAROTTI, 2006).

Relatou que os Departamentos da UFU eram a menor unidade administrativamente falando, mas juntos tinham força. Rememorou:

Nossa! A Faculdade de Filosofia com 70, 72 professores, quando fomos pra lá, era aquela união, aquela maravilha, embora com os professores de vários cursos, havia uma união muito grande a gente se encontrava muito, isso hoje não existe, é muito difícil por causa do individualismo (GAROTTI, 2006).

Relatou que na UFU quando realizavam comemorações, cada Departamento fazia sua agenda, eram livres: “[...] o Departamento se reunia, festejava, organizava as festas dos alunos, as reuniões, as datas”. Conta também que antigamente havia cultos religiosos para os alunos, “[...] existia um trabalho de Igreja, dirigido pelo Professor Pe. João Biagioni. Havia a equipe que orientava a missa do universitário aos domingos. Essa missa era freqüentada pelos universitários da cidade” (GAROTTI, 2006).

Garotti constatou que os alunos da época eram bastante comprometidos com os estudos, porque precisavam do diploma para trabalhar, ela conta que “[...] eles eram voltados para o processo de ensino-aprendizagem, concentrado sobre a vida real, para os interesses de suas necessidades naturais e intelectuais. A busca do conhecimento norteava a mente dos alunos” (GAROTTI, 2006).

Dessa forma, ela considera que a rebeldia dos jovens se dá pela falta de princípios de família, que é a base fundamental da sociedade. Relatou que

[...] a sociedade foi se contaminando, com toda essa libertinagem que existe onde tudo é permitido, tudo é natural. Isso não agrada o jovem. O jovem anseia por princípios de ordem fundamental, ideais nobres e elevados. O jovem de hoje, quer a seriedade (GAROTTI, 2006).

Garotti relembrou que na sua vida sempre trabalhou com afinco. Ao lado de Genésio de Melo Pereira, Rondon Pacheco e Homero Santos, ajudou a organizar a fundação da UFU. De 1972 a 1976 foi membro da Comissão de Estruturação, Transformação e Organização da UnU para a UFU e Assessora de Ensino da UnU. Em 1973 foi Diretora Pró-Tempore da Faculdade de Medicina Veterinária na gestão do Dr. Juarez Altafin. De 1976 a 1980 foi Pró-Reitora Estudantil e de Extensão da UFU na gestão do Dr. Gladstone Rodrigues da Cunha, acumulando cargos.

Em sua gestão contou com a motivação e apoio da Ir. Odécia fez dois estágios no exterior. Ela relatou que esses estágios foram importantes, pois pôde fazer adaptações para melhorar os projetos que desenvolvia na UFU. Havia o aperfeiçoamento do ensino, a melhoria de material de apoio para as aulas, enfim, toda aprendizagem adquirida constituía um núcleo de aprofundamento do trabalho pedagógico na sua gestão. Rememorou que

[...] a Irmã Odécia Leão Carneiro me incentivava muito a fazer estágio no exterior, ela arrumou um estágio em SEVRES, Paris, na França em 69 e 70, eu fiquei 3 meses no Centro Internacional de Estudos Pedagógicos de SEVRES. Depois, eu fui para os Estados Unidos, em Rochester, em 1987, eu fiquei lá 3 ou 4 meses no Colégio das Irmãs vendo como funcionava a Universidade, principalmente a biblioteca. E na Universidade de Madri, em 93, eu já estava fora da universidade, eu fui mais para uma viagem turística e fiquei lá na casa do Brasil, por três meses (GAROTTI, 2006).

Em 1980, com 47 anos, fez Mestrado em Educação na PUC-SP, na Área de Supervisão e Currículos. Em 1982, retornou para a UFU para ser professora no Departamento de Educação, ministrando as disciplinas Currículos e Programas e Introdução à Educação. Foi professora por oito anos e concomitante a esse período fundou a Creche Santa Rita, em 1983, que, posteriormente, foi cedida à Prefeitura com a permuta em terrenos. Foi co-fundadora e vice-presidente da Creche Comunitária Santino, em 1987. No período em que foi docente utilizava o espaço da Creche Comunitária Santa Rita para que suas alunas fizessem estágio.

Como professora, Garotti sempre foi mestra dedicada e comprometida com seu trabalho. Afirma que foi muito aberta com seus alunos e sempre teve grande preocupação com a formação da juventude, com a qualificação para o trabalho e com a inculcação de valores.

Afirmou que, embora sempre tenha tido apoio político nas suas gestões administrativas no período militar, relatou que foi um período muito conturbado, mas compreendeu que aquele era um contexto geral que abrangeu todo o país: “Foi uma fase difícil que nós passamos como todas as Faculdades do Brasil passaram por esse processo” (GAROTTI, 2006). Assim, pôde-se compreender a força das relações de poder e as determinações da Igreja no contexto e na educação.

Em 1989 foi presidente da Sociedade Benéfica Ágape que é mantenedora da Creche Santino. Quando foi docente, seus valores religiosos permeavam a sua conduta, relacionava-se bem com os professores e com os alunos, havia entrosamento, solidariedade e união. Porém, lembrou que teve problemas com a burocracia existente na UFU:

A burocracia sempre foi grande demais! Eu não me conformava. Quando eu cheguei do Mestrado e voltei para a docência eu me assustei com a burocracia da Universidade. Foi uma das maiores dificuldades que eu encontrei. Para o aluno tudo era difícil, xerox era difícil, publicar era difícil, tudo! A burocracia gerava uma porção de impactos, porque o aluno se sentia muito marginalizado (GAROTTI, 2006).

Relatou que quando foi docente na UFU tinha uma imensa dificuldade para ministrar as aulas por falta de material. Contou que necessitava de xerox e de materiais para ministrar bem as aulas, afirmou: “[...] para a administração tudo era fácil!” (GAROTTI, 2006). Dessa forma, Garotti pôde perceber o grande impacto que a burocracia lhe oferecia e as relações de poder existentes às quais, como professora, não tinha acesso aos mesmos benefícios que tinham os administradores da UFU.

Outro aspecto que a incomodava muito era o excesso de reuniões que não resolviam nada, formavam uma comissão e tudo continuava como antes. Percebeu que era muito diferente do período em que administrava, relatou que tomava decisões e articulava o meio político e pessoas para atingir o seu objetivo. Lembrou:

Tinha reuniões e mais reuniões, porém depois tudo continuava como antes. Eu me cansava com tantas reuniões. Muita reunião e pouca ação. O povo quer falar, mas na hora de agir. O professor tem que mudar isso, mudar aquilo. O professor tem que preparar melhor a aula, o professor tem que... Ih, era aquela lenga, lenga e tudo continuava da mesma forma (GAROTTI, 2006).

Depois de trinta anos, já cansada e desmotivada com as situações e sem forças para decisões e ações, em 1991, com 59 anos, aposentou-se na UFU. Garotti relatou: “[...] percebi que era hora de cuidar de outras coisas. Viver a vida de modo diferente. Minha fase, depois de 30 anos, passou. O que eu tinha que fazer, eu já fiz, o que eu tinha que produzir, já produzi, então agora é pensar em outras coisas” (GAROTTI, 2006).

Descansou por dois anos e não parou por aí, continuou assessorando as creches e cuidando de seu trabalho na pastoral da Igreja. Depois de todas essas lutas, reflexões, sentiu necessidade de aprofundar na espiritualidade. Em 1994, foi para a PUC-SP, fazer outro Mestrado em Ciências da Religião, buscando se dedicar ao estudo de questionamentos mais existenciais e espirituais.

Indicada por Gladstone Rodrigues da Cunha, Reitor da UFU, assumiu a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU). No período de 1997 a 2000, como Secretária, remontou sua equipe de trabalho, contou com o apoio de assessores que já atuavam na Prefeitura, pois considerava que eles já conheciam a realidade e o contexto educacional do município, o que ficaria mais fácil de administrar. Novamente pôde contar com o suporte de alguns políticos do município.

O trabalho desenvolvido na PMU era pautado nas seguintes diretrizes: participação na gestão escolar, melhora da qualidade da educação, aprendizagem e humanização das escolas, através da melhoria do relacionamento baseada em valores, a fim de contribuir para o conhecimento do aluno e a participação da família na escola. Ela ressaltou que, para ensinar, é necessário que a família, os professores e diretores acompanhem o desempenho do estudante, integrando três partes básicas:

Liderança, autoridade e competência. Sem a liderança o grupo não se une. A autoridade não pode ser confundida com autoritarismo, senão o ensinamento não flui e a competência que margeia e norteia os dois primeiros. Agindo com estes três preceitos, diretores e professores vão se dar bem nas suas tarefas (PASTA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO – PMU, 1997).



Uma de suas primeiras ações foi a unificação das creches através de um projeto com a Secretaria de Ação Social e Secretaria Municipal de Educação, para garantir e instituir um padrão de qualidade em todas as creches. Para tal objetivo promoveu um curso de formação dos profissionais que atuavam nas creches.

Nesse período, elaborou metas a serem estruturadas e realizadas nos quatro anos de sua gestão. Dentre elas destacaram-se:

Melhoria das condições de funcionamento e qualidade do ensino, privilegiando a integração escola comunidade; - Cursos de qualificação para profissionais do ensino, preparando-os para as mudanças preconizadas pela LDB; - Inclusão, no conteúdo do Ensino Religioso, da Orientação para Vida, uma proposta de resgate de valores e de incentivo ao papel do professor como agente transformador da cultura do aluno. - Implantação do Sistema Municipal de Ensino, visando agilizar as decisões do processo ensino-aprendizagem. - Implantação do ensino fundamental em ciclos e sistema de aprovação automática. - Implantação do Conselho Municipal de Educação, visando maior participação da comunidade na gestão da Secretaria. - Reduzir as repetências de modo que 80% das gerações escolares possam concluir a escola fundamental com uma trajetória escolar regular. - Criar classes de recuperação e aceleração, tornando os programas de recuperação obrigatórios para alunos de baixo rendimento. - Incentivo à democracia e autonomia nas escolas - Avaliação durante todo o ano letivo com ênfase na qualidade do ensino - Implantação da internet e intranet (PASTA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO – PMU, 1997).

Sua gestão foi permeada pela divulgação de valores humanos para conduzir o indivíduo no seu dia-a-dia, no sentido da vida na vivência e no resgate dos valores. Criou, assim, a disciplina Orientação Para a Vida - O.P.V., para promover a humanização do aluno e da escola. Garotti, quando foi Secretária da Educação, relatou: “[...] tenho o intuito de desenvolver o espírito comunitário entre todas as pessoas, resgatando assim a cidadania” (PASTA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO – PMU – 1997).

Com essa visão, procurou buscar o verdadeiro sentido do educar: “[...] o progresso de um país só acontecerá através da educação, na integração da sabedoria do espírito e do conhecimento intelectual e na valorização da vida” (GAROTTI, 2006).

No encerramento do ano letivo de 1999, no Encontro dos Educadores, Garotti revelou um balanço positivo de sua gestão: “[...] foi um ano favorável ao ensino. Muito

se fez, muito se conquistou. E, por trás de toda ação, estão aqueles que promoveram os artifícios da educação, onde o ideal é imbatível e persiste aos mais fortes obstáculos” (PASTA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO – PMU – 1999).

Afirmou que: “[...] em 1997, quando assumiu a Secretaria Municipal, a rede tinha 37.270 alunos, em 2000 a rede tinha 47.316 alunos, aumentando em quatro anos 10.046 alunos” (PASTA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO – PMU – 2000). Esse desafio terminou em dezembro de 2000, período em que recebeu várias homenagens.



**Figura 16** - Homenagens recebidas no ano 2000 Cidadã Uberlandense e Título de educadora do ano 2000  
Fonte: Acervo particular de Garotti 2000.

Garotti resumiu sua História de Vida sentindo que o seu dever foi cumprido da melhor forma possível. Relatou:

Senti-me muito realizada, porque dei uma resposta aos grandes desafios que Uberlândia me pediu. E, com muita satisfação, hoje estando com 73 anos de idade, trabalhei 30 anos na Universidade. Se precisasse começar tudo outra vez, eu começaria do mesmo jeito, com uma experiência maior, tanto na Universidade, como Diretora, como Vice-Reitora, como Pró-Reitora e depois na Secretaria Municipal de Educação como Secretária Municipal no tempo do Sr. Virgílio. Eu tenho uma satisfação muito grande de ter contribuído para o progresso cultural de Uberlândia. Na medida das minhas possibilidades e das minhas circunstâncias, eu me sinto uma pessoa muito realizada, como mulher, como religiosa e não me arrependo nenhum minuto de tudo o que eu fiz (GAROTTI, 2006).

Relembrou das pessoas que deram suporte administrativo ajudando-a na consecução de seus objetivos e por fim a construir sua trajetória de vida:

[...] a começar pela minha família, minha mãe, meu pai, meus irmãos e depois a nossa Madre na Congregação, na Faculdade de Filosofia, a Odélcia, a Doca e a Nilza e todos os professores, Professor Osvaldo, enfim, eles foram para mim os grandes incentivadores que me ajudaram, a construir o que eu pude realizar. A Ir. Odélcia recebeu de Deus o dom de uma inteligência brilhante, testemunhada pelos alunos e companheiros de trabalho na UFU. Sabia se doar na profissão. Foi uma das melhores professoras da UFU. Na vida existencial, era amiga e boa conselheira. Sabia dar uma palavra fundamentada na prudência e na sabedoria, dentro da verdade inserida na sua própria maneira de pensar, ser e agir. A Doca, Aparecida Portilho Salazar é amiga e conselheira. Trabalhou na Faculdade durante 18 anos, demonstrando grande competência para lidar com legislação de ensino. Uma das coisas mais acertadas que fiz na Faculdade foi colocar a Doca como Secretária. Ela possui as seguintes qualidades: Seriedade, competência e dedicação. A Nilza Pereira Ciconelli, foi companheira em todas as horas. Foi tesoureira. É honesta, séria e fiel. Trabalhou desde o início da Faculdade, sempre alegre, comunicativa e solícita (GAROTTI, 2006).

Ressaltou na narrativa que uma das coisas que mais gosta de fazer é administrar e gerenciar pessoas, além de considerar que o trabalho desenvolvido no Colégio, na UFU, na PMU, foi reconhecido e feito com satisfação e apoio. Afirmou:

A Universidade me deixou uma marca muito grande, foi um complemento positivo na minha vida. Eu sempre gostei de administrar. A Universidade me deu um suporte financeiro para eu poder desenvolver essa capacidade que trago dentro de mim. Sempre me sentia muito livre, muito apoiada pela Universidade, para eu fazer e realizar o que eu queria e o que eu precisava realizar. Como também na Secretaria da Educação, o Sr. Virgílio sempre me deu muito apoio e eu pude fazer alguma coisa por causa desse apoio que eu tinha dele. Então, sempre onde eu trabalhei, eu sentia muito apoio dos meus superiores, mesmo dentro da Congregação, na Universidade, na Faculdade de Filosofia, o apoio para desenvolver o que eu tinha que fazer, isso me realizava muito (GAROTTI, 2006).

Quando Garotti falou sobre como gostava de administrar, se emocionou dizendo: “[...] trabalhava com muito Amor” (GAROTTI, 2006). Disse que não sentia vaidade nas suas realizações, mas gostava de fazer bem feito: “[...] sentia prazer por estar fazendo uma coisa para o bem da humanidade, para o bem de Uberlândia, pois eu gostava de trabalhar na UFU” (GAROTTI, 2006).

Relembrou que em 2002 recebeu o Prêmio Darcy Ribeiro de Educação: “[...] esse é um prêmio que o MEC oferece, concedendo o diploma de menção honrosa. A Comissão de Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados em Brasília escolhe uma pessoa e durante a Conferência Nacional de Educação, eles oferecem esse prêmio” (GAROTTI, 2006).

Assim, compreender a história de Garotti é enveredar pelos percursos realizados na e pela educação de uma docente aposentada da UFU. O seu modo de ser, fazer, e pensar sobre a educação, o meio social e político em que esteve inserida, deixou claro na narrativa o tino administrativo de uma mulher, uma religiosa, uma educadora, que, em meio a tantos desafios, deu uma resposta positiva aos anseios de Uberlândia, tornando-se uma das principais protagonistas da organização e sistematização do ensino local.

Nessa perspectiva, entende-se que a formação da professora está ligada à própria constituição da mulher. Ser professora representava, pois, um prolongamento das funções domésticas, o ato de ensinar, era destinado à mulher. O magistério, além de ser uma profissão tida como continuadora do lar, ainda incumbiu-se de propagar que a mulher seria a educadora das futuras gerações.

Dessa forma, Garotti representou em sua profissão o papel de professora que lhe foi atribuído no curso de sua própria história. Importa notar que, por um lado, com a grande evolução e revolução que se processa no campo educativo, nos últimos anos, assistimos a transformações sociais, políticas e econômicas acentuadas. Essas mudanças influenciaram a educação e a função docente.

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa obrigou o professor a alterar o seu papel de transmissor de conhecimentos. Ele enfrenta, atualmente, a necessidade de integrar as redes de informações ao seu trabalho, devido ao potencial informativo dessa nova fonte.

A mídia é presença constante no cotidiano, principalmente no escolar. Assim, apresenta-se aqui uma breve reflexão sobre a influência da mídia no processo educacional e a fabricação de identidades sociais., focalizando a constituição de um discurso que tem que preparar o jovem para o mercado de trabalho.

A mídia tem influenciado o processo educacional através da rapidez e o fácil acesso das informações. Esses fatores trouxeram conseqüências positivas por um lado, e

negativas, por outro. Positivas no sentido de que essas informações podem ser transformadas em conhecimento, e negativas porque muitos não sabem lidar com essas informações, ao invés de usarem a informação como meio de conhecimento e de discussão, pode ser usada para inculcar a ideologia dominante.

A mídia está presente em todos os lugares. Em todas as áreas do saber ela está inserida. Dificilmente alguém deixa de comentar em seu meio social o que repercutiu no rádio, no jornal, na televisão e na internet. Como a mídia é onipresente em nossas vidas, conseqüentemente, ela influencia também o processo educacional. Assim, “[...] A supervalorização da comunicação em massa tem íntima relação com o enfraquecimento dos modos de legitimidade de outras instâncias intermediárias, como a comunidade acadêmica, a religiosa, a científica e a cultural [...]” (FISHER, 1996, p.50).

Dessa maneira, com a globalização ocorreu a expansão do conhecimento de forma ampla e em plano mundial. Com o uso da comunicação em rede pode-se gerar e aplicar novos conhecimentos. Mas é preciso um ajustamento tanto de consciência do modo como usá-lo corretamente, como também da necessidade de formar profissionais do magistério para lidar com novas redes de informações.

Garotti quando foi docente, teve essa percepção da mudança do comportamento da juventude que, diante da globalização das informações, percebe os jovens sem um ideal para sua vida:

Eu vejo hoje um aluno muito carente e muito mais perdido do que no nosso tempo. O jovem precisa de um ideal na vida. Esse desejo de liberdade e às vezes até de libertinagem, é uma fantasia que passa na cabeça do jovem. O que ele quer mesmo é uma ordem, uma disciplina. Todos têm esse desejo, e isso está meio balançado hoje, onde tudo é permitido (GAROTTI, 2006).

Esse processo pode se dar pela falta de limites e pelo excesso de informações a que o jovem tem acesso. Ele não tem maturidade suficiente para lidar com a ampla rede de informações: “[...] o que acontece no mundo, acontece aqui e agora com a globalização, muito mais rápido” (GAROTTI, 2006).

Vivemos inseridos em um mundo cultural e amplo, no qual são tecidas diversas experiências de nosso dia-a-dia e que envolvem conhecimentos de todo o tipo. Assim, a educação viabilizou por meio da mídia a divulgação e a operacionalização da formação.

A escola tem como papel social ser instrumento de formação intelectual do sujeito e, como prática social, pode propiciar tanto a conscientização como a alienação. Nesse sentido, “[...] os meios de comunicação, com sua velocidade de veicular a informação, deixam explícitos a inoperância das instituições escolares e dos professores” (PIMENTA, 2002, p.102).

Dessa forma, faz-se necessário a conscientização da importância de formar mediadores para interagir com o conhecimento e para que, a partir da leitura do contexto, possa promover a reflexão e a mudança de si mesmo e da realidade na qual está inserido.

Garotti ressaltou que, quando foi docente o jovem tinham ideais nobres: “Os alunos eram voltados para o processo de ensino-aprendizagem, concentrado sobre a vida real, para os interesses de suas necessidades naturais e intelectuais. A busca do conhecimento norteava a mente dos alunos” (GAROTTI, 2006).

Hoje, os jovens criados numa sociedade digital, cedem ao marketing do modismo e do consumismo: “Eu vejo hoje um aluno muito carente e muito mais perdido do que no nosso tempo” (GAROTTI, 2006). O ser humano tornou-se um consumidor de idéias, de produtos do desejo e da moda. Impôs-se uma escola competitiva para educar segundo as exigências do mercado de trabalho. Nesse sentido, “a mídia se tornou uma estrutura de poder que se articula através dos meios de comunicação” (FISHER, 1996, p.53).

Estamos no século XXI, vivenciamos uma época de grande disseminação de informações. O modo de educar e disseminar os conhecimentos estão em constante transformação, principalmente com os novos avanços tecnológicos. Antes, tínhamos falta de informação. Hoje, com o crescimento da mídia, principalmente a eletrônica, há excesso de informações. Assim,

[...] a universidade (e os professores) têm um grande trabalho a realizar, que é proceder à mediação entre a sociedade da informação e os alunos, a fim de possibilitar que, pelo exercício da reflexão, adquiram sabedoria necessária à permanente construção do humano (PIMENTA, 2002, p.102).

Portanto, os educadores precisam se conscientizarem quanto à importância de formar seus alunos para a leitura crítica da produção dos meios de comunicação. A

mídia tem exercido um papel determinante na formação. Quando foi docente na UFU, Garotti relatou: “Eu percebia muito nos alunos a seriedade no estudo, eles levavam a sério, eles precisavam daquele diploma para trabalhar. Hoje em dia a coisa mudou muito, primeiro eles vão arrumar um emprego, depois vão estudar” (GAROTTI, 2006).

A internet é uma nova mídia. Na educação, o uso dessa tecnologia exige professores interessados no processo de ensino-aprendizagem e na formação do sujeito. Todo o aparato técnico, desenvolvido principalmente nas últimas décadas, deflagra a importância do sistema de comunicação eletrônica na organização e controle da sociedade, mas é também um importante meio de divulgação da ciência. Para Garotti:

O progresso tecnológico hoje, mudou muito a cabeça dos alunos. O computador, a internet está contribuindo para que nosso jovem mude sua maneira de pensar e agir. A cultura do aluno hoje se diferencia diante dos desafios da globalização e do progresso do mundo (GAROTTI, 2006).

Nesse contexto, as relações entre os professores e os alunos também sofreram mudanças profundas. Assiste-se a uma degradação do clima escolar “[...] entre sujeito, discurso e poder. Nossas vidas comuns, apanhadas e transformadas pelos discursos da mídia, têm neles uma forma de existir, que é ao mesmo tempo pauta para nosso cotidiano, fonte de saberes múltiplos e objeto de poder” (FISHER, 1996, p. 56).

Dessa forma, o professor deve compreender o seu papel social, o que significa, antes de tudo, ser um sujeito capaz de utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos pedagógicos práticos preexistentes e, assim, reelaborar suas práticas, de forma autônoma, utilizando-se dos instrumentos e de práticas reflexivas.

A formação deve também garantir a própria ação educativa, (re) construindo-a a partir da reflexão e das reais necessidades do grupo. É preciso ter o desejo de ensinar e provocar o desejo no outro: “[...] é preciso gostar do que faz” (GAROTTI, 2006).

No atual contexto, assiste-se a um processo histórico de aumento das exigências ao professor. Ele assume um número cada vez maior de responsabilidades: ser facilitador da aprendizagem; pedagogo eficaz; organizador do trabalho em grupo; e que, além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e a interação com os alunos especiais, o que não se constitui em tarefa fácil.

Portanto, a formação é também um trabalho de reflexão sobre os percursos da vida. Assim os conhecimentos, os valores, as crenças e ações deram forma à identidade de Garotti. Analisar a formação desta professora com o auxílio da narrativa, possibilitou compreender o modo como ela representa o mundo e a sua vida. Conota-se também que a formação de professora e religiosa moldou, no tempo e no espaço, a educação de Garotti.

Dessa forma, a vocação também foi tida como determinante de sua opção de vida. História, educação, formação e religiosidade formaram elos intrínsecos na constituição da vida de Garotti. Esses fatores justificaram a renúncia a uma existência material para atender a um chamado de Deus. Assim, a construção de sua identidade se deu na sua formação e na vivência num Colégio de freiras.

Nesse sentido, no próximo capítulo buscou conhecer alguns aspectos da religiosidade que influenciaram e marcaram de forma significativa a opção de Garotti pela vida religiosa.





## CAPÍTULO III

### A RELIGIOSIDADE DE ILAR

#### 3.1 - A vida na história: a história da vida religiosa

O discurso [...] são poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de suportar lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras (FOUCAULT, 1996, p.8).

Com a modernidade houve a coisificação da criatura humana. O ser humano gradualmente está perdendo sua essência e sua liberdade, pois está sendo considerado como objeto, útil para o consumo. Nesse sentido, é importante ver o sujeito com um olhar reflexivo, como um ser de encontro com diversas realidades: a política, a família, a arte, a linguagem, a comunidade, a religião, os amigos, dentre tantos outros. Assim, trata-se aqui, dos aspectos da determinação da Igreja Católica na educação de Garotti.

No século XX, a Igreja Católica impõe-se como grande empresa, ocupando quase todos os espaços sociais, criou um simbolismo de que a mulher era composta de pureza e amor ao próximo, este processo teve o efeito de “[...] maximizar a importância feminina na educação escolar” (ALMEIDA, 2004, p.60).

A Igreja Católica no Brasil foi profundamente eficiente em relação aos objetivos que pretendia alcançar. Inicialmente, lançando-se contra protestantes, liberais e positivistas e, posteriormente, adquirindo um caráter anticomunista, a Igreja Católica lançou mão de todos os meios disponíveis para não perder sua influência junto à população, uma vez que controlava toda a sociedade. Assim, “[...] a força da religião na modelagem de corpos e almas e o discutível e controverso poder atribuído às mulheres no ambiente escolar, esse aspecto se solidificou no processo educacional” (ALMEIDA, op. cit., p. 63).

Nosela e Buffa (1996) relatam que durante muito tempo os cursos eram ministrados em escolas diferentes para cada sexo, enquanto que, em outro momento, para ambos os sexos no mesmo espaço. Em geral, as famílias de classe média e alta não permitiam que suas jovens frequentassem a escola pública, mesmo esta tendo um sistema de vigilância e controle exercido pelos diretores, reflexo da Pedagogia

tradicional que defendia a disciplina como fator importante para a ocorrência da aprendizagem.

Já a Igreja Católica procurou, pela via do ensino, moldar consciências e retomar o poder. Contrária às escolas mistas, várias ordens religiosas foram criando colégios, muitos dos quais funcionando como internato, onde, além de instruir, tinham oportunidade de exercer uma influência maior sobre o caráter do educando. A Igreja Católica preconizava que “[...] a escola confessional é a única que teria condições de desenvolver a inteligência, formar caráter, isto é, educar” (RIBEIRO, 2003, p.166). Nesse sentido, ocorre um processo de construção social, como prática de vida, de socialização e o desenvolvimento da capacidade intelectual do ser humano.

A família, como instituição social, entidade legal e, sobretudo, unidade econômica fundamental dos sistemas sócio-econômicos em que vivemos, era também normatizadora do comportamento feminino. Nesse sentido, “[...] as suas filhas deveriam aprender a ler e a escrever [...] dentro dos lares”, e ressalta ainda que “[...] a sexualidade era reprimida e havia extrema vigilância da família e da Igreja” (ALMEIDA, 2004, p. 66).

Para as famílias das jovens, ir para o convento significava aprender prendas básicas, como “[...] bordar, coser, fazer doces, ler, escrever e contar; um pouco de latim, música e história sagrada” (ALMEIDA, op. cit., p.66), era necessário para preparar a jovem para um bom casamento.

A Igreja Católica usando o argumento da fé religiosa, mantinha o controle ideológico da população. O ensino de religião contribuía para veicular as normas e dogmas da religião e a formação de uma mulher dócil, meiga e dedicada para cumprir suas funções de mãe e de esposa. O medo do pecado era incentivado para orientar e fortalecer a formação moral da mulher, os comportamentos femininos desejados.

Assim, “[...] a religião católica representa o ponto nevrálgico para onde convergiam as relações de poder estabelecidas no nível simbólico e no imaginário” (ALMEIDA, op. cit., p.66). A Igreja contribuiu para a formação de indivíduos submissos, que acatavam as normas, concorrendo para a normatização e organização da sociedade segundo os moldes da Igreja. Ainda segundo essa autora, “[...] a feminização do magistério foi e continua sendo fenômeno universal, em conjunto com a influência católica” (ALMEIDA, 2004, p.66).

Na análise das práticas educativas, tem-se que as alunas eram submetidas a um sistema de controle, com espaços e horários delimitados, sendo que a prática pedagógica e avaliativa de natureza tradicional visava à formação de jovens submissas, cultas e refinadas que sabiam se comportar no meio social.

No Regimento dos Colégios, as práticas pedagógicas desenvolvidas se baseavam numa visão voltada para o desenvolvimento de orientações sobre o comportamento das mulheres nos diferentes espaços sociais. Nessas diretrizes, paradigmas e modelos normativos de conduta adotados, estava intrínseco que “[...] as mentes eram passíveis de serem adestradas por uma pedagogia do temor” (ALMEIDA, op. cit., p.67).

Almeida (2004) ressalta que o controle, além de disciplinar o corpo, controlava os impulsos, sentimentos e emoções, enfim, a subjetividade. No interior do internato, fica evidente, vigorava a pedagogia do medo, geralmente adotada nos Colégios religiosos, segundo essa pedagogia, a mulher deveria ser vigiada e privada do livre arbítrio, impondo a submissão da razão às normas e costumes preestabelecidos.

Os Colégios católicos começaram a ser inaugurados para ter uma educação pautada na moralidade, “[...] as mulheres seriam as principais indicadas para se incumbirem em modelar uma infância saudável, patriótica e livre de vícios [...] para a salvação dos males sociais e equalizadora de oportunidades” (ALMEIDA, op. cit., p. 75). Para essa mesma autora:

O modelo normativo de mulher, criado desde os meados do século XIX, inspirado nos arquétipos do cristianismo, espelhava a cultura vigente instituindo formas de comportamento em que se exaltavam virtudes femininas como castidade, abnegação, forjando uma representação simbólica de mulher por meio de uma ideologia imposta pela religião e pela sociedade (ALMEIDA, op. cit., p.68).

Dessa forma, para compreender as crenças, vivências, representações e os discursos, é necessário compreender os caminhos históricos, a religiosidade, a instituição e os moldes da educação confessional oferecida às jovens da época, bem como os discursos e a ideologia dominante da Igreja Católica na educação da mulher.

### 3.2 – A influência da educação confessional na vida de Ilar

Existem vários discursos sobre a educação e sua função, são oriundos de diferentes fontes e crenças: do político, do acadêmico, do senso comum, da história, da cultura, do regionalismo. O mais eloqüente discurso utilizado por vários segmentos da sociedade é o de que cabe à educação oferecer ao sujeito condições de viver em comunidade, de tornar-se uma pessoa capaz de compreender o mundo e a sociedade em que vive.

Segundo Freire (1996), a educação vista nessa concepção tem como objeto de trabalho o ser humano. Sendo assim, o ofício dos professores deve se pautar em princípios morais e éticos para construir seu saber e seu saber-fazer na individualidade, na subjetividade, no coletivo, respeitando tempo, espaço e autonomia de cada um. Dessa forma, as instituições educacionais são mediadoras do conhecimento do indivíduo na sociedade.

Com a evolução da humanidade houve uma explosão de saberes nos campos da ciência, da tecnologia e do desenvolvimento. A educação atualmente integra um processo histórico, político e cultural importante para compreender a construção da evolução sócio-antropológica e emancipadora do ser humano.

Nessa perspectiva, compreender o processo educacional por meio da narrativa de uma educadora é relevante e torna-se socialmente importante porque a UFU é uma instituição produtora de conhecimento, que cuida da transmissão, da apropriação de saberes e, principalmente, de sua produção.

Ao descrever os modos de fazer, a história promove um profundo diálogo entre homens de todos os tempos. Esse processo histórico ajuda na valorização do presente e torna-se extremamente importante, pois

[...] os homens que tenham sugerido muitas coisas a outros homens que viveram depois e que não podem atravessar mais referências pessoais, temporais ou espaciais do que as próprias intransferíveis, mas podem realizar sua aprendizagem vital na experiência de outros e enriquecer-se (GAMAZO, 1996, p.26).

Nessa perspectiva, o educador está sempre envolvido no processo ensino-aprendizagem. Para Freire (1996), o papel atribuído ao educador é de empreendedor do

conhecimento científico, com discursos que levam à reflexão crítica e dialética do conhecimento, sempre produzido de forma coletiva e inter-relacionada, com postura crítico-transformadora. Esse é um papel individual que cada um se propõe a construir de diferentes formas, de acordo com suas metas, cultura, conhecimento, ética e autonomia.

Ainda segundo Freire (1996), é importante conhecer e analisar o contexto para reestruturar e compreender o presente, para criar condições de luta por uma educação de qualidade. Assim, é possível compreender que o processo histórico, político, econômico, social, cultural e intelectual, estão em constante movimento, construindo o conhecimento dialeticamente nos conflitos e contradições. Compreender o papel do educador e suas especificidades leva a compreender sua categoria social, inserido numa realidade histórica ampla e sistêmica.

A educação confessional moldava o pensamento das moças de famílias abastadas para serem esposas, mães e professoras, através da formação moral e de valores. A educação era efetivada por normas e regras rígidas. Assim, inibiam-se os instintos, modelavam-se dessa forma o agir e o pensar que incentivava a mulher a ter uma atitude de submissão, voltada para a vida da fé. Garotti desde a sua infância foi educada num colégio de freiras, o que conota a influência dos preceitos católicos na sua educação.



**Figura 17** - Colégio Sagrado Coração de Jesus – Cruzada Eucarística  
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti - 1943

Para compreendermos a lógica do poder da Igreja Católica nas instituições educacionais, contamos com a contribuição de Foucault (1975) que, para ele, o surgimento de dispositivos disciplinares utilizados pelas instituições e pela sociedade para punir os sujeitos que cometiam infrações, que desobedeciam alguma ordem ou que tinham algum desvio de comportamento, como gestos e atitudes, eram disciplinados nos Colégios.

Nesse processo, a educação da mulher estava aliada à prudência e à virtude. Assim, a mulher foi moldada e assemelhada ao modelo de Maria, passiva, casta e submissa. Havia também a mulher pública, aquela que precisava trabalhar para ajudar nas despesas domésticas, ela era comparada a algo impuro e perigoso, pois estava exposta às coisas do mundo.

Muitas jovens, por pressão familiar, por querer estudar e/ou também por vocação entravam para o convento, com o intuito de servir e estudar. Estar no convento, para os católicos, dava status e confirmava o modelo de mulher, boa, pura e santa. Surgiram novas instituições e, paulatinamente, foi elevando o papel da mulher na sociedade. Iniciou-se, assim, um novo alicerce educacional feminino,

Na história da educação brasileira, observa-se uma forte presença das escolas confessionais na formação da mulher. Essas instituições tinham como proposta educar a mulher para torná-la mais refinada e comprometida com as funções de ser esposa e mãe. O discurso religioso também reforçou a representação de seu papel de boa esposa, mãe e, posteriormente, com a demanda por educação, ela passou a ser formada para ser professora. Esse aspecto foi uma resposta à demanda criada pela sociedade.

Os Colégios justificavam a sua existência pelos apelos à educação da mulher e, assim, legitimavam seus propósitos de arrebanhar ovelhas para sua messe. Esses Colégios também primavam pelas suas edificações arquitetônicas, com espaço físico confortável, com higiene e aparência para atender aos anseios da elite. Eles passavam segurança aos pais, pois suas filhas estariam bem acomodadas e protegidas dos perigos da sociedade.

Para Nosella e Buffa (1996), o internato era uma característica comum em quase todas as instituições educacionais, eram compostos de filhas de famílias abastadas da oligarquia rural. O pagamento das mensalidades incluía a instrução e a prestação de

serviços, cujo objetivo era uma educação refinada, a polidez dos gestos, a fala, o vestuário, o comportamento, o estudo e o doutrinação da Igreja.

O ensino era rígido, havia o ensino de várias línguas, competições esportivas, atividades literárias e o exercício do papel social da mulher nos moldes da sociedade patriarcal. Com a demanda por educação, aumentou o número de colégios e os internatos desapareceram, a educação tornou-se mista, atendendo novamente à demanda pela estruturação da sociedade brasileira.

Na realidade educacional houve a demanda crescente por escola e a exigência de profissionais que pudessem contribuir para superar o analfabetismo. Assim, houve a necessidade da contribuição da mulher como professora, pois era mãe, boa dona de casa, prestativa, educada, tinha boas maneiras e sabia lidar com crianças. A partir daí, o papel da representação da mulher passou a ser instituída como a pessoa mais indicada para exercer a profissão de professora.

Assim, a educação investiu na perspectiva de preparar o aluno para ser capaz de ler, escrever, contar, construir valores sobre moral e virtudes, modelando-o para construir sua identidade social. Nesse processo, os papéis sociais ficaram demarcados. À mulher coube ser esposa, mãe e professora e ao homem o papel de provedor.

A educação religiosa também pregava a trama de papéis definidos, disciplinando o cotidiano, cultivando as virtudes para fortalecer o espírito, o pudor e a honra. Reforçando as qualidades morais, boas maneiras, preparava e inculcava na mulher habilidades para o exercício da profissão feminina: ser professora.

Os Colégios, na sua ação educativa, materializavam essa função ideológica com o ensino religioso e através do catecismo. Passou-se a ter uma educação moral com função disciplinar. Nessa ótica, os Colégios tornaram-se responsáveis pela representação sócio-cultural, de uma sociedade arraigada e modeladora tanto de homens como de mulheres. Mesmo com a evolução da mulher, essa mentalidade ainda permaneceu nos discursos e práticas educativas nas escolas e na sociedade.

O discurso religioso impregnado na sociedade é detectado pela forte influência da Igreja Católica na escola, desde os primórdios da colonização com os Jesuítas. Segundo Ribeiro (2003), a educação tinha o intuito de reafirmar os dogmas da Igreja, os seus sacramentos, um disciplinamento interno, estimulando a devoção ao Evangelho, procurando aproximar a humanidade de Deus. Deu-se início à evangelização das



massas, com o objetivo de afastar o pecado na luta contra o demônio e contra os possíveis desvios morais. Aconteceu, assim, a ampla divulgação das regras e dos conselhos proferidos pela Igreja por meio das Encíclicas Papais, do Concílio Vaticano II e do Catecismo.

Até o ano de 1822, a Igreja apresentava-se numa relação de interdependência com o Estado, diminuindo sua autonomia. Assim, a Igreja para manter sua influência integrou-se na família, nas associações civis e religiosas, dando início ao pacto Igreja e sociedade.

Romanelli (2002) ressalta que o Estado assumiu os encargos da educação. A Igreja buscou novos caminhos para sua reafirmação no seio da sociedade através da fundação de Colégios. Nesse processo, a Igreja constituiu-se na grande entidade educadora da sociedade, fundamentada nos preceitos religiosos do catecismo, como meio de disciplinar as práticas sociais.

Multiplicam-se os colégios católicos confessionais, para a educação da juventude, dos filhos da camada média e alta da sociedade, através da cobrança de taxas ou doações da sociedade. Esses jovens seriam, no futuro, o poder que iria dirigir a sociedade. Formava-se, assim, a elite, com a finalidade de ocupar cargos políticos e administrativos, aprofundando a influência da Igreja na sociedade.

Os Colégios católicos tornaram-se um lugar privilegiado, foram regidos pela doutrina católica, orientavam para a salvação individual, para a moral e para as virtudes. A maior virtude era a obediência, porque toda autoridade vinha de Deus. Criava-se, assim, a representatividade do modelo adequado para a conduta na sociedade. Vale ressaltar também que os colégios representaram a abertura de outras possibilidades de vida para a mulher, na busca de sua sobrevivência e na melhora de sua condição social.

Portanto, vê-se claramente o doutrinamento religioso nos princípios da escola, mas é necessário que a pessoa se sinta vocacionada a cumprir os preceitos impostos pela Igreja e conduzir sua vida conforme os ensinamentos do Evangelho. Nesse sentido, compreender a profissão de religiosa vivenciada por Garotti, e sua formação, nos leva a compreender a sua história de vida, representada nas suas opções, nas suas crenças e nas suas vivências.

### 3.3 – Ilar na construção da vida religiosa

A vida religiosa faz parte do ministério da Igreja. É considerada um dom, uma vocação que convida a significar, em suas variadas formas, a caridade, a doação de si ao outro e o amor ao próximo. Descreve-se, aqui, os conselhos evangélicos necessários para se optar pela vida religiosa. Esse caminho religioso foi trilhado por Garotti na sua trajetória de vida.

Os conselhos evangélicos são de pobreza, obediência e castidade. Os votos de pobreza especificam que os membros consagrados não podem ter apego material, devem praticar a justiça social, especialmente entre os marginalizados. É, também, saber usufruir os bens da terra em espírito evangélico, e colocar o tempo, os dons e os talentos, a serviço dos irmãos e irmãs da comunidade, do Instituto, aceitando também suas próprias limitações (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007).

Os votos de obediência estão ligados ao discernimento da vontade de Deus em meio às atividades cotidianas, sendo fiel à espiritualidade, à oração e à organização da Congregação, segundo os ensinamentos da Igreja. A consagração secular implica a obediência ao Plano de Deus na vida concreta e no seguimento de sua palavra.

Já a castidade exige que a pessoa seja celibatária. A pessoa renuncia ao matrimônio, optando por preencher a vida dedicando-se em servir a Deus. Na vivência dos Conselhos Evangélicos, cada Instituto acentua a sua vivência conforme sua própria espiritualidade. Todos devem vivê-los como leigos, em pleno mundo, sempre tendo em vista a sua vocação e o seguimento de Jesus Cristo. A profissão religiosa começa em geral por ser temporária, normalmente entre três e seis anos, seguindo-se a profissão perpétua (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007).

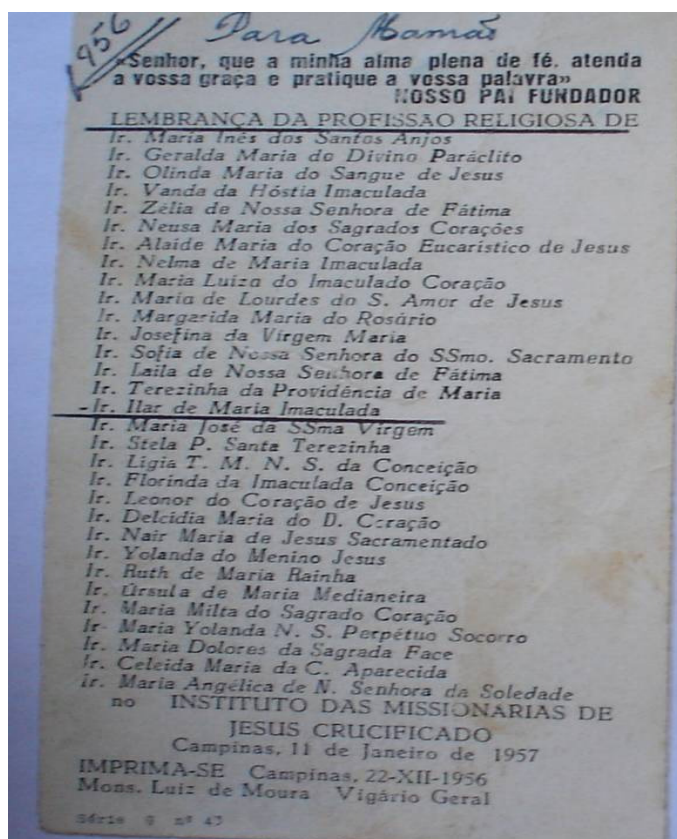
Garotti passou por esse processo decisório, teve um orientador espiritual, Dom Melilo. Por meio de suas orientações decidiu entrar para a Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, relatou também que sua fé era muito grande e que a partir das orientações e apoio, pôde reconhecer a sua vocação.

Segundo o texto do catecismo da igreja católica a inserção das religiosas e dos religiosos na Congregação consiste em assumir paróquias e ajudar na pastoral das dioceses. As irmãs são auxiliares do clero, dedicam-se aos trabalhos e tarefas de agentes de pastoral nas comunidades em que estão inseridas (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007).

Os religiosos e as religiosas a exemplo de Garotti, abandonam tudo para seguir a religião como: a autonomia, a propriedade, o dinheiro, os sonhos particulares, casamento ou uma vida a dois. A opção pela vida religiosa passa a ser uma referência de identidade, é uma opção séria de vida.

A vida religiosa se caracteriza pela radicalidade da busca de Deus, é nela que revela os chamados dons espirituais. No processo de discernimento vocacional, ao tentar compreender as razões das escolhas e opções da chamada vocação, o responsável pela formação ou diretor espiritual é orientado a interagir com o dinamismo bio-psico-sócio-espiritual do homem ou da mulher que desejam seguir o caminho da religiosidade.

Nesse sentido, o formador espiritual deve estar atento às ditas motivações trazidas pelo futuro religioso ou religiosa, bem como aos seus interesses, motivações e desejos, para adentrar na experiência da vida religiosa (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007). Assim, Garotti fez opção pela Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado e no ano de 1956 cumpriu sua profissão religiosa.



**Figura 18** - Lembrança da Profissão religiosa  
Fonte: Acervo particular de Ilar Garotti – 1956

Essa Congregação foi criada por uma jovem campineira de 19 anos, Maria Villac, que tinha uma fé e um carisma especial que brotava de sua simplicidade de vida. Ela oferecia orientação espiritual a várias moças. Estas se juntaram a Maria Villac e formaram um grupo missionário que era composto de onze jovens que se reuniam na casa da família Villac, local que, posteriormente, foi cedido pela família à Congregação. Era um grupo dinâmico dentro da Igreja de Campinas-SP, elas divulgavam o catecismo nos bairros pobres, no apostolado sem o traje religioso, saíam em missão assumindo trabalhos pastorais.

O grupo se fortaleceu e, assim, estas jovens formularam um Regulamento para que o grupo se oficializasse como Associação das Missionárias de Jesus Crucificado. Dom Barreto, 2º Bispo de Campinas e idealizador das Faculdades Campineiras, semanalmente reunia-se com as jovens para um aprofundamento bíblico-teológico e espiritual na vida comunitária. Após cinco anos de existência, no ano de 1927, Maria Villac foi convidada por Dom Barreto para transformar aquela Associação em uma Congregação Religiosa para ter mais consistência, estabilidade e expansão.

Em Campinas, no dia 3 de maio de 1928, é fundada a Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, que recebia jovens de todo o Brasil, inclusive moças negras e indígenas, para viver o Carisma missionário e ir em busca dos mais carentes nos bairros operários, visitando casa por casa, levando a espiritualidade, tendo por clausura a rua e a casa dos mais necessitados, mostrando um caminho novo de fraternidade, justiça e partilha.

No ano de 1932, a Congregação veio para Uberlândia. A comunidade religiosa local, por medo de uma possível infiltração comunista, estabeleceu a “[...] necessidade da presença da educação cristã para a formação intelectual e moral dos habitantes da cidade” (RAMOS, 2003, p.72). Assim, a autora afirma que “[...] a chegada das missionárias foi motivo de festa, sendo estas recebidas por autoridades, membros de associações de religiosas e um grande número de famílias” (RAMOS, op. cit., p.73).

Garotti relatou que desde 1978 está ligada ao Instituto Secular. Eles são compostos por grupos de homens ou de mulheres, que têm o mesmo objetivo: seguir radicalmente a Jesus Cristo. Neles os consagrados procuram viver plenamente a consagração batismal, professando os votos evangélicos de castidade, pobreza e

obediência, cultivando cotidianamente para suas vidas, a experiência do encontro e da intimidade com Jesus (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007).

Para os religiosos a vocação é um peculiar dom de Deus à sua Igreja. Dessa forma, os consagrados seculares devem estar presentes na vida da Igreja, nas suas comunidades e atuar em todos os setores da comunidade. Eles são orientados a seguirem as orientações da Igreja e sua linha pastoral, devem aprofundar seus estudos nos documentos disponíveis da igreja, procurar crescer na comunhão eclesial que fundamenta o compromisso do religioso ou da religiosa com a construção de um mundo melhor (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007).

Diante do exposto, Garotti afirmou que sua vocação pela fé foi confirmada durante o percurso de sua formação, a qual pôde amadurecer e desenvolver suas habilidades como ser humano. No entanto, para ela, a vocação representa o resultado de toda uma profissão de fé. Garotti, quando se referiu à formação que recebeu, relatou que foi no convívio e nos ensinamentos da Congregação que pôde confirmar a decisão tomada para seguir a vida religiosa e sua vocação. Nesse processo, a sua formação foi fundamental para revelar sua opção de vida.

A vocação aqui foi entendida como um dom inerente ao indivíduo que tem uma relação intrínseca com a religiosidade. Dessa forma, o sentido e o lugar da vocação na vida de Garotti estão intrinsecamente ligados às suas aptidões e às suas concepções de religião. Como ela tinha clareza do objetivo quanto à formação da sua espiritualidade, aproveitou a oportunidade que teve de estudar no Colégio Sagrado Coração de Jesus, das Irmãs Franciscanas em Jardinópolis; e no Instituto Complementar São José, das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado em Campinas, para agregar novos conhecimentos em busca de atingir seu ideal como religiosa.

Ao falar sobre a Vida Religiosa, Garotti relatou que a presença de Deus sempre foi muito forte em sua vida, enfrentou muitas dificuldades em relação à sua escolha, principalmente na oposição de sua mãe à vida religiosa, mas considerou que a opção em seguir este caminho foi realizada dia-a-dia. Garotti narrou que tinha consciência da responsabilidade que pousava sobre ela, de ter que corresponder ao que a Instituição esperava. Ela acreditou que possuía vocação e desejo suficientes para seguir em frente e não desistir.

O que inicialmente atraiu Garotti para a Vida Religiosa foi o desejo de estudar. A vocação apareceu depois, como conseqüência da necessidade de se sentir realizada como pessoa. Narrou ainda que a escolha pela vida religiosa consagrada foi uma opção consciente e que se sentiu plenamente pronta para abraçá-la e aceitá-la. Garotti relatou: “[...] minha vida foi mudando: meus valores, meus princípios, a minha fé me ajudaram muito o modo de ver as coisas” (GAROTTI, 2006).



**Figura 19** - Profissão religiosa - Ângela (mãe), Dom Agnelo, Ilar, Ida, Pe. Tomaz  
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti

Assim, afirmou que a formação e a vocação juntas, determinaram suas escolhas, o que confirmou ao longo de sua vida a sua realização pessoal e profissional. O gosto pela educação, aliado à sua capacidade de liderar e ajudar pessoas, deram sentido à sua existência.

Segundo Garotti, com o decorrer do tempo, assumiu responsabilidades e adquiriu confiança em si mesma. Ainda ressaltou que, nesse processo, enfrentou as mais variadas dificuldades, mas soube gerenciar com fé, êxito e segurança.

Garotti foi Madre por vinte e três anos. Madre é uma nomeclatura de quem vai coordenar, ela relatou que “[...] Madre é no sentido de mãe dessa comunidade religiosa, dessa fraternidade religiosa” (GAROTTI, 2006). Atualmente, Garotti está vinculada ao

Instituto Secular, onde a essência dos votos é a mesma, pobreza, castidade e obediência, porém, o modo de viver a vida religiosa é diferente:

No Instituto Secular, você não coloca o fruto do seu trabalho em comum, você tem a sua vida individual e vive seus votos no mundo como leiga consagrada, trabalha, tem seu salário e o aplica onde você quiser. Nós mantemos o Instituto Secular, mas o Instituto não nos mantém. Nos reunimos mensalmente e anualmente tem retiro. Temos coordenação geral, tudo igual Congregação, só que moramos diferente, moramos sozinhas, em grupo, moramos com a família ou numa comunidade, vivendo os votos no mundo de acordo com o Evangelho e as normas da Igreja, como leigas Consagradas (GAROTTI, 2006).

Trabalhou também desenvolveu trabalhos nas pastorais da Paróquia Nossa Senhora das Dores: “[...] trabalhei na Equipe de Formação da Paróquia” (GAROTTI, 2006).

Ao final da entrevista Garotti deixou uma mensagem a todos os profissionais da educação, avaliou que a espiritualidade hoje não tem o mesmo valor que tinha antigamente:

A vivência na fraternidade desenvolvendo a humanidade, as virtudes e os valores do Reino de Deus, dão sentido à vida. O desenvolvimento dos valores: verdade, amor, humildade, na construção do Reino de Deus, dão sentido a vida. Essa fraternidade, nós encontramos em qualquer religião. Só os valores intelectuais, não dão sentido à vida. O sentido de vida, nós encontramos nos valores espirituais, na fraternidade, no amor e na justiça. O que penso é que nascemos e vivemos procurando a felicidade, atendendo à ordem natural das coisas. Em todas as decisões sempre dei ênfase à valorização do ser humano, procurando, através da religião e do trabalho, viver de acordo com meu conceito de verdade e justiça, muito embora, sendo que os questionamentos sobre a verdade continuam, até que consigamos entender e interpretar com mais segurança a verdade que é Deus. Fico feliz e me vejo realizada, ao ver meus ex-alunos desenvolvendo, melhor do que eu, o trabalho em prol da educação. De tudo, aprendi que somos seres finitos e ultrapassados. O importante é procurar crescer na vida sem abandonar os sonhos, palmilhando o caminho da humildade e da fé e compartilhando com o nosso próximo a alegria e o conhecimento (GAROTTI, 2006).



**Figura 20** - Odélcia Leão Carneiro e Ilar Garotti  
Fonte: Acervo particular Garotti Garotti – 1998

Garotti afirmou que, ao longo de sua vida, sempre trabalhou em equipe e contou com pessoas de confiança que deram suporte às suas ações. Trabalhou com a Ir. Odélcia Leão Carneiro (*in memóriam*), tia de político influente na região, Odelmo Leão Carneiro. Relatou que tinha o apoio e ajuda de Odélcia na administração das decisões. Rememorou: “[...] na vida existencial, era amiga e boa conselheira. Sabia dar uma palavra fundamentada na prudência e na sabedoria, dentro da verdade inserida na sua própria maneira de pensar, ser e agir” (GAROTTI, 2006).

Nesta convivência harmônica, narrou que trabalhavam em busca de um mesmo ideal, tinham uma meta a seguir: “[...] pra quem tem um rumo há um objetivo a seguir, o que era preciso fazer e, fazíamos” (GAROTTI, 2006). Pelo fato de ser mulher e religiosa, nunca sentiu qualquer tipo de preconceito sentia segurança e tranquilidade no desenvolvimento dos seus ideais.

Garotti, por quase 40 anos, dedicou-se ao compromisso com a educação, enfrentou dificuldade financeira, contratempos e desafios. Também foi um período que significou muito para ela, pois pôde construir a sua personalidade e sua identidade no tempo e no espaço. Houve aspectos de sua infância e juventude de que não se lembrou assim, “[...] somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão” (BOSI, 1987, p.407).

A sólida formação acadêmica e religiosa de Garotti foi de grande importância e respaldo para suas ações. Quando tinha sob sua responsabilidade a direção de um Colégio, administrou com rigor e segurança, pois foi assim que aprendeu e era o que sabia e gostava de fazer. Dividia seu tempo acumulando funções de confiança, pois



gostava de administrar e ver o funcionamento das tarefas que lhe eram atribuídas e confiadas.

Assim, vale ressaltar que todo o processo de constituição e consolidação da FAFI foi um primeiro passo para fazer de Uberlândia um pólo de referência na área da educação. É notório, por meio de sua narrativa, que suas ações estavam diretamente relacionadas aos esforços para ampliar a oferta educacional, tendo a preocupação de formar mão de obra qualificada, conectada a valores e ações que pudessem ampliar a vida cultural de Uberlândia e enaltecer os valores religiosos locais.

Ela relatou que, sempre que vai a locais públicos, é reverenciada pela sociedade uberlandense, que reconhece sua contribuição, além de sempre ser homenageada nos eventos, exaltando o seu empreendedorismo, a luta pelo progresso educacional local e o compromisso com a educação. Como pode ser observado em sua fala: “Uberlândia reconhece o esforço que nós fizemos, quando falo nós, é a minha equipe” (GAROTTI, 2006).

Ressaltou muitas vezes durante a entrevista a importância que teve a sua equipe de trabalho. Ela utilizou palavras que enalteceram o trabalho desenvolvido pelo grupo e mostra o quanto eram e são estimados, pois, até hoje mantém contato com algumas pessoas que contribuíram com os trabalhos desenvolvidos no Colégio, na UFU e na Prefeitura de Uberlândia.

Nesse aspecto, ao optar por trabalhar em uma equipe unida, a gestão torna-se compartilhada. Assim, esse processo “[...] leva a garantir a competência e o comprometimento político dos sujeitos que nela atuam, com objetivos comuns no sentido de colocar seus conhecimentos, habilidades e emoções a serviço de uma causa, de um alvo também compartilhado, de modo livre e por convicção” (PENTEADO, 1998, p.56).

Equipe não é um coletivo qualquer, mas “[...] aqueles que vivem uma experiência de unidade e solidariedade, dotada de identidade própria, capaz de iniciativa no seio da sociedade civil, no interior da qual vai elaborando as etapas sucessivas do projeto comum para uma nova convivência social” (PENTEADO, op. cit., p.57).

Nesse sentido, cada sujeito carrega consigo lembranças pessoais, porém, quando está inserido num contexto e vivendo em sociedade, ele consolida as lembranças que lhe foram significativas. Ao rememorar a sua história de vida, cada pessoa reporta-se às

imagens do passado ou às lembranças de outras pessoas ou, apoiando-se na memória histórica, tentam construir uma história geral:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1987, p. 55).

Dessa forma, no período de formação religiosa de Garotti, houve determinações da Igreja em vários setores da sociedade. Destacou-se aqui, as Encíclicas do período em que Garotti frequentou o Colégio de freiras e que certamente influenciaram a sua formação tanto como professora quanto religiosa.. O discurso religioso, veiculado pelas Encíclicas Papais que tratavam sobre as representações de mulher e de educação, ajudaram a construir representações sociais, conduziram práticas que moldavam comportamentos e rotulavam as qualidades da mulher no seu exercício de esposa, mãe, amiga e professora.

As Cartas Pontifícias influenciavam os moldes de comportamento do ser humano em todas as áreas da sociedade, aconselhavam às famílias, aos jovens, à educação e, principalmente à mulher, a exercer na sociedade o papel de esposa, mãe e educadora, além de determinar sua submissão.

As determinações da Igreja eram dirigidas às instituições, bispos, escolas, aos pais, às famílias, à mulher, ressaltando os perigos que o mundo moderno para as mulheres de todas as raças, classes e condições sociais. Vale ressaltar a importância dessas Encíclicas para a compreensão da história da educação brasileira e a compreensão da pressão estabelecida pela Igreja para manter o poder. O ensino religioso deveria ser matéria obrigatória nas escolas, normatizando a conduta dos jovens e dos professores.

Os discursos religiosos veiculados nas Encíclicas Papais tratavam de preocupações da Igreja referente às questões sociais, sobre a família, a mulher e sobre a educação. As Encíclicas ajudaram a reforçar as representações sociais, conduzindo práticas, moldando comportamentos e rotulando as qualidades da mulher no seu exercício de esposa, mãe, dona de casa e posteriormente professora.

Sabe-se que há ainda, muitas formas de perceber o cotidiano vivido e experienciado. Assim, fez-se a opção de explicitar a fortaleza do discurso religioso para compreender alguns aspectos significativos que influenciaram e determinaram o processo educacional, bem como algumas influências nas questões sociais.

No ano de 1891, o Papa Leão XIII promulgou a Encíclica *Rerum Novarum*. Na época, o Estado acusava a Igreja de ser limitada diante dos problemas sociais. Nessa Encíclica a Igreja criticava o domínio do Estado que era tido como mero mantenedor da ordem pública e ausente das questões sociais. Nessa Encíclica a Igreja apresenta soluções para importantes questões sociais. Esse documento inspirou a legislação do trabalho em todo o mundo em defesa dos operários e sistematizou a doutrina social da Igreja.

Essa Encíclica ressaltava a constituição cristã da família, determinava que o homem fosse o chefe da família e a mulher deveria cuidar dos afazeres do lar: “[...] a natureza destina de preferência aos arranjos domésticos, que, por outro lado salvaguardam admiravelmente a honestidade do sexo, e correspondem melhor, pela sua natureza, ao que pede a boa educação dos filhos e a prosperidade da família” (DE SANCTIS, 1971, p. 36).

Em 1905, Pio X promulgou uma Encíclica sobre o ensino do catecismo: “[...] carta dirigida a toda hierarquia da Igreja, alertando-a para a importância do ensino da doutrina cristã em todos os graus de instrução” (PEREIRA, 1996, p.161). O catecismo complementaria o processo de instrução educativa.

A Encíclica *Divini illius Magistri* de Pio XI, no ano de 1929, expõe a preocupação da Igreja com a educação cristã da juventude e seu caráter missionário, que tem como função moralizar, moldar identidades e comportamentos sociais de homens e mulheres diante das novas teorias racionais científicas. Nesse sentido, a Igreja procurava “[...] combater essa nova representação do mundo e da sociedade, a Igreja dirige-se à família, enquanto instituição cristã, para que ela reclame para si o direito primordial da condução, escolha e diretriz da educação de seus filhos” (PEREIRA, op. cit., p.163).

Essa Encíclica normatizava também a atitude cristã dos professores, para a ação conjunta na e da família. Nela consta a prioridade da Igreja na condução de instituições educacionais. Determinava também os perigos e as influências modernas na educação

da infância, juventude e a importância e excelência da educação cristã. Essa Encíclica foi importante visto que:

[...] para a compreensão da história da educação no Brasil, principalmente no embate entre católicos e liberais no momento em que o papel do Estado brasileiro foi crescendo no interior do terreno educacional marcado de um lado pela tendência à laicidade e, de outro, pela forte pressão da Igreja para manter o ensino religioso como matéria obrigatória (PEREIRA, 1996, p. 163).

No ano de 1931, quarenta anos depois da Encíclica de Leão XIII, o Papa Pio XI publicou a Encíclica *Quadragesimo Anno*, um documento que fez um balanço da *Rerum Novarum* e uma análise de novos problemas surgidos: a restauração da ordem social e a renovação dos costumes para aperfeiçoar o progresso social. Dentre eles destacou-se em face das atuais condições, exigências, os erros da família e da sociedade. Nela constam também, os aspectos negativos e críticas à emancipação da mulher e à sua ausência no lar:

Sentimo-nos horrorizados ao pensar nos gravíssimos perigos a que estão expostos nas fábricas modernas os costumes dos operários (sobretudo jovens) e o pudor das mulheres e donzelas; ao lembrarmos de que muitas vezes o sistema econômico hodierno e sobretudo as más condições da habitação criam obstáculos à união e intimidade da vida de família [...] (DE SANCTIS, 1971, p. 95).

Pio XII, em 1941, no cinquentenário da Encíclica *Rerum Novarum*, elaborou inúmeros documentos, cartas e discursos sobre a doutrina social da Igreja, que no período da guerra, buscou um encaminhamento para o progresso social cristão através da religião:

Ao contrário é indiscutível competência da Igreja, onde a ordem social se aproxima e atinge o campo moral, o julgar se as bases de uma determinada organização social estão em acordo com a ordem imutável, que Deus Criador e Redentor manifestou por meio do direito natural e da revelação [...] (DE SANCTIS, op. cit., p. 147).

Encíclica sobre o apostolado feminino, incentivava as jovens ao apostolado cristão para trabalhar em prol da Igreja e da comunidade. Já nos discursos à juventude feminina e mulheres da ação católica, o Papa Pio XII, no ano de 1942, estabeleceu os

deveres do marido e da mulher. Sendo que a mulher deveria cuidar dos afazeres do lar e dos filhos e ao homem caberia assegurar o sustento da família.

Em 1948, o momento histórico é de intensas transformações socioculturais, houve uma significativa mudança nos padrões de comportamento feminino, principalmente pelo ingresso da mulher no mercado de trabalho. Pio XII, elaborou uma Encíclica sobre a proteção da jovem: “Refere-se aos perigos da modernidade e à ilusão da jovem diante dos atrativos mundanos” (PEREIRA, 1996, p. 158).

Do lar para o trabalho, a mulher abriu caminhos para novas possibilidades. Diante dessa nova mulher, a Igreja intensifica e fortalece seus discursos, no zelo pelas virtudes e sobre a proteção da jovem diante da ilusão dos atrativos mundanos. Nesse contexto, o Papa Pio XII promulga uma Encíclica sobre a proteção da jovem, quanto à ilusão da jovem moderna, determinando que o lugar da mulher é no lar.

Sobre a virgindade da juventude feminina, no ano de 1954, Pio XII, publica uma Encíclica sobre a sagrada virgindade, que determina vigilância do corpo para que a mulher possa ter prudência e manter o pudor:

Essa carta apostólica é dirigida aos bispos de todo o universo católico, [...] Pede atenção especial à virgindade da juventude feminina, retomando seu conceito no ensino dos Padres e Doutores, sugerindo que a castidade não é nociva ao organismo humano, mostrando sua excelência, a necessidade de vigilância e mortificação do corpo, da fuga das tentações e de ocasiões de pecado para se manter o pudor cristão (PEREIRA, op. cit., p. 159).

No ano de 1957, o Papa Pio XII, na Encíclica sobre o apostolado da mulher católica, reafirma os dogmas da Igreja Católica, determinando sobre o apostolado da ação, a missão da mulher e os perigos no mundo moderno. Segundo Pereira (1996), essa Encíclica dispõe “[...] sobre os perigos que o mundo moderno representa para as mulheres de todas as raças, classes e condições sociais, reafirmando os valores do matrimônio cristão da dedicação da mulher como esposa e mãe” (PEREIRA, op. cit., p.160).

Pio XII, também editou Cartas e discursos aos educadores sobre normas para os professores católicos: “[...] Aponta para o caráter missionário que reveste esse ato, para a sua função moralizadora, e para o seu papel de forjar e moldar identidades e comportamentos sociais de homens e mulheres” (PEREIRA, op. cit., p. 160).

No ano de 1958, o Papa Pio XII redigiu outra Encíclica sobre a educação da infância, que foi dirigida aos pais para estarem atentos à educação dos filhos. Determina que a mãe deveria ficar no lar e ser a educadora das crianças. Ainda segundo Pereira “[...] O pontífice, retoma as idéias de Pio XI, conclama os pais a estarem vigilantes e atentos à educação de seus filhos, segundo os princípios da moral cristã (PEREIRA, 1996, p. 163).

Assim, compreende-se que essas determinações provocaram impacto na educação e na formação das jovens. Nesse período, Garotti estava em período de formação. Dessa forma, o discurso, dito nas entrelinhas e nas ideologias impregnadas na fala: “[...] são poderes e perigos que mal se imagina” (FOUCAULT, 1996, p.8). Cabe, portanto, ao pesquisador estar atento às linguagens utilizadas e ao sentido das palavras, o que exige um olhar cuidadoso nas representações das experiências do narrador, bem como das suas interpretações da realidade.

Assim, construir, analisar e interpretar histórias de vida é um grande desafio, é desvendar um discurso em meio à multiplicidade de tantos discursos. Conforme o sujeito que narra, ainda haverá diferentes olhares e diferentes discursos a se dizer. Porém, este estudo contempla apenas o olhar de Garotti sobre os seus feitos e suas ações.

Nesse sentido, Foucault (1996) considera que cada indivíduo faz análise diferente do contexto e tem visão diferente de mundo, e pode também não querer expressar os seus pensamentos e/ou suas vivências o que faz com que tenha algo ainda a ser dito, ou, que foi dito nas entrelinhas.

### **3.4 - O discurso e o poder da Igreja na vida de Ilar**

Analisa-se aqui a influência da formação religiosa e os padrões morais impostos pela Igreja Católica, e como esses aspectos influenciaram o modelo de educação da mulher. Nesse sentido, a educação é entendida como processo contínuo e complexo, tem início antes mesmo do nascimento do ser humano e vai até a morte, perpassando por todos os momentos de sua vida. Este processo acontece em cada pessoa de forma diferente conforme o meio, as vivências e a cultura em que está inserida.

Dessa forma, a visão de mundo, de homem e mulher, revela as concepções em que o indivíduo foi formado, podendo, assim, dar visibilidade aos seus modos de saber e fazer. O ser humano influencia e é influenciado pelos diferentes lugares que passa e pelos espaços educativos que frequenta. Esses fatores conotam a singularidade humana na constituição de seus valores e crenças. As características individuais de cada ser não estão prontas e acabadas, pois, na medida em que interage com o outro e com o meio ressignifica os seus valores e seus aprendizados.

Nessa perspectiva, os diferentes comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos sociais e familiares, valores, crenças e visão de mundo expressam a singularidade de cada ser. Dessa maneira, analisar a profissão de professora, religiosa de Garotti e a influência que o meio e os preceitos da Igreja tiveram na sua formação, pode levar à compreensão de sua opção por seguir o caminho da religião.

Para compreender a história de vida de Garotti, a partir de sua narrativa, pôde-se descobrir que o seu primeiro espaço educativo foi a família, logo seguido da escola. Garotti foi educada num colégio de freiras, tanto na infância como também na adolescência. A história da Educação tem mostrado que as escolas católicas eram marcadas pelo rigor, ordem e disciplina dos alunos, além da formação moral e religiosa.

Dessa forma, “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1975, p.118). Nesse sentido, o modo como o indivíduo é moldado introjeta em si tais ações, perpetuando a obediência.

Garotti relatou esse processo de obediência, a madre mandava e ela obedecia. Dessa forma, podemos afirmar que ela interiorizou as práticas e as estratégias de disciplinamento dada pelo ideário católico na sua formação. Entende-se que a prática educativa no período em que foi educada estabeleceu um controle físico dos alunos e dos espaços, com vistas a obter resultados morais e culturais, respaldado pelos interesses das famílias principalmente quanto à moral e à fé, além de moldar a conduta.

Submissão, obediência e seriedade nos estudos eram normas na maioria dos Colégios. Assim, “[...] corpo que se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil” (FOUCAULT, op. cit., p.17). Sob essa perspectiva, ao moldar o corpo, molda-se a conduta e os valores. Nesse sentido, “[...] o corpo acumula experiências, adquire novas destrezas, automatiza os movimentos de maneira a produzir programações

originais ou culturais de comportamento” (FERNANDES, 1990, p. 58). Acredita-se que Garotti internalizou tais práticas e ao longo de sua vida, buscou reproduzi-las, ancorando assim suas ações cotidianas.

Tendo por base o contexto histórico, é possível observar que a conceituação contemporânea do que representa ser mulher em um contexto social é resultado de elaborações teóricas construídas em diversas áreas do conhecimento. Esse processo compõe a formação da identidade da mulher, que foram enraizadas na cultura social, configurando um imaginário coletivo do que representava ser mulher nos diferentes espaços sociais.

A compreensão do ser feminino levou a pensar em algumas matrizes que orientavam a formação da mulher. Tinha-se na ideologia católica de formação de mulheres a submissão e os afazeres do lar. Esses fatores se tornaram meta para a configuração da representação de um modelo de mulher que deveria ser aceita socialmente.

A sociedade estabeleceu, então, diversos códigos de convivências implícitas nas relações, os quais definem papéis para cada ator social, esse contrato foi demarcado no cotidiano. O cotidiano, por sua vez, é um fio condutor da formação humana, pois é por meio dele que o indivíduo aprende, através da arte de fazer, um conjunto de práticas sociais imprescindíveis à condição humana.

Portanto, o poder se prolonga invadindo a vida dos sujeitos, das instituições e das práticas cotidianas na sociedade:

Dispomos da afirmação que o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força (FOUCAULT, 2003, p.175).

O poder circula, exerce, reproduz, reage e cria outras formas de se manter, passando a controlar os corpos, os gestos e os discursos. Assim, “Um certo saber do cotidiano tem, aí, pelo menos uma parte de sua origem e, com ele, uma grade de inteligibilidade aplicada sobre nossos gestos, sobre nossas maneiras de ser e de fazer” (FOUCAULT, op. cit., p.217).

Nesse sentido, o poder se vincula ao saber. Os saberes se reproduzem como formas de relação de forças, isto é, formas de poder, que se torna inseparável do saber.



Foucault trabalha o sujeito e não o poder em si. Mostra o poder centrado no Estado, e nesse aspecto, trabalha o sujeito envolvido em contextos de relações de poder.

O Estado usa o poder para moldar o corpo social, isto é, o contexto da sociedade. Nessa perspectiva, o sujeito se constitui enquanto político e economicamente dócil, moldado e controlado. Assim, percebe-se a trama da constituição do conhecimento e suas abrangências do poder, pois o poder permeia todas as relações cotidianas através de modalidades instrumentais:

[...] o poder se exerce pela ameaça de armas, dos efeitos da palavra, através das disparidades econômicas, por mecanismos mais ou menos complexos de controle, por sistemas de vigilância, com ou sem arquivos, segundo regras explícitas ou não, permanentes ou modificáveis, com ou sem dispositivos materiais etc (RABINOW, 1995, p. 246).

Esses instrumentos de poder são instrumentos para se obter o controle. Assim, o poder é um conjunto de ações sobre ações possíveis: “O exercício do poder não é um fato bruto, um dado institucional, nem uma estrutura que se mantém ou se quebra: ele se esclarece, se transforma, se organiza, se dota de procedimentos mais ou menos ajustados” (RABINOW, op. cit., p. 247). Dessa forma, as estratégias de poder são meios para fazer funcionar ou manter um dispositivo de poder.

Os dispositivos são os efeitos de poder que impõem representações ao sujeito. Dessa forma, categoriza-se o sujeito “[...] marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele” (RABINOW, op. cit., p. 235).

Assim é o poder da religião, conhecida também por poder pastoral, que cuida da comunidade e de seus membros durante toda a sua vida: “Essa forma de poder é orientada para a salvação” (RABINOW, op. cit., p. 237), esses dispositivos ficam introjetados no sujeito como meio de se conservar a tradição da Igreja.

Nesse sentido, faz-se necessário destacar que a salvação tem o significado de “[...] saúde, bem-estar (isto é, riqueza suficiente, padrão de vida), segurança, proteção contra acidentes” (RABINOW, op. cit., p. 238). Ele é utilizado para manter a conduta, os valores, a ordem e para assegurar a manutenção da higiene, da saúde e dos padrões urbanos considerados necessários para viver em comunidade.

Assim esse poder é regulamentado e regulamentador, porque determinava o que deveria ser considerado legítimo através das Instituições. Essas ações assinalavam o

funcionamento de um outro mecanismo de poder, a disciplina e a vigilância que veiculava discursos e práticas que através da normatização, fazendo funcionar estratégias e saberes que penetram nas relações. Nessa perspectiva, as relações de poder fundam e são fundadas sobre relações de saber.

Dessa maneira, essa estreita relação do poder com o saber, faz pensar no poder das Instituições e no processo educacional, pois, o sujeito foi moldado no seu jeito de ser, de pensar e agir, através de dispositivos disciplinadores. Sendo assim, constata-se que a cultura abriga, no cotidiano, o conjunto de práticas sociais para estabelecer termos de convivência e ensinar os devidos papéis sociais.

Portanto, compreender a formação religiosa da professora e os aspectos que fundamentaram a sua religiosidade, descortinou o processo educacional vivenciado por Garotti. Esses fatores levaram a reflexão e à percepção das complexidades da gestão do saber-viver e das representações que se constroem e re-constroem dia-a-dia.

Dessa forma, estar diante da vida do outro, reviver a trajetória de vida que o outro experienciou, deixa claro que cabe somente ao autor e protagonista da história descortinar suas vivências ou não. Nesse processo, é importante ter claro que essas informações são representações da narradora do contexto vivido e experienciado, expressado por meio da narrativa de sua vida.

No próximo capítulo apresentam-se as descobertas deste estudo. Descobertas da capacidade do indivíduo se posicionar diante da história e fazer história. Histórias que levam a pensar, por um lado, nos perigos e na fragilidade dos discursos, por outro, na fortaleza deles. A complexidade em construir uma história de vida, não dá o direito de estabelecer aqui o que é certo ou errado, apenas dar voz à autora de sua própria história.



# CAPÍTULO IV

## AS DESCOBERTAS

### 4.1 – O dizer e o não dizer: faces de uma mesma moeda

A análise do discurso [...] não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação (FOUCAULT, 1996, p.70).

Este capítulo tem a intenção de tecer, a partir dos fios da história, aspectos que aqui foram considerados como descobertas. Nos capítulos anteriores foram apresentados alguns aspectos que foram significativos nas vivências de Garotti. Considerando que a autora deste estudo pôde produzir discursos através dos signos, objetivou-se compreender a relação do dito e do não-dito e, assim, descrever as faces da história. A história da autora que narra e da pesquisadora que escreve.

Nas descobertas deste estudo, a pesquisadora tem um espaço aberto para colocar a sua fala e a suas experiências, expressando-se na primeira pessoa fatos que foram relevantes na pesquisa. Pois há que se considerar que, a propósito desta história, aqui tem a minha também, porque nos devaneios de questionamentos, nas insônias e na busca em compreender o outro, eu também pude me refazer. A pesquisa possibilitou um processo comparativo tanto para manter como para reforçar a minha identidade através das experiências vividas pela e na pesquisa.

Sabe-se que “[...] a linguagem é constitutiva do homem e da sua história” (ORLANDI, 2003, p.15). Dessa forma, o sujeito dá sentido à sua vida, às coisas, e se localiza no tempo e no espaço de suas experiências. Nesse sentido, descobre-se que há formas variadas de significar um fato porque depende do olhar do sujeito que fala e do contexto em que está inserido. O sujeito dá sentido ao discurso, assim ele é “[...] palavra em movimento” (ORLANDI, op. cit., p. 15). Para essa autora “[...] esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi” (ORLANDI, op. cit., p. 30).

Já Foucault considera que o discurso “[...] seria um pensamento revestido de seus signos e tornado visível pelas palavras [...] seriam as estruturas mesmas da língua postas em jogo e produzindo um efeito de sentido” (FOUCAULT, op. cit., p.46).

Assim, para analisar e interpretar o discurso, foi necessário tomar como base epistemológica conceitos, teorias e dispositivos para explicar a narrativa. Dessa forma, buscou-se descortinar o que foi produzido sobre a trajetória de Ilar Garotti, bem como, apresentar alguns fatores que instigaram a pensar sobre o poder e a fortaleza do discurso.

Nesse sentido, para Foucault (1996), o sujeito narra para que suas palavras façam sentido com o que ficou registrado de forma significativa em sua memória. E, como o sujeito emerge através da linguagem, considera-se que a fala é uma ordem simbólica, na qual as representações, os valores e as práticas sociais encontram seus fundamentos de significados. Ela é entendida como efeito de sentidos entre os interlocutores, imbricando conflitos, relações pessoais, profissionais, reconhecimentos, relações de poder e submissão que fazem gerar a constituição de uma identidade.

Nesse aspecto, como já foi ressaltado, muitas vezes fazemos histórias, mas muitas vezes a história se faz por determinação dos acontecimentos. Na escrita da história, nesta caminhada de pesquisadora, foi descoberta uma interpretação em dois estudos que não foi confirmada pela narrativa de Ilar Garotti.

Garotti narrou que desconhecia a ação de despejo contra a FAFI, veiculada no *Jornal Correio de Uberlândia* no ano de 1975. Esse fato foi utilizado como citação em dois estudos realizados em Uberlândia sendo, um pela UFU e o outro pelo UNITRI. No ano de 1988, foi citado por Caetano no livro: *A UFU no Imaginário Social*, e em uma dissertação de mestrado de autoria de Fernandes (2003) intitulada: *As origens do curso de Pedagogia: um capítulo do ensino superior em Uberlândia, Minas Gerais (1957 – 1963)*.

A ação de despejo aconteceu no período em que Garotti era diretora do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, ano de 1969. Os dois estudos apresentaram uma citação retirada do jornal que veiculou a seguinte nota:

Na petição, o advogado da Sociedade Feminina de Instrução e Caridade, ao solicitar o despejo, afirma que toma essa resolução porque necessita das 27 salas alugadas à FAFI para o uso do Colégio que mantém em nossa cidade (CAETANO, 1988, p. 306).

[...] nossa reportagem apurou que já está tramitando no Fórum de Uberlândia uma petição da Sociedade Feminina de Instrução e Caridade, [...] visando despejar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. [...] Para muitos a atitude assumida pela instituição religiosa demonstrou falta de equilíbrio (FERNANDES, 2003, p. 96 – 97).

Para compreender e apreender a complexidade das controvérsias que às vezes aparecem nos textos ditos históricos, é preciso evidenciar o aparecimento e a dispersão dos enunciados que compõem o jogo dos signos. Buscou-se aqui, descortiná-los para clarificar a história que a narradora vivenciou, diferentemente da que outros pesquisadores fizeram ao reproduzirem fielmente uma reportagem. Garotti afirmou:

O jornal Correio publicou a nota, na época, falando sobre a falta de equilíbrio em 01.07.75. Dr. Juarez Altafin, reitor, teve uma atuação muito justa e compreensiva nas negociações. Se houve documento escrito desconheço. O que sei é que saímos da Faculdade que funcionava no Colégio, num clima de aceitação e respeito. As Irmãs que lecionavam na Faculdade continuaram a lecionar na UnU, no Campus Santa Mônica (2006).

De posse da narrativa foi possível fazer o cruzamento das fontes e constatar que os documentos escritos não são tão confiáveis como acreditavam e disseminavam os positivistas: que essa era a única fonte confiável para realizar pesquisas históricas.

As narrativas deste estudo revelam as significações e representações do contexto vivido e experienciado por Garotti. Desse modo, “O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo o dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (ORLANDI, 2003, p. 32).

Dessa forma, compreende-se que os dizeres do sujeito são constituídos pela memória discursiva, que abarca outros dizeres historicamente construídos em que o sujeito, a cada vivência, reatualiza o seu discurso, estabelecendo uma relação entre o sujeito produtor da escrita e a história.

Nessa perspectiva, a autora narrou o que lhe foi significativo para este estudo, da mesma as pesquisadoras tanto da UFU como do UNITRI, ressignificaram seus achados

conforme seus objetivos. Assim, “[...] sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras” (ORLANDI, op. cit., p. 36). O que não coube a esta pesquisadora julgar as fontes utilizadas.

Mas, sabe-se também que a produção de um discurso está sempre co-relacionada com outros discursos. Por isso, neste estudo optou-se por realizar uma história de vida. Para compreender esta história, buscou-se descortinar como e de que forma se deu a formação da professora e da religiosa: Ilar Garotti.

Como já foi abordado, nos capítulos anteriores, a Igreja determinou e normatizou, por meio das Encíclicas Papais, o trabalho feminino fora do lar e os cuidados que a mulher deveria ter com a família. A mulher deveria se instruir para saber das prendas domésticas, para ter um bom comportamento e almejar um bom casamento, ser boa esposa e mãe. Essas eram as orientações aos familiares, que definiam o destino das filhas quando adultas. Esse discurso, durante décadas, destacou que a mulher tinha, por natureza, essas aptidões.

Garotti foi educada numa família tradicional, católica, com poder patriarcal, foi colocada desde a sua tenra infância num colégio de freiras para estudar, deu continuidade a esse processo na adolescência, foi morar em um Colégio de freiras, lá formou-se e optou pela religiosidade. Mesmo assim, Garotti rompeu com todos os paradigmas ditados e preconizados pela sociedade para a mulher de sua época.

Dentre outros fatores, a formação, à qual se propôs, era dogmática, e é sabido que o ensino religioso também contribuía para veicular as normas e dogmas da religião católica para a formação de uma mulher dócil, meiga e dedicada para cumprir as funções do lar, de acordo com o perfil que a sociedade daquela época mantinha em relação ao sexo feminino. Na educação, o medo do pecado era incentivado para orientar e fortalecer a formação moral da mulher com comportamentos femininos desejados e para estabelecer a submissão feminina.

Constatou-se que o exemplo de sua mãe fez da professora Garotti uma mulher determinada para alcançar seus objetivos, aceitar desafios e se impor nos momentos de decisão. Em sua vida pública, Garotti esteve sempre rodeada de líderes políticos, homens influentes. O fato de ser mulher não a intimidou de cumprir e fazer o que mais gostava: liderar pessoas e instituições.

Garotti afirmou em sua narrativa que o que tinha que fazer foi realizado de forma eficiente. Dessa forma, buscou organizar, melhorar e aprimorar, dentro de suas crenças e convicções, o processo educacional de Uberlândia. Esse aspecto vivido e experienciado por uma freira, retratou a influência e o poder da Igreja Católica nas relações políticas e administrativas da sociedade.

Garotti afirmou que o fato de ser religiosa facilitou o seu acesso aos meios políticos. Nesse sentido, deixou na sua trajetória laços de amizade, respeito, autoridade, poder e a consciência de fazer o que deveria ser feito e do dever cumprido.

Nesse sentido, desvela-se aqui a fortaleza do discurso e os implícitos jogos de força. Dessa forma, “O cristianismo é a única religião a se organizar como Igreja. E como tal, postula o princípio de que certos indivíduos podem, por sua qualidade religiosa, servir [...] como pastores. Contudo esta palavra designa uma forma muito específica de poder” (RABINOW, 1995, p.237). Para esse mesmo autor:

[...] isto implica que o poder do tipo pastoral, que durante séculos – por mais de um milênio – foi associado a uma instituição religiosa definida, ampliou-se subitamente por todo o corpo social; encontrou apoio numa multiplicidade de instituições [...] havia uma tática individualizante que caracterizava uma série de poderes: da família, da medicina, da psiquiatria, da educação e dos empregadores (RABINOW, op. cit., p.238).

Neste estudo, inicialmente, refletiu-se sobre a influência da formação educacional e religiosa na história de vida. A formação é uma experiência que implica num trabalho reflexivo sobre as vivências do sujeito, articulando atividade, sensibilidade, afetividade e imaginação, assim, o sujeito “[...] está a procura de uma arte de viver em ligação e partilha” (JOSSO, 2004, p. 266).

Dessa forma, por meio da narrativa, esta história de vida deu à narradora a oportunidade de tomar consciência da dimensão de seus feitos em direção à busca de si própria por meio do conhecimento que estruturou sua formação. Sendo assim, formar-se é integrar-se numa prática o saber-fazer e refazer os conhecimentos na pluralidade de registros, e um caminho para que “[...] o sujeito oriente, com lucidez, as próprias aprendizagens e o seu processo de formação” (JOSSO, op. cit., p. 41).

Josso pontua como as histórias de vida tocam as fronteiras do racional e do imaginário, uma vez que “[...] leva o indivíduo a compor uma visão imaginária de si



mesmo” (JOSSO, 2004, p.263). Na narrativa, o sujeito imagina e cria as ligações entre os diferentes acontecimentos que foram significativos ao longo de sua vida. Essas ligações implicam em uma “[...] escuta atenta da sua vida interior [...] e que, ao serem contadas, escritas e lidas, dão acesso às dimensões da sensibilidade, da afetividade, da criatividade e do imaginário do seu autor” (JOSSO, op. cit., p.265).

Pode-se afirmar que enquanto Garotti esteve na FAFI utilizou de sua influência política para ampliar a UnU e como membro da Comissão de Estruturação e Organização para constituir a Universidade Federal de Uberlândia. A trajetória como diretora, reitora e vice-reitora, não obstante os desafios enfrentados, revelaram o aspecto marcante do início da presença feminina no campo do magistério e, especialmente, na gestão escolar, que se constituía como uma área de atuação notadamente masculina no início do século XX.

A função de administrar para Garotti era dinâmica e lhe dava prazer. Ela apreendeu desde a infância, pela educação recebida de seus pais, como também pela sua formação educacional e religiosa, a apreciar e reelaborar o significado de liderança, aliado aos conceitos de determinação, autoridade e autoritarismo. Pôde-se constatar, no seu modo de falar, objetividade e firmeza nas suas ações: “[...] o que tinha que fazer, fazia!” (GAROTTI, 2006).

Ela inculcava na equipe a disciplina necessária para o desenvolvimento de ações práticas, como ela narrou, sem “lenga-lenga” (GAROTTI, 2006). As suas ações diárias se direcionavam na aplicação de competências e habilidades adquiridas ao longo dos anos de formação, no exercício do magistério e na tarefa administrativa que desempenhou.

As habilidades se referem, portanto, a um saber aprender, saber-fazer e saber proceder nos campos de poder, conforme os seus valores e crenças administrativas com rigor. A sua administração contribuiu para a constituição de um Colégio que se primou pela qualidade de ensino, pela ordem e disciplina, e que ficou na lembrança dos que por lá passaram.

De sua trajetória, ficou marcado para Garotti o sentimento de ter contribuído para a formação moral e profissional dos alunos, para que estruturassem às grandes tarefas que teriam que realizar na vida.

Outra descoberta importante neste estudo foi com relação à contratação de professores da FAFI. A história narrada contradiz a história escrita por Fernandes (2003), que afirmou em sua Dissertação que, ao analisar a lista dos contatos com a direção do Colégio e sobre as aulas inaugurais, percebeu que havia um jogo de interesses nas entrelinhas:

Podemos perceber que as aulas inaugurais tinham também um forte caráter político, sendo que os convites eram feitos também em necessidade de estreitar os laços com as instâncias governamentais [...] ou da obtenção de apoio político [...]. Os convites também tinham o papel de homenagear alguns nomes que se destacaram no apoio político durante o processo de criação da FAFI, exemplos de Rondon Pacheco e Jacy de Assis. No caso Alceu Amoroso Lima, é importante destacar que além de membro do Conselho Federal de Educação ele foi um dos mais influentes intelectuais católicos conservadores do Brasil no século XX (FERNANDES, 2003, p.85).

O histórico da Faculdade de Filosofia Ciências Letras - FAFI, com base no Livro do Tombo, escrito por Garotti, apresenta os professores e as personalidades ilustres do cenário nacional e internacional. É sabido que, pessoas de renome valorizam os eventos, bem como aumentam a credibilidade das Instituições. Garotti afirmou que essas pessoas que estiveram presentes, deram grandes contribuições nos cursos de atualização e aperfeiçoamento na FAFI. Assim ela descreveu:

[...] estiveram aqui, ministrando estes cursos, além de outros: Alceu de Amoroso Lima ( que proferiu a segunda aula inaugural dos cursos, em 1964); Monsenhor Juvenal Arduini; Dom Agnelo Rossi; Dr. Paulo Sawaya; Juarez Távora; Omar Lima Quintana (Argentina); Julio Vilela (Peru); Osvaldo Simone (Argentina); Maria Algeny Menezes (MEC); Mário Cortez ( Bolívia); Mário Folchi (Argentina); Clóvis Salgado (MEC); Abreu Sodré (Governador de São Paulo); Dr. Rondon Pacheco (Governador de Minas Gerais); Newton Sucupira (Conselheiro Nacional de Educação)[...]; M. André Souvestre (Embaixada da França); M. Gerard Boely (Embaixada da França) [...](HÍSTÒRICO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, p. 13 e 14).

Fernandes (2003) afirmou ainda que os professores contratados pertenciam a Igreja católica:

[...] para ministrar uma formação marcante a presença de preceitos católicos como era premissa da instituição conforme já apontado, nada mais coerente que a direção da FAFI optasse por ter prioridade de contratar professores que tivessem formação em instituições de orientação confessional e/ou próximos à Igreja (FERNANDES, op. cit., p.118).

No histórico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, consta a relação dos professores do curso de Letras, dos setenta e três professores citados, doze eram padres e/ou freiras. Assim, constata-se que nem todos eram ligados à Igreja e sim às exigências e necessidades dos Cursos. Garotti afirmou:

No início da Faculdade, em cada curso eu tinha a preocupação de colocar 2 ou 3 professores da área e de renome. Esses eram trazidos de fora. Uberlândia não tinha. E assim, nós fomos fundando os 10 cursos e em 10 anos nós criamos 8 cursos e para cada curso inicialmente trazíamos professores de fora para cada curso. E, foi o meu contato na PUC–Campinas, que fez o canal para chamar professores de Campinas, São Paulo e de Ribeirão Preto. Assim é que nós íamos formando os cursos aqui (GAROTTI, 2006).

Analisar a narrativa de Garotti, como também as afirmativas de Fernandes(2003) me remetem às provocações de Foucault (1996) que, sem sombra de dúvidas, trouxeram contribuições para este estudo com relação à interpretação da história. Ele sai da linearidade, problematiza com outro olhar e revela, em meio aos discursos, estratégias de poder e o modo como o poder se desvela na sociedade dentro dos vários contextos.

Nesse sentido, no falar e no silenciar, no dito e no não-dito, no que não pode ser dito e no que poderia dizer, nas epígrafes e em muitas citações deste estudo, me ancorei nos pensamentos e reflexões de Foucault, buscando compreender, a partir da leitura, a percepção de tantos mecanismos que promoveram e ainda promovem a manipulação tanto pessoal como profissional do ser humano, silenciando muitos discursos.

Para Foucault (1996), o discurso é um poder sem a pretensão de se instaurar uma verdade pronta e acabada. Ele pode ser manipulado nas entrelinhas. Por isso, é importante um questionamento do modo pelo qual o discurso é construído, constituído e instituído, articulando os efeitos de verdade através da reflexão. Nesse sentido, é importante deixar claro que este estudo deu voz à autora da história: Ilar Garotti.

Ao narrar sua trajetória de vida, o autor e o escritor se apossam das palavras e fazem a sua respectiva representatividade em que a escrita passa a retratar e constituir a identidade da narradora. Foucault (1996) afirma, a análise do discurso é mais do que uma análise do que é dito e do que é escrito, é mais que palavras e texto, pois, nesse sentido, são importantes os conjuntos de sinais que acompanham o discurso, como os gestos, o olhar, os símbolos, os comportamentos, o cenário e as circunstâncias.

Nessa perspectiva, todo sistema é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos com os saberes e os poderes que trazem com eles: “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, op. cit., p. 10). O discurso é uma prática social histórica, a história é um objeto em construção, é uma ação reflexiva, é uma reinterpretação do que foi vivido.

Compreender as nuances da narrativa, por meio de fatos no presente, levou a reconstruir a história através dos discursos e representações da narradora. Nesse processo de apropriação do passado, a pesquisadora buscou os fatos, contemplando a relação com o passado e o presente como peças que compõem uma mesma engrenagem para compor e reconstruir os fatos. Esses fatores possibilitaram novas leituras e releituras da realidade, segundo o que a narradora revelou.

De posse da narrativa, pode-se considerar que os acontecimentos discursivos são rastros que estiveram presentes na constituição de uma história e que fizeram parte de um sistema de relações que estão imbricadas na estrutura política, econômica, educacional e cultural da sociedade. Desse ponto de vista, os dizeres evidenciam uma incompletude, as contradições e o oculto de todo sujeito. Daí, pois, a opção por Foucault, em considerar que o ser humano está em constante re-construção, uma vez que o intuito é remeter à idéia de processo, de fabricação, de invenção, de produção de identidades e posições a partir da e na escrita.

Assim, o sujeito se constitui por vozes que vão tecendo a sua construção pessoal a cada momento. É um processo inacabado que, a cada conhecimento adquirido, se renova no sentido de que o conhecimento pode transformar o meio ou o meio pode moldar o sujeito, conforme o poder que se quer instaurar.

Dessa forma, compreender e refletir sobre as experiências de vida, permitiu à pesquisadora tomar consciência do vivido e do experienciado ao longo do caminho.

Assim, pôde fortalecer o conhecimento de si mesma, nas semelhanças e diferenças provocadas pela narrativa, nas quais a pesquisadora teve a percepção de sua postura diante da vida e das idéias que estruturaram o seu modo de ser e fazer na vida.

## **4.2 – Histórias de vida que se cruzam**

Para manter ou reforçar a minha bagagem experiencial, consegui dar voz ao discurso que permeia o meu silêncio interior e a minha realidade. Dessa forma, “[...] a narrativa abriga também a um balanço contábil do que é que se fez nos dias, meses e anos relatados, ela nos permite tomar consciência da fragilidade das intencionalidades e da inconstância dos nossos desejos” (JOSSO, 2004, p.45).

Ao integrar o aprendizado nas minhas vivências e passar a conhecer minhas competências instrumentais e relacionais do saber-fazer no meio ao qual estou inserida, aprimorei cada vez mais a minha identidade e um profundo conhecimento de mim mesma. Falar da história de minha vida e de minha formação atribuiu valor ao que foi vivido e experienciado, pois me possibilitou compreender as relações e interações no ambiente em que vivo.

Assim, as experiências são percebidas de forma diferente por cada um de nós. E quando nos conhecemos a nós próprios, saímos de nós mesmos para ir ao encontro do outro. Então, a história de vida possibilita interagirmos com o outro através da narrativa, da escrita, da leitura e da interpretação de uma experiência vivenciada.

Dessa maneira, conhecer a si mesmo se dá quando se toma consciência do vivido e “[...] do que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural” (JOSSO, op. cit., p.59). O processo de construção do conhecimento envolve o nosso modo de ser e estar no mundo, como fazemos e desenvolvemos nossa capacidade de multiplicar e aprofundar na nossa essência e na construção de uma história: o ser e o estar no mundo.

Segundo Josso (2004), uma das dimensões da história de vida é a elaboração de um auto-retrato dinâmico das diferentes identidades que orientam as atividades do sujeito-aprendente, as suas representações e suas projeções, tanto nos seus aspectos visíveis ou manifestos como nos invisíveis ou não explicitados.

Assim, o auto-retrato do pesquisador “[...] promove e evidencia as posições existenciais adotadas ao longo da vida, permite ao autor da narrativa tomar consciência da sua postura de sujeito e das idéias que consciente ou não estruturam essa postura” (Josso, 2004, p. 59). Portanto, todo esse processo de autoconhecimento leva o sujeito a ter consciência para orientar sua caminhada e suas escolhas:

É no decurso desta situação em que o presente é articulado com o passado e com o futuro, que começa de fato, a elaborar-se um projeto de si por um sujeito que orienta a continuação de sua história com uma consciência reforçada de seus recursos e fragilidades; das suas valorizações e representações; das suas expectativas; dos seus desejos e projetos (JOSSO, op. cit., p.61).

Portanto, o processo de construção de si promove a transformação e a conscientização do sujeito que fala, do que escreve e do que lê as evidências das experiências significativas realizadas através do trabalho biográfico. Dessa forma, o sujeito e o meio permanecem em constante transformação. Para construir esse estudo descobri que tenho trilhado um caminho em busca de histórias e, com o auxílio dessas histórias, tenho buscado sentido e aprendizado para a minha própria vida. Assim, o caminhar para si mesma, segundo Josso (op. cit.):

É uma atividade que empreende uma viagem ao longo do qual ela vai explorar o viajante, começando a construir o itinerário dos vários e diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações, as atividades que permite ao viajante localizar-se no espaço e no tempo do aqui e agora, mas ainda compreender o que o orientou fazer o itinerário de sua bagagem, recordar seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e seus comportamentos (p. 58).

Esses fatores destacados por Josso (2004), levaram-me a buscar alguns caminhos que se cruzaram comigo ao longo de minha existência e que deixaram marcas significativas. Traço aqui o itinerário de minha formação, pois esta influenciou o meu modo de ser e agir. Com Ilar Garotti, meu caminho se cruzou com o dela quando estava na 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental. Fui aluna de um Colégio das Irmãs Salesianas. A partir daí considerei que a vida religiosa seria uma alternativa de vida, admirava a postura das Irmãs, poderia estudar e ter uma profissão.

Sendo assim, desejei seguir aquele caminho. Fui morar no Colégio interno das Irmãs Franciscanas, lá me senti útil, cresci na fé e no respeito ao outro. Nesse período cursava a 8ª série, uma professora de artes pediu que contássemos nossa história de vida, elaborando um pequeno livreto, deixando transparecer a nossa opção de vida pessoal e profissional.

Foi um processo de introspecção, no qual possibilitou retomar muitos questionamentos, partes boas e ruins do experimentado e vivenciado nesse percurso. Pensava em seguir a carreira religiosa. Questionei a minha opção de vida e, como era muito nova, tive dúvidas sobre a vida religiosa, senti que deveria dar um tempo e refletir sobre o que realmente queria, tanto no que se referia à vida pessoal quanto profissional.

Se recordar é viver, a história de Ilar levou-me a refletir sobre minhas opções de vida. A lembrança desse livreto feito manualmente, com gravuras simples, foi intitulado por mim: O problema é vocação. Percebe-se que, pelo título, a dúvida do caminho a seguir. No decorrer dos anos, freqüentemente eu o folheava, e refletia sobre questões familiares, escolares e, principalmente a respeito da vocação e da religião: seguir ou não aquele caminho.

Órfã de pai e mãe a vida me levou desde criança a fazer escolhas, umas mais difíceis, outras menos complexas. Desejava muito ter um lugar físico para morar, pois morava desde pequena com minha avó paterna e, posteriormente, com irmãos mais velhos, dos quais sempre tive estima e aprendizado. Estudando, descubro que a vida faz história e muitas vezes a história faz a vida por meio de caminhos que não estavam programados, mas que acontecem. Assim, saí do Colégio com 17 anos, pois precisava amadurecer minha decisão.

Continuei os estudos numa Escola Estadual, os anos se passaram, os relacionamentos mudaram, senti influência do meio e entre uma mudança e outra, tanto no que se refere a caminhos escolhidos, responsabilidades e de moradia, o livreto que foi tão significativo para minha vida, deixou de ser tão representativo.

Minha vida se abriu para novos caminhos, tomou outros rumos. Na época, não tive forças nem maturidade suficientes para adentrar naquela caminhada e deixar minha família, assim como Ilar fez. Faltou talvez em mim, uma orientação vocacional para decidir e até mesmo vocação. Assim, assumi aos vinte anos, por opção, a missão de constituir uma família.

Dessa forma, quando optei por ter uma família, fiz dessa família, através de meu modo de ser e fazer, a minha religião. O sentimento de missão cumprida nesse caminho percorrido prevaleceu. Concluí que eduquei e edifiquei a família através da fé, do amor, do respeito e do aprendizado. No entanto, no decorrer do caminho, fiz a opção de ser pai e mãe de dois filhos.

Aos meus filhos ensinei melhor do que aprendi. Hoje, refletindo sobre o caminho, compreendo que o outro não nos pertence, a vida continua e que os momentos de crises nos faz crescer. O que eu pensava sobre a constituição de uma família não deu certo. Assim, continuei nessa caminhada, tracei novos objetivos pessoais e profissionais e uma constante busca de novos horizontes.

Apesar das dificuldades pessoais e financeiras, fiz graduação em Serviço Social, uma escolha importantíssima, pois nesse curso foi possível conhecer o outro como sujeito de uma sociedade nas mais complexas interfaces do cotidiano. E, como trabalho na área hospitalar, pude ampliar meus conhecimentos e minhas relações com o outro a partir do conhecimento de mim mesma, das minhas crenças e potencialidades, mesmo não tendo oportunidade de trabalhar na área de minha formação. Lá fiz grandes amigos.

Dentre as pesquisas realizadas no Curso de Serviço Social, busquei compreender a inclusão dos portadores de necessidades especiais segundo sua ótica; a história de vida de uma precursora do Serviço Social e o Estresse do Assistente Social na área da saúde em meu *lócus* de trabalho, o Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia. Todos esses trabalhos orientados por Josefina Maria dos Reis, Assistente Social, que deixou marcas belíssimas na minha existência: de amizade, respeito, carinho, diálogo, o saber ouvir e o saber ser e estar na vida e na profissão com competência e justiça nas suas ações. Ela é para mim um espelho e um exemplo de vida.

Esses trabalhos foram gratificantes, pois nesses caminhos que se cruzam, a história vivida por cada uma das pessoas que cruzaram o meu caminho e na pessoa das entrevistadas, fez e refez a pesquisadora, tanto nos modos de ver e agir com o outro quanto nas questões relativas ao respeito e ao compromisso no trabalho. O estágio do curso de Serviço Social foi realizado na Mediação Familiar.

Esse estágio possibilitou conhecer e trabalhar com uma equipe interdisciplinar composta por advogados, assistentes sociais e psicólogos. Essas pessoas foram singulares em minha vida, das quais, Denise Portes deixou marcas profícuas na minha



existência, através do seu modo de ser e fazer. Foi uma equipe dinâmica e competente nas suas ações. Lá tratávamos de histórias de vida com conflito pessoal e com o outro. Juntos, buscávamos caminhos para mediar e controlar a situação, mostrando a potencialidade do sujeito em resolver suas questões. Foi um período importante para minha caminhada profissional.

Posteriormente a esse estágio realizei um trabalho como voluntária, a fim de conhecer histórias de vida de adolescentes em conflito com a lei e com sua família. Esse conhecimento adquirido foi respaldo para muitas ações educativas na família. Concomitante a esse processo, dei início ao Curso de Terapia de Família, a fim de compreender a base dos relacionamentos, os elos, as triangulações, interações e os segredos que se estabelecem na convivência familiar. Conhecer as histórias de vida possibilitou-me mediar conflitos familiares, buscando um relacionamento mais saudável das partes.

No processo de formação continuada vi a necessidade de compreender a base da aprendizagem do ser humano para complementar as ações propostas nos atendimentos às famílias, pois haviam crianças com dificuldades de aprendizagem. Iniciei assim, o curso de Psicopedagogia. Este, além de ter sido gratificante, possibilitou-me conhecer docentes que foram luz nos meus caminhos e que fizeram ampliar meus objetivos na busca de um crescimento pessoal e profissional.

No Mestrado, mesmo sendo de outra área de formação, tive muita receptividade dos colegas e professores. Este curso proporcionou grande aprendizado, tanto através das vivências na sala de aula, quanto dos professores e dos administrativos da UFU, de onde tive apoio, amizade e incentivo para continuar os estudos. Foi um período difícil e de grandes provações e muito estudo. E, por incrível que pareça acabei escrevendo mais uma história de vida: Ilar Garotti.

Sabedores de que nossas histórias singulares, buscam nas vivências as ressonâncias dos caminhos que se cruzam, fez com que sentimentos e emoções viessem à tona. Remexer no baú de minhas memórias trouxe de volta tesouros que foram significativos na minha vida: as pessoas, a fé, os valores, as interações, as relações de amizade, a crise, o aprendizado e muitos outros aspectos que foram significativos no meu contexto vivido e experienciado.

Portanto, construir esta história de vida, reviver os caminhos trilhados pela narradora e me reencontrar em meio às histórias, pude constatar que as pessoas deixam marcas profundas em nossas vidas, assim, somos responsáveis pelas marcas que deixamos no outro. Vivenciei também, que dentre os discursos que pronunciamos, tem o não dito, tem o que não pode ser dito e o silenciado pelo jogo do poder. Mesmo com os desafios a que somos expostos, continuo a tecer minha história na busca do outro e de mim mesma.

Nesse auto-retrato construído, na minha vida acadêmica eu não sabia que tinha tantas coisas para contar e que esses fatos vividos pudessem provocar tantas emoções, não me dava conta de que tinha feito tantas coisas na minha vida, pude perceber ligações que ainda não tinha percebido sobre as histórias de vida.

Dessa forma, o conhecimento de mim mesma, por meio de recordações relativas à minha atividade, contextos, situações, encontros, pessoas significativas, acontecimentos pessoais e sociais, deu contorno ao auto-retrato de minha personalidade que está em constante construção.

#### **4.3 – Tecer considerações finais: não significa terminar uma história de vida**

A formação no seio de sua família e o contato com as Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado influenciaram a opção de Garotti pela fé e pela doação de seus serviços à comunidade. Esses fatores marcaram a sua trajetória pessoal e profissional, ampliando sua visão de mundo e a sua prática pedagógica.

E, mesmo a mulher sendo discriminada das profissões, há 74 anos atrás nasceu uma menina, no interior de São Paulo, descendente de italianos, que estudou, cresceu, tornou-se jovem, buscou exemplos na família e formulou os seus ideais. A partir daí passou a indagar e refletir sobre que caminhos seguir, teve oportunidade e se posicionou dando uma resposta positiva à sua missão. Mulher que, com 27 anos, no auge de sua vida, assumiu cargos de chefia, traçou objetivos e contribuiu para a formação docente.

As descobertas apontam para o modo como as representações são significativas para cada sujeito de forma diferente. Alguns fatores nos levam a perceber o sujeito nas suas múltiplas dimensões, no qual os contextos e os discursos fundamentaram os

valores, as normas de comportamento e as relações de poder. Houve um discurso preestabelecido pela sociedade, mas também houve quem rompesse com os paradigmas preestabelecidos para o papel de mulher.

A escola foi e é, antes de tudo, um espaço onde brotam idéias, hipóteses, dúvidas e tentativas de encontrar respostas. Mas sabe-se que uma instituição de ensino, naturalmente, não é o único espaço responsável por essa busca e pelas transformações sociais e ideológicas. A ela se juntam a família, o contexto social e as relações de poder em que esteve inserida.

Assim, as formações discursivas, às quais pertence um sujeito, são múltiplas e dependem das diferentes posições por ele ocupadas. Posições sociais de raça, de gênero, de situação social e outros diferentes grupos sociais aos quais pertence, cada uma regendo, de forma específica, a produção de sentidos válidos em cada sociedade, na qual produz e disseminam crenças e valores por meio de discursos que se quer estabelecer como válidos.

Esses diferentes fatores definem os mecanismos de interpretação, de acordo com a posição que o sujeito ocupa. A palavra dita por um mesmo sujeito, em contextos diferentes, pode ter novas significações. As formações discursivas equivalem à representação imaginária dos lugares sociais de um sujeito, variando conforme suas relações sociais e sua posição social. Esses fatores estabelecem os sentidos do discurso, o que pode e o que não pode ser dito.

Dessa forma, esta pesquisa representou uma experiência nova no caminhar em busca do conhecimento, através da história de vida de Ilar Garotti. Explorar a narrativa para constituição e análise do discurso foi desafiador. Refletir e aprender com a experiência do outro e compreender que a narradora possui características construídas no cotidiano e que a Igreja apenas burilou e moldou, levou à constituição da identidade pessoal e profissional de Garotti.

A história é um instrumento de contextualização da sociedade nos aspectos político, social, econômico, cultural e educacional, que possibilita localizar no tempo e no espaço os feitos e os fatos para conhecer, analisar e interpretar a realidade e os processos sociais e educacionais de uma determinada época. Entender o ser humano é compreender sua relação com o mundo, com o saber, com o outro e consigo mesmo, numa relação fundada no sentido de educar.

A religião marcou a vida pessoal e profissional de Garotti, determinando os rumos de sua história. Do material analisado, pôde-se constatar na sua fala que suas ações foram permeadas pela fé, pela motivação e por uma missão, que foi desvelada na doação de si para promoção do outro. Assim, a sua formação e profissão foram fundamentais, pois possibilitaram que Garotti ocupasse os cargos de diretora, reitora, professora e secretária.

Dessa maneira, este estudo possibilitou ampliar a compreensão do processo interminável que é a formação, além de proporcionar uma reflexão do quanto é importante gostar do que faz. Favoreceu, também, conhecer um pouco da história da educação brasileira e a influência do catolicismo no cotidiano e na educação da mulher que, formada nos moldes conservadores, deveria levar os ensinamentos para casa, multiplicar os valores cristãos e propagar os ideais do catolicismo na família e na sociedade.

A compreensão das experiências passadas e as ações educativas revelaram a compreensão da profissão de professora e os aspectos que influenciaram as motivações e as formas de atuação na prática docente. Atualmente, com a evolução tecnológica, exige-se um professor com uma nova postura. Dele, mais que o conhecimento, é necessário o domínio das redes de novas tecnologias de aprendizagem.

Entre gestos, olhares, palavras, atitudes, comportamentos, descobriu-se durante a narrativa, que Garotti buscou configurar seu dia-a-dia, dando significado aos fatos. Assim, pôde-se compreender o seu fazer e o papel da mulher-professora-Irmã que, através de sua formação, organizou sua visão de mundo, dando tonalidade ao seu fazer educativo e religioso.

O movimento retrospectivo do pensamento provoca tomada de consciência, tanto pela pluralidade de leituras possíveis de uma mesma experiência, da sua visão de mundo, que construiu e interiorizou para dar sentido à sua vivência, à sua trajetória, seus laços consigo mesmo, com o outro e com o meio natural (JOSSO, 2004, p. 72).

Sobre as contribuições dos serviços prestados à educação em Uberlândia, vale ressaltar que Ilar Garotti, de acordo com sua narrativa, contribuiu para disseminar

valores, solidariedade e humanização. Promoveu também a melhoria da qualidade da educação e a ampliação no processo de formação de professores.

No movimento da pesquisa, procurou-se evidenciar achados que possibilitaram apreender o processo de construção do outro e dos discursos estabelecendo os seus poderes e perigos, com a certeza de que outras interfaces ainda poderão ser analisadas. Esta experiência permitiu elaborar reflexões sobre a construção do conhecimento, tendo o ser humano como produtor do poder e como objeto do saber, Assim, foram descobertas as origens, os discursos, os desdobramentos e os desafios como algo vivo, dinâmico, contraditório, que nos fez refletir sobre as práticas construídas no cotidiano, via voz da autora da história.

No âmbito desta relação de poder/saber, descobriu-se que os dispositivos disciplinares, representaram uma rede capaz de articular e convergir diferentes saberes e relações de poder, elementos visíveis e invisíveis, declarados ou não, que originam novas formas de saber que respectivamente constituem o indivíduo. Concebia-se a construção do conhecimento a partir da coerção e subordinação dos corpos, através de uma sociedade regulada, calculada e eficiente, fundamentada nos princípios de controle e vigilância constantes. Hoje, com a falta de limites e o excesso de informações em rede, tornou a construção do conhecimento complexo e de difícil controle.

Produzir um texto teórico sobre a história de vida não se constituiu em tarefa fácil. Dessa forma, analisar cientificamente a trajetória de vida, as nuances da história, dos contextos, dos movimentos, dos planos, das opções, das ações, das atuações, promoveu uma aproximação do que foi vivido, experienciado e realizado por Garotti.

Ao construir esta história de vida, contribuiu-se para a preservação da história, da memória, além de proporcionar ao sujeito se posicionar diante de suas vivências. Transitar por suas lembranças, suas práticas, relações sociais e representações, permitiu à pesquisadora estabelecer os papéis sociais desempenhados por Garotti, além de compreender que as atitudes da narradora estão co-relacionadas às suas opções na e pela vida.

Dessa forma, ao refletir sobre meu itinerário experiencial, pude perceber que a cada etapa na construção do conhecimento se deu na busca de um saber-viver plural. Contudo, vale ressaltar que o processo de construção do ser humano não se limita aos

escritos epistemológicos, a eles é preciso acrescentar um manancial de possibilidades de conhecimento que o ser humano possui. Assim,

Colocar em uma narrativa a evolução de um diálogo interior consigo mesmo sob forma de um percurso de conhecimento e das transformações da sua relação com este, as recordações podem servir no tempo presente, para alargar e enriquecer o capital experiencial; bem como a compreensão de nossos processos de formação e de conhecimento (JOSSO, 2004, p.44)

No decorrer deste estudo, percebeu-se que no processo de análise e interpretação das histórias de vida há a participação do autor-narrador, o autor-escritor, o autor-leitor e do autor-ouvinte. Por isso, o trabalho biográfico “[...] é um desafio dialético de construção e desconstrução com vistas à criação de um espaço interior de liberdade para o sujeito se pensar, viver, dizer do ser no mundo consigo, com os outros e com o ambiente humano e natural” (JOSSO, op. cit., p.168).

Dessa forma, cada um desses papéis de autor se tornou importante no processo de construção do conhecimento, visto que é um grande desafio ao ser humano socializar aspectos de sua vida interior, partilhar seu pensamento, seus sentimentos, suas dúvidas, suas afirmações, seus sonhos e incompreensões. Assim, o desafio de formar é “[...] construir-se formando-se, formar-se construindo-se, produzir conhecimento para criar sentido, produzir sentido para criar conhecimento” (JOSSO, op. cit., p. 205).

Contudo, a cada um desses autores a partir do processo reflexivo do que é de si e do outro possibilita descobertas que dão sentido à vida, pois há um aprendizado e uma ressignificação de si mesmo. Mas é preciso compreender que cada pessoa tem seu tempo: “[...] pode levar alguns minutos, semanas ou toda uma vida: fazer com... para se dar forma; fazer com ... no tempo para transformar o meu tempo em experiências formadoras de qualidades” (JOSSO, op. cit., p.206), pois, quando o sujeito conhece a si mesmo, pode reelaborar a sua arte de viver.

Hoje, compreendo que, por me preocupar com o entendimento do ser humano, inconscientemente investi na busca de histórias de vida. Somos seres falíveis, mas em cada encontro com o outro podemos aprimorar o modo de ser e estar no mundo. O caminhar com o outro me possibilitou aprender a caminhar comigo mesma e ter a oportunidade de aperfeiçoar o saber-viver que está sempre em construção, pois “[...] há

um pesquisador em cada um de nós e que este pesquisador só avança na medida em que é capaz de aprender consigo mesmo” (JOSSO, 2004, p.166).

Portanto, acredita-se que o caminho trilhado pela pesquisa deve ser compreendido como um processo de construção do conhecimento, conforme a narrativa da autora, do que fala e o que fala. Esses aspectos levaram a pesquisadora à confirmação de que as histórias contadas pelo próprio sujeito que a viveu oferecem possibilidades reais de análise e interpretações do experimentado e vivenciado. E que, por trás do dito ainda há muito a se dizer, pois somos sujeitos mutáveis e em constante estado de descoberta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

ALMEIDA, J. A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, D. **O Legado Educacional do século XX no Brasil**. Campinas: autores associados, 2004.

ALMEIDA, M.F.R. Política educacional brasileira na década de 1990: Um desserviço à cidadania. **Cadernos de história da educação**, nº4, Uberlândia: EdUFU, p. 117 a 129, 2005.

BÓSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz: EdUSP, 1987.

BUARQUE, Cristóvam. **A aventura da universidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BUFFA, E & NOSELLA, Paolo. **Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos - 1911 – 1933**. São Carlos: EdUFSCar, 1996.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, J.C., GATTI JR. D. (Orgs). **Novos temas em história da educação Brasileira: Instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados/Uberlândia: EdUFU, 2002, p. 25-38.

CAETANO, Coraly Gará et alii. **A UFU no imaginário social**. Uberlândia: EdUFU, 1988.

CATANI, D.B. Estudos de história da profissão docente. In: LOPES, E.M.T., FARIA FILHO, L.M. & VEIGA, C.V. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 585 – 602.



CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. [www.cnbb.org.br](http://www.cnbb.org.br). Acesso dia 15/05/2006.  
[www.vatican.va/archive/compendium](http://www.vatican.va/archive/compendium) . Acesso 13/08/2007.

CHARTIER, R. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, vol.05, n.11, São Paulo: USP, jan-abr, 1991, p. 171-191.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6 ed., São Paulo: Cortez, 2003.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes. Brasília: Confederação nacional dos Trabalhadores em Educação: UnB: Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1996.

ENCÍCLICAS PAPAIS – Monfort Associação Cultural - [http: www.monfort.org.br](http://www.monfort.org.br) – Acesso dia 14/12/2006.

FENELON, Dea Ribeiro. et al. **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

FERNANDES, Alícia. **A Inteligência Aprisionada**. São Paulo: Artes Médicas, 1990.

FERNANDES, Maria Dolores. **As origens do curso de Pedagogia**: Um capítulo do Ensino Superior em Uberlândia - 1957–1963. Dissertação de Mestrado – Centro Universitário do Triângulo – UNITRI, Uberlândia, 2003.

FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FELGUEIRAS, Margarida L. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pró-posições**. Vol. 16, nº. 01, Campinas: UNICAMP, abr., 2005, p. 87-102.

FISHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção de subjetividade na cultura contemporânea. **Educação, subjetividade & poder**. 3 ed., abr., 1996.

FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução: Raquel Ramallete, Petrópolis: Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. **Estética, literatura e pintura, música e cinema.** Coleção Ditos e escritos, III. Manoel de Barros Motta (org). Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 203 -222.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Tradução: Roberto Machado. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. 167 – 177.

\_\_\_\_\_. **Estética, literatura e pintura, música e cinema.** Coleção Ditos e escritos, III. Manoel de Barros da Motta (org). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264 – 298.

\_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber.** Coleção Ditos e escritos, IV. Manoel de Barros Motta (org.) Tradução: Vera LÚCIA Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203 – 222.

FONSECA, Gema Galgani. **A representação social do papel do educador no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia 1997/2000: História e Perspectivas.** Dissertação de Mestrado, UFU, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa.** 7 ed., São Paulo: Paz e Terra, (coleção Leitura), vol. 06, 1996.

GAMAZO, Adelaida Sagarra. Notas para uma nova Historiografia. **Revista Brasileira de História.** Vol.16, nº. 31/32, São Paulo: Contexto, 1996.

GAROTTI, Ilar. **Depoimento.** Concedido à pesquisadora Cleide Fátima Carvalho para realização de Dissertação de Mestrado, 2006.

INÁCIO FILHO, Geraldo. Escolas para mulheres no Triângulo Mineiro. In: ARAÚJO, J.C.S., GATTI JR, D. (Orgs). **Novos temas em história da educação brasileira:**

Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados, Uberlândia: EdUFU, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MAGALHAES, Justino P. História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional. In: **Breve apontamento para a História das Instituições Educativas**. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho: Braga: Portugal: 1999.

MENDONÇA, Z.G.C. **A história da formação docente: a singularidade da Escola Normal em Rio Verde, GO (1933 – 1974)**. Goiânia: Asa, 2005.

MINAYO, Maria C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 6ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MORAES, C.S.V.; ZAIA, I.B. & VENDRAMENTO, M.C. Arquivos escolares e pesquisa histórica: fontes para o estudo da educação brasileira. **Pró-Posições**, vol. 16, nº. 01, Campinas: UNICAMP, mar, 2005, p. 117-133.

MOURA, G.F.M. **Por trás dos muros escolares: Luzes e sombras na educação feminina (Colégio Nossa Senhora das Dores – Uberaba – 1940/1966)**. Uberlândia, UFU, 2003.

NÓVOA, António (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_ (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

OBRIEN, Patrícia. A história da cultura de Michel Foucault. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução: Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 5ª ed, 2003.

PASTAS DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO. Prefeitura Municipal de Uberlândia – 1996 – 2000.

PENTEADO, Silvia Teixeira. **Identidade e poder na Universidade**. Santos: Cortez, Unisanta Editora, 1998.

PEREIRA, Lusia R. **De donzela angelical e esposa dedicada... A profissional da educação**. Tese de Doutorado, USP, 1996.

PIMENTA, Selma G. etall. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PERES, E. Sob (re) o silêncio das fontes... A trajetória de uma pesquisa em história da educação e o tratamento das questões étnico raciais. **Revista Brasileira de História da Educação**, Nº. 4, SBHE, jul – dez, 2001, p.75 –102.

PINSKY, C.B. (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PORTELLI, A. O momento da minha vida: Funções do tempo na História Oral. In: FENELON, Dea Ribeiro et al. **Muitas Memórias outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: EDUNESP, p.163 – 198, 1992.

RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231 -249.

RAGO, Margareth. Libertar a história. IN: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA NETO, A. (org). **Imagens de Foucault e Deleuze – Ressonâncias Nietschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.255 - 272.

RAMOS, L.C. **Uma história da Educação feminina em Uberlândia: o cotidiano e as representações sociais do colégio Nossa Senhora das Lágrimas. (1932 a 1947)**. Dissertação de Mestrado, UFU, 2003.

RIBEIRO, M.L.S. **História da Educação Brasileira: A organização escolar**. 18 ed. Revisada e ampliada. Campinas, Autores Associados, 2003.

ROMANELLI, O.O. **História da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1989.

SANTOS, Sônia Maria dos. **Histórias de alfabetizadoras brasileiras – entre saberes e práticas**. Tese de doutoramento em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2001.

SAVIANI, Demerval. etall. **O legado educacional do século XX, no Brasil**. Campinas, Autores Associados, 2004.

SAVIANI, Dermeval. Instituições Escolares: conceito, história, historiografia e práticas. **Cadernos de História da Educação**. nº4, Jan./dez., p.27-33, Uberlândia: EdUFU, 2006.

SZYMANSKI, H.(org.) **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

## **ANEXO I – Roteiro da Entrevista**

### **Ilar Garotti: vida, profissão e religiosidade**

#### **1 - Infância**

- (Origem/Gênese: Família, imigração, Colégios, religião).

#### **2 – Formação (Inicial e Continuada)**

- Alfabetização:
- Ginásio e Normal
- Faculdade
- Especialização.
- Pós Graduação:
  - Mestrado em Educação:
  - Mestrado: Ciências da Religião:

#### **3 – Internato/Noviça**

- Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado –Convento

#### **4 – Profissão: Professora e Religiosa**

- Diretora FAFI, Ciências e Letras da UnU
- Diretora do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas.
- Madre
- Instituto Secular

#### **5 - Na Universidade**

- Assessora de Ensino da UnU.
- Diretora Pró-Tempore Faculdade Medicina Veterinária da UnU.
- Vice-Reitora da UnU.
- Membro Comissão de Estruturação, Transformação, Org., da UnU p/ UFU.
- Pró-Reitora Estudantil e Extensão na UFU.
- Docente da UFU

#### **6 – Creches**

- Diretora Creche Comunitária Santa Rita, doada p/ (PMU).
- Co-fundadora e Vice-Presidente da Creche Comunitária Santino/Tibery.
- Presidente Sociedade./ Beneficente Ágape/Mantenedora Creche Santino.

#### **7 – Prefeitura Municipal de Uberlândia**

- Secretária Municipal de Educação/PMU

**ANEXO II - Carta de Cessão****CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL PARA A  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

1 - Pelo presente documento, **Ilar Garotti**, brasileira, solteira, Carteira Identidade nº 587.243, CPF : 090.117.856-72, residente e domiciliada em Uberlândia/MG, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal de Uberlândia, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o **depoimento oral corrigido e com alterações prestado no dia 16/09/2006**, as fotos do seu arquivo particular e a xérox das pastas da Secretaria Municipal de Educação. A entrevista foi gravada em seu domicílio, na cidade de Uberlândia perante a pesquisadora: Cleide Fátima Carvalho.

2 – Fica pois, a Universidade Federal de Uberlândia, plenamente autorizada a utilizar as fotos, o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

**Vetado a utilização da fita gravada 28.08.2006**

Uberlândia, 10 de Abril de 2007

  
\_\_\_\_\_  
Ilar Garotti

**ANEXO III - Palestra em agradecimento ao Título de Cidadã uberlandense****TÍTULO DE CIDADÃ UBERLANDENSE**

**Permitam-me quebrar o protocolo e chamar a todos de amigos.**

Faço uma exceção e saliento o porquê. Falo do caro vereador Vilmar Resende, autor do projeto que me confere o título de cidadã uberlandense, a quem extendo meu profundo respeito e simpatia.

Sem esquecer ou menosprezar minha naturalidade jardinopolense, enriquece-me a cidadania que ora recebo. Vinda de outras paragens, aqui encontrei amigos, e um campo vasto de trabalho, onde pude me inserir e fazer aquilo de que gosto muito: trabalhar na Educação. Isto por que creio nela como a mola propulsora de uma sociedade que se molda nos princípios do bem e da moral, com a sagacidade daqueles que cuidam do presente com vistas ao futuro. O que faz toda a diferença neste sentido é que lidamos com o mais evoluído fruto de Deus: o ser humano.

**Aprendi a gostar de Uberlândia, uma cidade acolhedora.**

E foi justamente o acolhimento que me chamou a atenção, quando aqui cheguei em 1962, para dirigir a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Uberlândia estava com 82 mil habitantes. Hoje, ela possui quase 600 mil.

A característica do acolhimento não permite que os que aqui chegam sintam-se estrangeiros, pois:

- os braços estão abertos para receber,
- um sorriso aflora sempre para animar
- e mãos estendidas não permitem a solidão.

**Daí que o acolhimento que, em teologia, chama-se "fraternidade" fomenta a união, segunda característica que me atraiu nesta cidade, cognominada "Portal do**



Cerrado", mas não só da vegetação característica da região, mas sim portal aberto para todos os que a procuram.

**Fruto do acolhimento e da união do uberlandense** é o progresso, visto não só em seus aspectos socioeconômicos, retratados na invejável qualidade de vida da população, mas também em aprimoramento pessoal, em oportunidades para o desenvolvimento das potencialidades, para a expressão da espiritualidade; enfim, para o desabrochar completo do ser humano.

**A terceira característica que me chama a atenção em Uberlândia é a força de trabalho.**

Quem aqui chega, não pode deixar de admirar sua incrível tendência para o trabalho. Um trabalho que se evidencia em cada canto da cidade, onde erguem-se edifícios, escolas em todos os níveis, igrejas, postos de saúde, hospitais, onde se instalam um comércio ativo e uma indústria moderna e crescente, um lugar onde a agropecuária encontrou "terra fértil" para se desenvolver.

Realmente, uma cidade modelo, não só para o Brasil, como para toda a América Latina.

E hoje, tomo-me cidadã honorária de Uberlândia, e isto me traz uma grande satisfação em poder lutar por uma Educação que facilite o processo interativo do ser humano com o meio em que se acha inserido, através da experiência cultural e da participação das ações socialmente organizadas. Uma Educação que não perde de vista seu objeto, que é o desenvolvimento harmônico das potencialidades do ser humano, em ordem à sua plena realização como pessoa, em função do grupo social a que pertence.

O indivíduo, uma vez integrado nesse grupo, num processo de assimilação, vai se predispondo a ser agente de transmissão cultural, segundo suas aptidões.

- Uma Educação a que muitos chamam de integral, que proporciona ao indivíduo os meios para a realização do seu "ser- aqui – agora", e do seu "vir – a- ser" total, na perspectiva do desejo.

- Uma Educação que permite ao indivíduo perceber o ponto de encontro:
  - Da razão com a vida;
  - Do imenente com o transcendente;
  - Do desejo com a realidade;
  - Da parte com o todo e vice-versa;
  - Da matéria com o espírito
- e de outras tantas polaridades que:
- suscitam concepções de valores;
  - fortalecem os ideais;
  - incentivam a interatividade;
  - exercitam a predisposição para a busca do sempre mais.

#### **O que desejo Ubertândia:**

- que ela cresça cada vez mais no seu aspecto humanístico e espiritual, como cresce nos seus grandes edifícios, e na infra-estrutura necessária a uma vida digna e saudável.

Isto por que entendo que, através do fortalecimento da espiritualidade, uma necessidade peculiar do ser humano, é que o homem se transforma em um novo ser, imbuído da coragem de viver intensamente, superando os polos matéria – espírito, percebendo o ponto de encontro das duas polaridades. Ninguém está livre desta realidade: o homem é dotado de inteligência, de raciocínio, e, por isso, toma consciência do Sagrado que existe dentro dele e tem liberdade de, ante ele, responder Sim ou Não.

A transcendência do homem sobre a natureza na qual está originariamente inserido vem de sua capacidade distinta de só ele conhecê-la e transformá-la, de sua exclusiva possibilidade de amor, de liberdade, de seu desejo de superar o rígido determinismo que regula a natureza. A capacidade que o homem possui de concretizar experiências, valorizar e julgar o presente e o passado, indo além do

aqui e agora, em direção ao futuro, já traz em si um elemento de imaterialidade. A atitude espiritual, portanto, segundo psicólogos, considerada como função psíquica natural, não é neutra nem isolada das demais, depende do ser vivente, pensante, conhecedor e livre, comunicativo e criativo, cultural e portador de desejos.

**A homenagem que ora recebo tem uma conotação especial:** vejo reconhecido o trabalho desempenhado pela Secretaria Municipal de Educação, quando nossas escolas de Ensino Fundamental são agraciadas com o título de Honra ao Mérito, por terem registrado altos índices de aprovação, demonstrando que todo trabalho que tem objetivos definidos e metas bem delineadas, e quando se faz tudo para alcançá-los, o resultado acontece como numa colheita: os bons frutos surgem, tenros, saudáveis, incentivando a continuidade da produção.

**Parabenizo a cada uma das escolas** pelo elevado índice de aprovação e pela diminuição dos índices de reprovação e de evasão.

As equipes de trabalho:

- assessores diretos da Secretaria;
- inspetores escolares
- diretores de Escolas
- assessores do CEMEPE, que caminham "pari passu" com as escolas na formação continuada dos profissionais da Educação
- Especialistas e professores;
- Oficiais administrativos;
- Auxiliares de Serviços Gerais;
- Merendeiras;
- Conselhos Escolares;
- Pais e Associações de Bairros.

enfim, todos os 4.100 servidores que pertencem à Secretaria Municipal de Educação, espalhados pelas nossas 60 escolas, convivendo com aproximadamente 50 mil alunos.

**E, neste contexto, o meu agradecimento especial** ao Sr. Virgílio Galassi, nosso caríssimo prefeito municipal, que, como bem disse uma de suas filhas: "é o homem do futuro emprestado para o presente". Obrigada, Sr. Virgílio pelo apoio, atenção e confiança que deposita na Secretaria Municipal de Educação.

Aos vereadores que, por unanimidade, apoiaram o projeto de Vilmar Resende, concedendo-me o título de cidadania uberlandense. Aos amigos presentes de ontem e de hoje, que sempre compartilharam e continuam acompanhando-me na caminhada da vida. A minha família aqui presente, irmãos e sobrinhos, pela amizade, amor e carinho com que sempre me cercaram. Aos membros do Instituto "Seculas Unitas – Brasil", do qual faço parte.

A todos, meu agradecimento pela presença.

**Meu coração se volta para o Criador.** Somente com o pensamento em Deus, e com esperança, podemos alcançar nossos objetivos e realizar nossos desejos.

O Salmo 150 – de louvor – é a expressão do nosso agradecimento a Deus, Nosso Senhor:

#### **Louvor sem fim**

Louvem a Deus no seu templo,  
Louvem a ele no seu poderoso firmamento!

Louvem a Deus por seus feitos,

**ANEXO IV - Histórico da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (Elaborado a partir do Livro do Tombo)**

**HISTÓRICO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E  
LETRAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**Organizadoras:**

**Ir. Ilar Garotti  
Aparecida Portilho Salazar**

## **CURSO DE LETRAS**

**.ANGLO-GERMÂNICAS – deu origem às habilitações em :**  
    **. Português-Inglês**  
    **. Inglês**

**. NEO-LATINAS – deu origem às habilitações em:**  
    **. Português-Francês**  
    **. Francês**

## **HISTÓRICO**

### **FUNDAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA**

Os Cursos de Letras e Pedagogia, da ex-Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, foram decisivos para o desenvolvimento cultural e científico da cidade e da região e se constituíram no embrião do nascimento da Universidade de Uberlândia, hoje, Universidade Federal.

Para a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, destacamos a pessoa de Madre Maria Vilac ( fundadora da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado ) que autorizou, incentivou e entregou à Madre Emilia Ribeiro e Ir.Maria Lázara Fioroni, a responsabilidade pela fundação da Faculdade.

### COMISSÃO PRÓ-FUNDAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA

A idéia da fundação da Faculdade nasceu do desejo de um grupo de intelectuais de Uberlândia, que preocupados com os destinos culturais da cidade, idealizaram a criação da Faculdade.

Uma Comissão composta dos senhores:

- . Padre Mário Forestan – Superior dos Padres Salesianos de Uberlândia
- . André Fonseca – Presidente da Câmara Municipal
- . Moacir Lopes de Carvalho - Diretor da Rádio Educadora
- . Saint-Clair Netto - Professor do Colégio Estadual

procurou as Irmãs do Colégio Nossa Senhora, para que elas assumissem a responsabilidade da fundação.

Esta Comissão foi ouvida pela superiora da Casa, Madre Emilia Ribeiro e pela Irmã Maria Lázara Fioroni, Diretora do Colégio. A idéia foi acolhida com grande entusiasmo e interesse, por todas as Irmãs do Colégio que acompanhavam o desenvolvimento sócio-cultural da cidade de Uberlândia.

Do " Livro Tombo", que registra os acontecimentos do Colégio Nossa Senhora, colhemos os dados relativos aos anos de 1959 e 1960;

. " Em data de 8 de setembro de 1959, Natividade de Maria Santíssima, o Colégio Nossa Senhora recebe a licença e as bênçãos da Madre Geral, Maria Vilac e da Provincial, Madre Conceição de Freitas Mendes, para abrir a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras."

. " Como bem o expõe em carta à Provincial, trata-se agora de colocar os interesse de Deus acima de tudo, para realização dessa obra importantíssima na formação de uma mentalidade universitária, moldada em princípios cristãos. Que a Virgem Santíssima abençoe esta empresa difícilima e a tome em suas poderosas mãos, a fim de que a semente hoje lançada em terra de boa vontade das Irmãs Missionárias, cresça e já árvore frondosa, domine na seara magnífica da querida Uberlândia."

. “ Em 10 de setembro de 1959 foi dado o primeiro passo para obter-se a licença de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, Bispo Diocesano de Uberaba. Padre Mário Forestan, superior dos salesianos, Madre Emilia Ribeiro e Ir. Maria Lazara Fioroni, onde, em audiência previamente marcada, expõem a Dom Alexandre o desejo de abrir uma Faculdade de Filosofia, anexa ao Colégio Nossa Senhora. Com agradável surpresa, responde-lhes o Sr. Bispo: “ Não só aprovo, mas ordeno que se abra esta Faculdade. Ela já estava no meu pensamento há muitos anos. Esta é a hora de realizar os designios de Deus, bem patente nos acontecimentos em Uberlândia.””

.X.X.X.X.X.X

Em 27 de outubro de 1959, acompanhado do Dr. Jacy de Assis e Dr. Ciro de Castro Almeida, o Dr. Paulo Emilio de Oliveira e Cruz, eminente juriconsulto de Belo Horizonte e Inspetor Federal de Ensino Superior, veio a Uberlândia e percorreu todas as instalações do Colégio Nossa Senhora, notadamente às que se destinavam à Faculdade de Filosofia. Esta mesma visita foi feita à Faculdade de Direito, que também havia solicitado autorização de funcionamento.

No mesmo dia, Ir. Maria Lazara Fioroni comparece a Radio Educadora de Uberlândia e concede uma entrevista ao Diretor daquela emissora, Moacir Lopes de Carvalho, sobre a fundação da Faculdade de Filosofia, causando verdadeiro sucesso na cidade, o assunto, que, até então fora guardado na mais absoluta reserva.

Em 3 de novembro de 1959, a Faculdade envia, para o Conselho Nacional de Educação, com sede no Rio de Janeiro, o processo para obtenção da licença de funcionamento, processo que consta de 367 (trezentos e sessenta e sete) páginas elaboradas com extremo carinho e competência, a fim de que nada obstruísse o seu normal andamento nas repartições do Ministério da Educação.



Em 9 de novembro de 1959, um "flash" é irradiado às 13 horas, pela Radio Educadora de Uberlândia. Irmã Maria Lazara Fioroni comunica que foram dirigidos ao Senhor Prefeito Municipal, Geraldo Motta Baptista, dois requerimentos, solicitando área na cidade universitária de Uberlândia, cidade esta criada pela Lei Municipal 783, de 24 de outubro p.p. Outro, requerendo o auxílio de trezentos mil cruzeiros, também enquadrado na referida lei. O Sr. Prefeito, Geraldo Motta Baptista acompanhou com grande interesse a criação da faculdade, colocando a prefeitura à disposição dos serviços necessários para que a obra atingisse o seu fim satisfatório.

Em 12 de novembro de 1959, o jornal "Correio de Uberlândia", publica na página de rosto, em tipo de grande destaque, o artigo que damos a seguir:  
"Faculdade de Filosofia de Uberlândia também funcionará em 1960."

Em 18 de novembro de 1959, Dr. Jurandyr Loddi, Diretor do Ensino Superior, baixa portaria nomeando inspetor da Faculdade de Filosofia, Dr. Paulo Emilio de Oliveira e Cruz. Nesta data, a Faculdade recebe telegrama do Dr. Rondon Pacheco, Deputado Federal, comunicando o auspicioso acontecimento: "Comunico prezadas amigas foi assinada portaria nomeação inspetor. Parabéns, abraços. Rondon Pacheco."

A documentação da Faculdade entra no Ministério da Educação graças ao interesse e dedicação do Dr. Paulo Emilio de Oliveira e Cruz, que a leva pessoalmente ao Rio, do Dr. Rondon Pacheco, que atento ao processo, protege politicamente a obra e de Irmã Teodora Sampaio, que, no Rio de Janeiro, acompanha o processo de autorização do funcionamento.

Em 20 de novembro de 1959, foi dirigido ofício ao presidente da Instituição Uberlandense de Ensino, Sr. Antonio Luiz Bastos, propondo-lhe a incumbência da realização dos cursos preparatórios aos exames de habilitação à Faculdade de Filosofia, que funcionaram anexos aos da Faculdade de Direito. A aula inaugural desses cursos foi proferida pelo Sr. Dr. Milton Grandinetti, Meritíssimo Juiz de Direito da 2ª vara, que dissertou, magistralmente, sobre o tema "Unidade", abordando largamente, sobre os aspectos teológico, filosófico e social.

Em 6 de dezembro de 1959, por ocasião da formatura do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora, Dr. Jacy de Assis, a pedido da Diretoria do Colégio e em nome desta, prestou homenagem e agradeceu ao Dr. Rondon Pacheco, pelo

muito que vinha trabalhando em prol da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Direito. O ilustre político uberlandenses, agradecendo a homenagem, manifestou, em termos de grande elevação, a profunda estima que tem à Faculdade de Filosofia, garantindo ser ela, no futuro, o esteio da cultura de Uberlândia.

#### HOMENAGEM AO DR. RONDON PACHECO, POLÍTICO CERTO NAS HORAS CERTAS:

No dia 7 de dezembro de 1959, a Instituição Uberlandense de Ensino, através da Faculdade de Direito e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, prestou homenagem ao ilustre Dr. Rondon Pacheco, Deputado Federal. Nesta solenidade falaram em nome da Instituição e das respectivas Faculdades, o Exmo. Sr. Dr. Ciro de Castro Almeida e o Prof. Osvaldo Vieira Gonçalves, expressando ao homenageado toda a gratidão que era merecedor pelo muito que fez em benefício das duas escolas superiores, ressaltando sua integridade moral e brilhante atuação no cenário político do país.

#### AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO

Em 11 de dezembro de 1959 chega a magnífica notícia. Às 23 horas foi transmitida pelo Dr. Jacy de Assis, através de telefonema do Rio de Janeiro, que as Faculdades de Direito e Filosofia de Uberlândia haviam alcançado esplêndida vitória: os processos de obtenção e autorização de funcionamento haviam sido unanimemente aprovados pelo Conselho Nacional de Educação. No dia seguinte, às 6 horas, Ir. Teodora Sampaio telefonou para Irmã Maria Lazara Fioroni, confirmando a notícia que já havia sido transmitida pelo Dr. Jacy de Assis.

#### ALTO-FALANTE NA CIDADE ANUNCIA A MAGNA NOTÍCIA

No mesmo dia, 11 de dezembro de 1959, pelas ruas da cidade, um alto-falante anunciava a magna vitória, concitando os uberlandenses à alegria e a sentimentos de triunfo e de esperança no progresso cultural de Uberlândia.

#### DECRETO DE AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA E DE SEUS CURSOS DE LETRAS E DE PEDAGOGIA.

Em 19 de dezembro de 1959, o Sr. Ministro da Educação, Dr. Clovis Salgado, homologou o Parecer do Conselho Nacional de Educação, aprovando os cursos da Faculdade de Filosofia. O Decreto nº 47.736, de 2 de fevereiro de 1960, foi assinado pelo Sr. Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira.

#### PRIMEIRA DIRETORIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretora	Ir. Maria Lazara Fioroni
Vice-Diretora	Ir. Ancilla Stucchi
Secretária	Ir. Altimira Ana Sigríst
Tesoureira	Ir. Isabel Ribeiro

#### PRIMEIRO QUADRO DE PROFESSORES DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA:

. Saint-Clair Netto	- Língua Portuguesa e Filologia Românica
. Pe. Mário Forestan	- Língua e Literatura Latina
. Zeny Vaz de Souza	- Língua e Literatura Francesa
. Ancilla Stucchi	- Língua e Literatura Espanhola
. Osvaldo Vieira Gonçalves-	Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira
. Frei Adalberto Tarallo	- Língua e Literatura Italiana
. Laura Chaer	- Literatura Hispano-Americana

- . Gunther Brune - Língua e Literatura Alemã
- . Yuki Kawano Pucci - Língua e Literatura Inglesa
- . José Eduardo de Assis - Língua e Literatura Norte-Americana
- . Yone Vicente Gomes - Complementos de Matemática
- . Pe. Antonio Thomaz Fialho - História da Filosofia
- . Beatriz de Paiva Tavares - Fundamentos Biológicos da Educação
- . Ir. Maria Lazara Fioroni - Psicologia Educacional
- . Lourdes Rabelina - Estatística Educacional,
- . Pe. Gervário Basini - Administração Escolar e Educação Comparada
- . Maria do Rosário Cunha - História da Educação
- . Durval Garcia - Filosofia da Educação e Introdução à Filosofia
- . Pe. Thomaz de Aquino Prata - Sociologia

**Professores Assistentes:**

- . Cacilda Rodrigues Souza - Língua e Literatura Francesa
- . Leusa Martins da Costa - Língua e Literatura Francesa
- . Elena Ochoa - Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americana
- . Lelis Ferreira Chaves - Sociologia Geral e da Educação
- . Geralda Maria Guimarães Rodrigues - História da Educação
- . Anna de Jesus d'Assunção - Língua e Literatura Francesa

**PRIMEIRA REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DE PROFESSORES DA FACULDADE DE FILOSOFIA**

No dia 16 de fevereiro de 1960, reuniram-se pela primeira vez os membros da Congregação dos Professores, sob a presidência da Ir. Maria Lazara Fioroni.

Estavam presentes: Pe. Mário Forestan, Pe. Durval Garcia, Pe. Antonio Thomaz Fialho, Gunther Brune, Leusa Martins da Costa, Cacilda Rodrigues de Sousa, Beatriz Paiva Tavares, Elena Ochoa, Saint-Clair Netto, Lelis Ferreira Chaves, José Eduardo de Siqueira Assis, Pe. Gervásio Basini, Geralda Maria Guimarães Rodrigues, Osvaldo Vieira Gonçalves, Yone Vicentini Gomes e Frei Adalberto Maria Tarallo. Nesta reunião, os professores presentes fizeram o seguinte juramento: "Prometo cumprir com lealdade e dignidade os direitos de professores, respeitando as exigências legais e o ideal do ensino superior". E assinaram o termo de posse, no livro próprio.

### PRIMEIRO CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

- . Diretora . Ir. Maria Lazara Fioroni
- . Vice-Diretora . Ir. Ana de Jesus D'Assunção
- . Professores : Pe. Mário Forestan, Pe. Durval Garcia, Beatriz de Paiva Tavares e Saint-Clair Netto.

A nova Diretoria, com a substituição da Vice-Diretora, ficou assim constituída:

- . Diretora - Ir. Maria Lazara Fioroni
- . Vice-Diretora - Ir. Anna de Jesus D'Assunção
- . Secretária - Ir. Altimira Anna Sigríst
- . Tesoureira - Ir. Isabel Ribeiro

No dia 22 de fevereiro de 1960, foi realizado o 1º exame vestibular, que aprovou 22 alunos para os cursos de Letras Neo-Latina, Anglo-Germânicas e Pedagogia.

### PRIMEIRA AULA INAUGURAL

Realizada no dia 11 de março de 1960, proferida pelo Prof. Francisco Ribeiro Sampaio, da cadeira de Língua Portuguesa da PUC de Campinas, que abordou o tema " Santa Tereza de Ávila- Sua Mistica – Seu Estilo ".

### BÊNÇÃO DO PRÉDIO DA FACULDADE

Em 12 de março de 1960, Monsenhor Eduardo Antonio dos Santos, amigo das primeiras horas, benzeu o novo prédio onde iria funcionar a Faculdade. Neste ato, falou o Dr. George Tormin Borges, ressaltando a importância histórica e cultural do acontecimento para a vida de Ubertândia.

### INÍCIO DAS AULAS

14 DE MARÇO DE 1960.

### CRIAÇÃO DO DIRETÓRIO ACADÊMICO BRASÍLIA

Em 7 de junho de 1960, foi criado o Diretório Acadêmico Brasília, no ano da inauguração e em homenagem à nova capital federal. Na mesma data, foi criado o jornal ALVORADA, órgão estudantil. A organização do 1º Diretório ficou sob a responsabilidade da aluna Ledy Chaves, do Curso de Pedagogia, que foi sua primeira Presidente.

### NOMEAÇÃO DO PRIMEIRO INSPETOR FEDERAL DA FACULDADE

No mesmo mês, foi nomeado Inspetor Federal da Faculdade, Dr. Adhemar de Freitas Macedo.

### SEGUNDA REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DOS PROFESSORES

Nesta reunião, realizada no dia 2 de setembro de 1960, com a presença de um novo professor, Celso Corrêa dos Santos. O assunto principal foi o de como desenvolver nos alunos o espírito universitário, dando relevo aos trabalhos de pesquisa, os seminários e o incentivo da Biblioteca, já enriquecida de novos volumes.

### PERÍODO DE TRANSIÇÃO E MUDANÇA DA DIRETORIA

Em janeiro de 1962, por motivos circunstanciais, inerentes à Faculdade de Filosofia e ao Colégio Nossa Senhora, a Madre fundadora da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, Maria Vilac, achou por bem transferir Madre Emilia Ribeiro e Ir. Maria Lazara Fioroni para Campinas, SP. Para a direção do Colégio Nossa Senhora e Coordenação da Comunidade das Irmãs foi nomeada Me. Maria de Lourdes Santos.

Em 11 de março de 1962, transferida da cidade de Campinas, SP, chega Ir. Ilar Garotti, nomeada Diretora da Faculdade pela Fundadora da Congregação das Irmãs Missionárias, Me. Maria Vilac, em substituição à Ir. Maria Lazara Fioroni.

#### NOMEAÇÃO DA SEGUNDA DIRETORIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA

Em 11 de junho de 1962, Madre Maria de Lourdes Santos, Presidente do Instituto Social de Instrução e Caridade, Entidade Mantenedora da Faculdade, dá posse à Ir. Ilar Garotti, como diretora da Faculdade, em reunião dos professores. Ficou assim constituída a segunda Diretoria:

. Diretora	- Ir. Ilar Garotti
. Vice-Diretora	- Ir. Anna de Jesus D'Assunção
. Secretária	- Ir. Maria Leticia Baptista Pereira
. Tesoureira	- Ir. Lucilia Affonso de Souza

Em 1962, após concluir os seus estudos de Pós-Graduação em Paris, França, passa a integrar a Congregação dos Professores, a Ir. Maria Aparecida Borges Monteiro.

#### COLAÇÃO DE GRAU DA PRIMEIRA TURMA DOS CURSOS DE LETRAS: NEO-LATINAS E PEDAGOGIA

Em dezembro de 1963, colou grau a primeira turma dos alunos dos cursos acima mencionados:

##### LETRAS: NEO-LATINAS

- . Ana Maria Macedo
- . Marina Ribeiro Muniz
- . Oly-Mar Castilho Alves
- . Terezinha Moreira
- . Therezinha Guerreiro

##### PEDAGOGIA:

- . Ione Monteiro Coelho
- . Licy Chaves
- . Lúcia Helena Borges
- . Luzélia Finotti
- . Maria de Lourdes de Miranda

#### PARANINFO DA PRIMEIRA TURMA

O Paraninfo desta primeira turma foi o Prof. Osvaldo Vieira Gonçalves, que, mais uma vez, destacou os benefícios da fundação da Faculdade. Suas palavras finais foram as seguintes:

“ Segui, meus amigos, vosso destino. Ao vosso lado, tendes vossa juventude e vossa fé. De vossa vida fazei um exemplo de trabalho construtivo. Reparti ,com vossos semelhantes, o que levais desta escola. E, certamente, amando Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos, estareis pondo em prática os mais sábios ensinamentos da Sagrada Escritura e que refletem, simplesmente, normas oriundas de uma sabedoria que transcende os homens e os tempos.”

Em outubro de 1963, após concluir estudos de pós-graduação em Paris, França, chega a Uberlândia a profª Ir. Odélcia Leão Carneiro, para lecionar Língua e Literatura Francesa, na Faculdade.

#### RECONHECIMENTO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA

O ano de 1964 foi marcado pelo reconhecimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia e de seus cursos de Letras: Neo-Latinas e Pedagogia, pelo Decreto nº 53.477, de 12 de janeiro de 1964, assinado pelo Presidente João Goulart.

#### COLAÇÃO DE GRAU DA PRIMEIRA TURMA DO CURSO DE LETRAS:ANGLO GERMÂNICAS

Durante três anos, de 1961 a 1963, a Faculdade manteve o Curso de Letras: Anglo-Germânicas, apenas para uma aluna : MARIA LUIZA BRAGA, a fim de que o mesmo não fosse desativado. No último ano, em 1964, recebeu, por transferência da PUC-Campinas, a aluna Maria Amélia de Castro Serra.



Assim é que, além dos dois cursos já existentes: Letras e Pedagogia, foram criados os cursos de:

. História	- 1965
. Matemática	- 1967
. Ciências – Lic. 1º Grau	- 1970
. Geografia	- 1971
. Estudos Sociais – Lic. 1º grau	- 1972
. Ciências Biológicas	- 1972
. Química	- 1974
. Psicologia	- 1975

Cursos fora da sede: Monte Carmelo- MG, coordenados pela Profª Maria do Rosário Curado:

. Pedagogia- Lic. 1º grau	- 1975
. Letras: Português-Ingles-Lic.1º grau	- 1975
. Estudos Sociais –Lic. 1º grau	- 1975
. Ciências – Lic. 1º grau	- 1975

Durante este período, a média anual de alunos era de 1500 , com cerca de 70 professores, que compreendendo a dignidade da causa, davam o melhor de si, não medindo esforços e, muitas vezes com grande sacrifício, empenhando-se em um trabalho merecedor dos maiores elogios, pela seriedade, competência e dedicação com que o realizaram.

#### CURSOS DE EXTENSÃO

Além da preocupação com o ensino e a pesquisa, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia sempre proporcionou aos seus alunos e à comunidade, incentivo à atualização e ao aperfeiçoamento, através de cursos de extensão, para os quais, trazia professores e personalidades ilustres do cenário nacional, em suas diversas áreas. Assim, estiveram aqui, ministrando estes cursos, além de outros:

Alceu de Amoroso Lima ( que proferiu a segunda aula inaugural dos cursos, em 1964); Monsenhor Juvenal Arduini, Dom Agnelo Rossi , Dr. Paulo Sawaya, Juarez Távora, Omar Lima Quintana ( Argentina ), Julio Vilela (Peru), Osvaldo Simone ( Argentina ), Maria Algeny Menezes (MEC), Mário Cortez ( Bolívia ), Mário Folchi ( Argentina ), Clovis Salgado (MEC),

Abreu Sodré ( Governador de São Paulo ), Dr. Rondon Pacheco ( Governador de Minas Gerais ), Newton Sucupira (Conselho Nacional de Educação), Saulo Monte Serrat, Atiço Vilas Boas, Francisco Iglesias, Norma Góes Monteiro, Sylvia Ortoff, M. André Souvestre ( Embaixada da França), M. Gerard Boely ( Embaixada da França ), M. André Treché ( Embaixada da França ), Cecília de Lara , Eduardo Prado de Mendonça , Pedro Parafita de Bessa , Pedro Aleixo ( Ministro ) , Maria Luiza Marcilio (USP), Adonias Filho ( Academia Brasileira de Letras ), Mário Palmério ( Academia Brasileira de Letras ), Clarice Lispector , Pe. Oscar Gonzáles Quevedo, Antonio Valdir Biscaro, Odilon Nogueira de Mattos, Salma Muchail (PUC-SP) Gabriel Antonio Simão, Maria Junqueira Schimidt, Ramon Villar Paisal, Luiz Tomazi, Simon Liu, Leonardo Smeele, Francisco Guerra Terra, Jarbas Passarinho ( Ministro ) , Tarso Dutra ( Ministro ), Dinah Silveira de Queiroz ( Academia Brasileira de Letras).

#### **BOLSAS DE ESTUDO**

Durante este período, a direção da Faculdade esteve sempre atenta para que nenhum aluno abandonasse o curso, por falta de recursos. Assim, teve a ajuda sempre presente do Deputado Homero Santos. Nos primeiros anos, patronos ofereceram bolsas a diversos alunos.

Estes beneméritos, foram: Virgílio Galassi, Joaquim Fonseca e Silva, Geraldo Migliorini, Renato Humberto Calcagno, Messias Pedreiro, Elias Simão, Antonio Luiz Bastos, Odilon Custódio Pereira, Nelson Mendonça, Hélvio Cardoso, Sexto Testa, José Zacharias Junqueira, Jorge Labeca, Gulomar de Freitas Costa, Guiomar Fernandes dos Santos, Raul Pereira de Rezende, José Thomaz de Rezende, Clarinda Cândida de Rezende, Amélio Marques, Benedito Nazário, Espir Abib Attux, Valtercides Borges de Sá, Edson Garcia Nunes , José Rezende Ribeiro, Galeno de Andrade Santos, Célio Leão Borges, Joaquim Theodoro dos Santos, Fausto Ribeiro Marquez, Mário Resende Ribeiro e José Guerra.

## O ESCUDO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

### “ VERITAS LIBERABIT VOS “

Olhando-o de frente você verá uma TOCHA e um LIVRO. A TOCHA, tomamos como símbolo da FÉ que deverá iluminar a CIÊNCIA, para que o LIVRO que contém as chaves das pesquisas, se abra à sua inteligência, numa continuação integral da VERDADE! Assim, você será esclarecido, contribuindo para o progresso e firmado no centro indestrutível desta VERDADE que nos liberta e nos conduz à prosperidade!

À sua esquerda, temos o CALVÁRIO! O CALVÁRIO, presente no nosso Escudo, vem lembrar que a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, foi iniciativa das Missionárias de Jesus Crucificado. Como você já percebeu, Jesus Crucificado, nos lembra imediatamente o CALVÁRIO, cenário sublime da presença da Igreja, dispensadora das Riquezas de Cristo! O CALVÁRIO é o testemunho precioso da missão legada às nossas vidas: difundir no Mundo, na Pátria e na Família, o Amor à VERDADE!

Coroando o Escudo, você vê uma FLOR DE LIS! É o símbolo de Maria Santíssima, a quem foi confiada a Faculdade, na certeza de que Ela a assistirá de perto, para que possamos trabalhar na realização de nosso IDEAL, alicerçando-o no nosso LEMA: “ VERITAS LIBERABIT VOS! Sim, a VERDADE VOS LIBERTARÁ . Esta verdade, nós a encontraremos em DEUS!

### IDEALIZADORES DO ESCUDO:

Madre Maria Vilac – Geral das Missionárias de Jesus Crucificado  
 Madre Conceição de Freitas Mendes – Provincial das Missionárias  
 Madre Rita Amarantes – Conselheira da Província das Missionárias  
 Prof. Santo Puglisi ( Frei Antonino )  
 Profª Ir. Odécia Leão Carneiro  
 Profª Ir. Ilar Garotti

A década de 60-70 marcou a criação das primeiras Faculdades em Uberlândia. Junto com a Faculdade de Filosofia, nasceu a de Direito, que também iniciou as suas aulas no ano de 1960.

Em 1963, foi criada a Faculdade de Ciências Econômicas; em 1965, a Faculdade de Engenharia. A Faculdade de Medicina, em 1968 e a Faculdade da Artes, em 1969, integrada pelos Cursos Superiores do Conservatório Musical de Uberlândia, fundado no ano de 1957, cursos estes reconhecidos no ano de 1967.

Estas cinco Instituições de Ensino Superior: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia ( 1960), Faculdade de Direito de Uberlândia ( 1960), Faculdade de Ciências Econômicas de Uberlândia ( 1963) , Faculdade Federal de Engenharia de Uberlândia ( 1965) e Faculdade de Artes de Uberlândia (1969), formaram a UNIVERSIDADE DE UBERLÂNDIA, criada pelo Decreto-Lei nº 762, de 14 de agosto de 1969, dando novos rumos ao ensino superior em Uberlândia região.

Novas Instituições de Ensino Superior surgiram: Faculdade de Odontologia ( 1970), Faculdade de Medicina Veterinária (1971) e Faculdade de Educação Física (1972). Estas três Faculdades passaram a integrar a Universidade de Uberlândia em 11 de dezembro de 1972 e a Escola de Medicina e Cirurgia passou a integrá-la a partir de seu reconhecimento ,em agosto de 1974

Criada a Fundação Universidade de Uberlândia, foi seu primeiro presidente, o Prof. Milton de Magalhães Porto, que exerceu o cargo até a federalização da Universidade e durante o mandato dos quatro primeiros Reitores:

- . Genésio de Melo Pereira
- . Domingos Pimentel de Ulhôa
- . Juarez Altafin
- . José de Paulo Carvalho ( Pro-Tempore).

Com a federalização, foram nomeados, pelo Sr. Presidente da República, os Reitores:

- . Gladstone Rodrigues da Cunha Filho ( também professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia )
- . Ataulfo Marques Martins da Costa ( ex-aluno do Curso de Letras: Português-Inglês , da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia).

### TRANSFERENCIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA PARA OS CAMPI SANTA MÔNICA E UMUARAMA

Em 1977, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras instalou-se definitivamente nos campi Santa Mônica e Umuarama, pois seus cursos passaram a pertencer aos 3 Centros da Universidade:

HUMANAS	EXATAS	BIOMÉDICAS
Pedagogia	Matemática	Ciências Biológicas
Letras: Português-Inglês	Química	
Letras: Português-Francês		
História		
Geografia		
Estudos Sociais		
Psicologia		

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras se “diluiu” nos 3 Centros que são o “ponto de encontro” onde as mentes se iluminam, as vontades se fortalecem e a pessoa humana se realiza na sua plenitude ontológica e social.

### DIRETORA PRO-TEMPORE DA FACULDADE

Em 1977, após 15 anos como Diretora, quando a Faculdade se integrou à Universidade, não apenas didaticamente, mas, também administrativamente, Ir. Ilar Garotti entrega a direção à Ir. Odélcia Leão Carneiro, nomeada diretora “pro-tempore”, pelo então Reitor “pro-tempore”, Prof. João de Paulo Carvalho.

A professora Odélcia Leão Carneiro, compreendendo que a Universidade se estruturava em três Centros e que nos Centros, o Departamento, embora sendo a menor fração era a única entidade que tinha existência real na Universidade, preparou os seus Chefes para que, efetivamente, assumissem as suas funções de Chefia.

E, neste ano de 1977, e com este espírito de abertura, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras cumpriu a sua missão de entregar à cidade uma Escola

Superior e à Universidade os 10 cursos responsáveis pelo estudo de diversas áreas do conhecimento humano, para que eles estivessem presentes nos três Centros, respondendo à solicitação que lhe fora feita em 1959, pelo grupo de intelectuais da cidade, quando procuraram o Colégio Nossa Senhora, confiando a criação da Faculdade ao dinamismo e à inteligência de Ir. Maria Lazara Fioroni.

A semente lançada em terra fértil fortificou-se e integrou-se à Universidade que hoje domina a seara da magnífica Uberlândia, como bem o profetizou Me. Maria Vilac. Confiando mais em Deus do que na técnica e nos meios humanos, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia realizou o seu objetivo, anunciando, através da cultura, o mistério do reino de Deus entre os homens.

Finalizando este histórico, o nosso pensamento se eleva a Deus, num gesto de gratidão e amor filial, pedindo-Lhe as graças e bênçãos necessárias para o prosseguimento desta grandiosa obra que é a Universidade Federal de Uberlândia.

E neste instante, nossa sincera homenagem acompanhada de profundo agradecimento a duas pessoas que foram as colunas mestras da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia: MADRE MARIA VILAC (In memoriam) e IR. MARIA LÁZARA FIORONI ( In memoriam ).

Se Madre Maria Vilac teve a agudeza de inteligência ( *intus-legere* ) e soube ler através dos acontecimentos a vontade do povo de Uberlândia, concedendo todas as licenças para que a Faculdade fosse criada, Ir. Maria Lazara Fioroni teve a coragem e a audácia de executar o ato da fundação, atitude que só se encontra em grandes personalidades.

À nossa Madre Maria do Calvário ( Maria Vilac) e à Ir. Maria Lazara Fioroni , a gratidão da cidade de Uberlândia e da sua Universidade Federal.

ILAR GAROTTI

## RELAÇÃO DOS PROFESSORES DO CURSO DE LETRAS

- . Frei Adalberto Maria Tarallo
- . Aldo Luiz Belagamba Colesanti
- . Ana Lucia Nardi Arruda
- . Ir. Ancilla Stucchi
- . Ir. Anna de Jesus d'Assunção
- . Mons. Antonio Afonso da Cunha
- . Pe. Antonio Thomaz Fialho
- . Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha
- . Bilá Salazar Drumond
- . Cacilda Rodrigues Souza
- . Carlos Antonio do Vale
- . Célia de Assunção Figueiredo
- . Creusa Resende
- . Darly Rodrigues de Paula
- . Pe. Durval Garcia
- . Elaine Borges Ribeiro
- . Elena Ochoa
- . Elizabeth Ribeiro Franco
- . Elizabeth Espir Abib
- . Fioravanti Marta
- . Giovanni Ferreira Pitillo
- . Gunther Brune
- . Iolanda de Lima Freitas
- . Ivany de Castro Bandeira
- . Jacy Pereira Guimarães
- . Pe. João Biagioni
- . João Rodrigues de Freitas
- . Johann Georg Kurtz
- . John Joe O'Connell
- . Jorcelina Queiroz Azambuja
- . Pe. José Antonio Van Den Boomen
- . José Eduardo de Siqueira Assis
- . José Olimpio de Magalhães
- . José Pires de Oliveira
- . Kátia Marques da Silva
- . Laura Chaer
- . Leusa Martins da Costa
- . Luiz Carlos Costa

- . Luiz Carlos Travaglia
- . Luiz Covello
- . Mabel Bernardes de Freitas
- . Mafalda Januzzi Cunha
- . Manuel Cardoso
- . Márcia Helena Bocchat Alves Fernandes
- . Margaret Abdulmassih Wood da Silva
- . Maria Célia Cence Lopes
- . Maria Elizia Azevedo Silva
- . Maria Helena Santos Araújo
- . Maria Ivonete Santos Silva
- . Maria Luiza Braga
- . Mariano Parziale
- . Maria Teonila de Faria Alvim
- . Maria Terezinha Cunha
- . Pe. Mário Forestan
- . Marly Bernardes de Araujo
- . Maura Alves de Freitas Rocha
- . Naima Andrade Chaves
- . Nazira Chueiri
- . Neida Junqueira Matos
- . Neila Soares de Faria
- . Neuza Gonçalves Travaglia
- . Nilza Alves de Oliveira
- . Noel E. Hutching
- . Ir. Odélcia Leão Carneiro
- . Odete Maria Álvares
- . Olinda Martins Moraes
- . Osvaldo Freitas de Jesus
- . Osvaldo Vieira Gonçalves
- . Raimundo Aires de Menezes
- . Roberto Daud
- . Rosa Yoshiko Mochidome
- . Saint-Clair Netto
- . Santo Puglisi ( Frei Antonino )
- . Shirley de Fátima Cunha Alves
- . Terezinha de Melo
- . Terezinha do Carmo Hortêncio
- . Terezinha Maria Moreira
- . Therezinha Caiado
- . Pe. Thomaz de Aquino Prata
- . Valdemar Ribeiro Filho



- . Vânia Maria Bernardes Arruda
- . Vicente Eustáquio de Almeida
- . Waldenor Barros Moraes Filho
- . Yuki Kawano Pucci
- . Zeny Vaz de Souza
- . Zuleika Costa Pereira

## DIRETRIZES NORTEADORAS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE UBERLÂNDIA

### 1) POLÍTICA DE MEIOS E FINS

A Faculdade de Filosofia sempre teve como fim, o aluno. E quando se fala em aluno, duas vertentes são importantes:

- . o interesse
- . a necessidade

O aluno tem interesses e a Instituição tem de satisfazer-lhes as necessidades.

Se o fim é o aluno ele deve ser o centro das atenções. A Universidade corre o seu maior perigo, quando o aluno deixa de ser o fim da Instituição.

A administração é um meio essencial para se manter viva a chama do ideal e alimentar os objetivos propostos. E toda vez que se perde o rumo da **política de meios e fins**, a Instituição está em um processo de disfunção de seus objetivos.

### 20) CAPACITAÇÃO DOS PROFESSORES

Dos professores sempre se exigiu :

- . COMPETÊNCIA
- . SERIEDADE
- . DEDICAÇÃO

A Faculdade de Filosofia encaminhou muitos dos seus professores para cursos de pós-graduação, **lato sensu** e **stricto sensu**, tendo sido pioneira neste sentido. A capacitação ajudou os professores a manter viva a atualização no desenvolvimento do ensino, no progresso científico da pesquisa e na promoção da extensão, que constituem o tripé da Universidade.

### 2) PROCESSO TEORIA E PRÁTICA

#### A FRATERNIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

A incorporação de valores como: **diálogo**, **solidariedade** **reciproca** constituem o fundamento do novo olhar sobre a educação.

O bom relacionamento Professor-aluno-funcionários, colocados na prática de uma convivência sadia, culmina numa atuação pedagógica que mantém vivo o ideal educacional.

O espírito mútuo, a aceitação do outro, enfim, o desenvolvimento do **amor-doação**, constituem o alicerce de todo o trabalho de equipe, porque:

- . a inteligência sem amor te faz perverso,
- . o êxito sem amor, te faz arrogante,
- . a beleza sem amor, te faz fútil,
- . o trabalho sem amor, te faz escravo
- . a autoridade sem amor, te faz tirano,
- . a lei sem amor, te escraviza,
- . a política sem amor, te deixa egoísta,
- . a fé sem amor, te deixa fanático.

Enfim,

**A vida sem amor não tem sentido.**

Tudo isto sempre constituiu a tônica dos trabalhos realizados na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Uberlândia.

Ir. Ilar Garotti

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)